



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

CENTRO DE HUMANIDADES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA

MESTRADO ACADÊMICO EM LINGUÍSTICA APLICADA

THAÍS HELENA MIGUEL PEREIRA

**“I AM SOMEBODY”: ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO PUBLICITÁRIO DO
MOVIMENTO *STREET CHILD WORLD CUP***

FORTALEZA – CEARÁ

2015

THAÍS HELENA MIGUEL PEREIRA

“I AM SOMEBODY”: ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO PUBLICITÁRIO DO
MOVIMENTO *STREET CHILD WORLD CUP*

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Linguística Aplicada. Área de Concentração: Linguagem e Interação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos.

FORTALEZA – CEARÁ

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Pereira, Thaís Helena Miguel.

"I am somebody": Análise crítica do discurso publicitário do movimento Street Child World Cup [recurso eletrônico] / Thaís Helena Miguel Pereira. - 2015.

1 CD-ROM: il.; 4 ¾ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 128 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2015.

Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientação: Prof.^a Dra. Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos.

1. Criança de rua. 2. Identidade. 3. Discurso. I. Título.

THAÍS HELENA MIGUEL PEREIRA

“I AM SOMEBODY”: ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO PUBLICITÁRIO DO MOVIMENTO STREET CHILD WORD CUP

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de Concentração: Linguagem e Interação

Aprovada em: 04 / 03 / 2015.

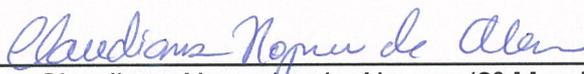
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Leticia Adriana Pires Ferreira dos Santos (Orientadora)
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Profa. Dra. Marcela Magalhães de Paula (1º Membro)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB



Profa. Dra. Claudiana Nogueira de Alencar (2º Membro)
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Aos milhares de meninos e meninas que protagonizam nas ruas histórias de terror que fingimos não ver.

Ao meu menino, Lorenzo, tomando de empréstimo Victor Hugo: "desejo que você descubra, com o máximo de urgência, acima e a respeito de tudo, que existem oprimidos, injustiçados e infelizes, e que estão à sua volta". E que, ao se perceber privilegiado, seja corajoso para questionar e agir.

AGRADECIMENTOS

A Deus, razão de todas as coisas.

Ao meu filho, Lorenzo, que, mesmo tão pequeno, soube compreender com doçura minhas ausências frequentes e leituras intermináveis.

Aos meus pais, Alice e Ubiratan, que, mais do que a vida, me deram a capacidade de buscar o caminho do bem.

Ao meu irmão e à minha cunhada, que partilham minha rotina e tanto têm me ajudado, especialmente no amor que dedicam ao meu filho.

À minha família, hoje fisicamente tão distante, mas sempre muito presente no meu coração.

À querida Linguinha, amiga pra toda vida, um anjo que Deus escolheu para mim, sempre tão atenta e disponível.

À Laryssa, pela revisão deste trabalho, pela parceria e por me ensinar diariamente que a felicidade é uma escolha.

Ao Marcos, pelo carinho, por toda a ajuda e pelas muitas histórias que colecionamos juntos.

Ao Robson e a Emília, pela amizade e pela colaboração neste trabalho.

Ao Sistema Ari de Sá, pela compreensão e auxílio durante a conclusão desta pesquisa, em especial a Georgia Marinho e aos colaboradores da minha equipe. A todos os amigos que lá preenchem as minhas horas com grandes projetos e muitas risadas.

Aos amigos da Simmetria Comunicação, Tarcísio, Derlange, Caio, Julyanna e Julyta, pelo inesquecível apoio nos últimos anos. A vocês, minha gratidão eterna.

Aos meus companheiros de trabalho na secretaria do Centro de Humanidades, da Universidade Estadual do Ceará, sempre tão solidários às minhas necessidades, pelas horas alegres que compartilhamos durante o ano em que ali trabalhei.

À professora Letícia Adriana, minha orientadora, por me acolher como uma filha e me ensinar a ser uma pessoa melhor. Por, mesmo diante de tantos e tantos obstáculos, continuar levando um sorriso no rosto, inspirando todos que cruzam seu caminho. Uma vida seria pouco para retribuir.

À professora Claudiana, por aceitar os convites para as bancas de Qualificação e Defesa, e por inspirar todos nós com seu olhar crítico e engajado. Ao mirar seu exemplo, nós avançamos para um mundo melhor.

À professora Marcela, por aceitar nosso convite para a banca de Defesa e por ser um modelo de dedicação e esforço.

À professora Suelene, por compor nossa banca como suplente e por representar a gentileza e a doçura no exercício da sua profissão.

Ao professor João Batista, pela participação na banca de Qualificação e pelas orientações e reflexões, tão organizadas, que contribuíram de forma decisiva para o resultado final deste trabalho.

À professora Aluíza pela gentileza e pelo carinho durante a realização de meu estágio de docência e por me ensinar, com seu exemplo, a arte de lecionar.

Às professoras Rozânia, Dilamar, Cibele, Claudiana, Dina e aos professores Luciano e João Batista pelas excelentes aulas, que descortinaram muitas possibilidades.

À Coordenação do Posla e à secretária Keiliane, uma marca registrada do profissionalismo desse programa.

Às amigas Adriana e Edmar, sempre garantia de boas risadas e ouvidos atentos, e aos amigos Dawton e Ítalo, tão diferentes entre si, e, ao mesmo tempo, tão cuidadosos e preocupados comigo. À amiga Ludovica, pela inspiração. Ao amigo Rodrigo, por todas as risadas, mas também por me amparar quando eu mais precisei.

Aos amigos de São Paulo, tantos e tão queridos que não poderia nomear, por seguirem meus passos à distância e me encherem de saudades e boas lembranças.

“A criança é o princípio sem fim. O fim da criança é o princípio do fim. Quando uma sociedade deixa matar as crianças é porque começou seu suicídio como sociedade. Quando não as ama é porque deixou de se reconhecer como humanidade. [...]

Se não vejo na criança uma criança é porque alguém a violentou antes e o que vejo é o que sobrou de tudo o que foi tirado. Mas essa que vejo na rua sem pai, sem mãe, sem casa, cama e comida, essa que vive a solidão das noites sem gente por perto, é um grito, é um espanto. Diante dela, o mundo deveria parar para começar um novo encontro, porque a criança é o princípio sem fim e o seu fim é o fim de todos nós.”

(Herbert de Souza, sociólogo)

RESUMO

Neste trabalho, buscamos compreender de que forma o movimento *Street Child World Cup* (SCWC) pretende operar, por meio discursivo, para uma mudança nas identidades de crianças e jovens que vivem nas ruas. Para tanto, apoiamos nossas reflexões na Análise do Discurso Crítica (ADC), mais detidamente nos escritos de Fairclough, e nos estudos sobre identidade (Hall, Archer e Castells). Procuramos discutir também pontos inerentes à nossa problemática, tais como neoliberalismo, falência do Estado de bem-estar social, globalização, opressão, infância de rua, terceiro setor e publicidade no terceiro setor. Nossa metodologia, organizada de acordo com os parâmetros estabelecidos por Chouliaraki e Fairclough, se pautou na análise de vídeos publicitários produzidos e distribuídos pelo movimento SCWC e de um texto de justificativa da campanha publicitária adotada pelo movimento. Na análise, foram consideradas as falas do próprio movimento e das crianças por ele atendidas e mediadas. Dentro do escopo da ADC, priorizamos a análise do significado identificacional e das categorias modalidade e avaliação. Como resultado, pudemos perceber que o movimento procura modificar a percepção que a sociedade tem das crianças e jovens de rua por meio de um discurso que responde implicitamente a adjetivos pejorativos normalmente associados a essas crianças e pela utilização massiva de léxico positivo. Com esse objetivo, o movimento utiliza diversos recursos de modalização, como forma de reafirmar seguidamente seu compromisso em termos epistêmicos e deônticos com a causa em que atua. Além disso, emprega com frequência o gênero testemunhal, ao exibir as crianças contando suas próprias histórias, em formato de minidocumentário. Essa estratégia é eficiente para estabelecer laços de empatia entre o espectador e as crianças, que passam a agir como representantes de todas as outras crianças de rua do mundo. Colaboram para esse resultado, a utilização de diversos recursos semióticos, alguns deles pontuados neste trabalho.

Palavras-chave: Criança de rua. Identidade. Discurso.

ABSTRACT

In this work, we seek to understand how the movement *Street Child World Cup* (SCWC) intends to operate, through discourse, for a change in the identity of children and youth living on the streets. Therefore, we support our reflections in the Critical Discourse Analysis (CDA), more closely in the writings of Fairclough, and the studies on identity (Hall, Archer and Castells). We also seek to discuss points such as neoliberalism, welfare state bankruptcy, globalization, oppression, street children, the third sector and advertising in the third sector. Our methodology, organized according to the parameters established by Chouliaraki and Fairclough, was based on the analysis of advertising videos produced and distributed by SCWC movement and a justification of text advertising campaign adopted by the movement. Within the scope of the ADC, we prioritize the analysis of identificational meaning and mode and evaluation categories. As a result, we realized that the movement seeks to change the perception that society has of street children and young people through a discourse that responds implicitly pejorative adjectives usually associated with these children by the massive use of positive lexicon. Contributing to this goal, the movement uses different modal elements, in order to subsequently reaffirm its commitment to epistemic and deontic terms with the cause in which it operates. In addition, SCWC employs the testimonial genre, to show children telling their own stories. This strategy is efficient to establish empathy ties between the viewer and the children, who begin to act as representatives of all other street children in the world. Collaborate to this result, the use of various semiotic resources, some of them scored in this work.

Keywords: Street Child. Identity. Discourse.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Modos gerais de operação da ideologia	23
Quadro 2 – Categorias analíticas na ADC	29
Quadro 3 – Modalidades epistêmica e deôntica.....	38
Quadro 4 – Níveis de comprometimento.....	39
Quadro 5 – Enquadre metodológico da ADC	59
Quadro 6 – Coleção do <i>corpus</i> videográfico da pesquisa	61
Quadro 7 – <i>Corpus</i> de textos de pesquisa	63
Quadro 8 – Elementos gráficos adotados na transcrição	66
Figura 1 – Concepção tridimensional de discurso.....	32
Figura 2 – Análise da prática particular e de seus momentos	53
Figura 3 – Policial persegue meninos de rua	80
Figura 4 – Meninos em lixão	80
Figura 5 – Garoto de rua ucraniano	80
Figura 6 – Menino dormindo na rua	81
Figura 7 – Imagem que representa a palavra “ <i>hope</i> ”	82
Figura 8 – Criança sendo presa.....	83
Figura 9 – Menino no SCWC	84
Figura 10 – Meninos entoam hinos nacionais	85
Figura 11 – Seleção comemora a conquista da Copa de 2010.....	85
Figura 12 – Casa de Crystal	87
Figura 13 – Crystal apresenta seu pai	87
Figura 14 – Cena de abertura do vídeo (preto e branco)	91
Figura 15 – Cena do cemitério (utilização de cores opacas).....	92
Figura 16 – Crystal andando pelo cemitério (cores opacas).....	92
Figura 17 – Crystal jogando futebol (cores alegres).....	92
Figura 18 – Crystal falando sobre sua vida no abrigo (cores alegres).....	93
Figura 19 – Crystal emocionada	94
Figura 20 – Gestual de Crystal como representante das crianças de rua	94
Figura 21 – Meninos de rua em foto oficial	97
Figura 22 – Placas que enunciam os direitos das crianças.....	99
Figura 23 – Crianças com vestes sujas e rasgadas dormindo nas ruas.....	99
Figura 24 – Crianças pedindo esmolas.....	100
Figura 25 – Seleção do Paquistão	102

Figura 26 – Chegada da seleção ao aeroporto	103
Figura 27 – Meninos distribuem autógrafos para a multidão	104
Figura 28 – Owais em foto oficial, com governante de seu país	105
Figura 29 – Meninos de rua participam de assinatura de documento oficial	106
Figura 30 – Owais vivendo nas ruas (cores opacas).....	107
Figura 31 – Owais no abrigo (cores vibrantes).....	107
Figura 32 – Vídeo <i>More than a game</i>	108
Figura 33 – Vídeo <i>Born in a cemetery</i>	109
Figura 34 – Vídeo <i>Road to Rio</i>	109
Figura 35 – Vídeo <i>You did this in 2014, thank you [...]</i>	109

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	REVISÃO DE LITERATURA I	18
2.1	ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA (ADC)	18
2.1.1	A influência do Círculo de Bakhtin.....	20
2.1.2	Discurso em ADC	22
2.1.3	Conceito de ideologia	23
2.1.4	Luta hegemônica	26
2.1.5	Reflexividade e identidade.....	27
2.1.6	O paradigma funcionalista.....	27
2.1.7	Os três momentos da ADC	32
2.2	CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA	33
2.2.1	Identificação e identidade	33
2.2.2	Identificação e discurso para a ADC	35
2.2.2.1	Significado identificacional.....	36
2.2.2.1.1	<i>Modalidade</i>	37
2.2.2.1.2	<i>Avaliação</i>	39
3	REVISÃO DE LITERATURA II	41
3.1	ANÁLISE DA CONJUNTURA	42
3.1.1	Neoliberalismo e falência do Estado de Bem-Estar Social.....	42
3.1.2	Globalização	44
3.1.3	Opressão e sua superação	47
3.1.4	Infância nas ruas	49
3.2	ANÁLISE DA PRÁTICA PARTICULAR.....	52
3.2.1	O terceiro setor.....	53
3.2.2	Publicidade no terceiro setor	55

4	METODOLOGIA	58
4.1	A ADC E SEU ENQUADRE METODOLÓGICO.....	59
4.1.1	Etapa I: Identificação do problema	60
4.1.2	Etapa II: Obstáculos a serem enfrentados	63
4.1.2.1	Análise da conjuntura	63
4.1.2.2	Análise da prática particular.....	64
4.1.2.3	Análise do discurso.....	64
4.1.3	Etapa III: Função do problema na prática	64
4.1.4	Etapa IV: Possíveis modos de ultrapassar obstáculos	65
4.1.5	Etapa V: Reflexões sobre a análise	65
4.2	DIRETRIZES PARA TRANSCRIÇÃO	65
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES	67
5.1	ANÁLISE DO CORPUS VERBAL	67
5.2	ANÁLISE DO CORPUS VIDEOGRÁFICO	77
5.2.1	Análise do vídeo <i>More than a game</i>	77
5.2.2	Análise do vídeo <i>Born in a cemetery</i>	86
5.2.3	Análise do vídeo <i>Road to Rio</i>	95
5.2.4	Análise do vídeo <i>You did this in 2014, thank you [...]</i>	100
5.3	IDENTIFICAÇÃO POSITIVA: CRIANÇAS DE RUA COMO ALGUÉM	108
5.4	SINTETIZANDO E DISCUTINDO	110
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
	REFERÊNCIAS	114
	ANEXOS	120
	ANEXO <i>CORPUS</i> VERBAL.....	120
	ANEXO <i>CORPUS</i> VIDEOGRÁFICO (DVD).....	122

1 INTRODUÇÃO

“People killing, people dying / Children hurt and you hear them crying / would you practice what you preach / or would you turn the other cheek / Father, Father, Father help us / send us some guidance from above / 'Cause people got me, got me questioning / Where is the love”.

(BLACK EYED PEAS, 2003).

Consideramos que toda pesquisa em Análise do Discurso apresenta um esforço interpretativo que sinaliza um caminho que não é único nem melhor que outros, mas apenas uma forma de perceber e de entender mundos possíveis. Nesta pesquisa, pretendemos acolher as vozes de algumas das milhões de crianças que vivem nas ruas e repercuti-las em nosso meio, acadêmico e social. Entendemos que esse gesto pode colaborar para a melhoria de suas vidas.

O movimento *Street Child World Cup* (SCWC), objeto deste estudo, utiliza o futebol como instrumento para a reconstrução de identidades de crianças em situação de rua junto à sociedade. Foi criado em 2007, na África do Sul, quando quatro famílias visitaram o projeto social *Umthombo*, na cidade de Durban, para entender mais sobre a realidade das crianças que viviam nas ruas. Lá, se depararam com um grave problema: a realização de rondas que tinham por objetivo tirar as crianças das ruas à força. As rondas se intensificaram com a aproximação da Copa do Mundo FIFA 2010; a intenção era “limpar” da vista de turistas a presença degradante de crianças de rua.

Diante desse cenário, foi criada a *Street Child World Cup* (Copa do Mundo de Crianças de Rua), que tinha como objetivo fundamental alertar o mundo sobre a situação vivida por aquelas crianças. O evento, um campeonato de futebol, contou com a participação de crianças oriundas de projetos desenvolvidos por organizações não governamentais em diversos países.

Durante os dias do evento, as crianças jogaram futebol, mas também se envolveram em atividades artísticas, conheceram outras culturas, puderam falar sobre seus problemas e alargar seus horizontes. Realizada na cidade de Durban, alguns meses antes do evento oficial da FIFA, trouxe como maior vitória o fim das rondas. Mas trouxe também outras conquistas, como a realização da I Conferência de Crianças de Rua, momento em que as próprias crianças falaram sobre sua

experiência, o que entendem acerca de sua realidade e discutiram, junto aos líderes de organizações, possíveis soluções para a problemática. Desse evento, resultou um documento, intitulado Declaração de Durban, e diversas ações disseminadas nos países participantes.

Devido ao sucesso da iniciativa, decidiu-se pela realização de mais edições do campeonato. A segunda edição do evento foi realizada na cidade do Rio de Janeiro, em março de 2014, apenas alguns meses antes da Copa do Mundo FIFA, que aconteceu em junho.

No escopo do trabalho da organização, destaca-se a questão da identidade das crianças em situação de rua. O propósito maior é sinalizar, por meio do futebol, que as crianças de alguma forma conectadas às ruas são iguais às demais crianças e têm o direito de se expressar.

O SCWC pontua que o futebol é uma forma de unir as pessoas e mudar a percepção da sociedade em relação às crianças que estão nas ruas. Em nosso trabalho, optamos por utilizar o discurso das crianças e do movimento no idioma inglês, da forma como aparecem nos meios de divulgação, inserindo a tradução junto ao texto ou em notas de rodapé. Nossa decisão leva em conta que os textos em inglês correspondem à versão oficial produzida pela organização.

O movimento se define da seguinte forma em seu site na internet:

Ahead of each FIFA World Cup, we unite street children from across five continents to play football and join us in a unique international conference. Together through football, art and campaigning we aim to challenge the negative perceptions and treatment of street children around the world. (STREET, 2013).¹

A percepção negativa que a sociedade tem dos que habitam as ruas, crianças ou adultos, leva ao desprezo e à falta de empatia. Para Valencio (2008), é possível afirmar que a população em situação de rua vive num desamparo levado ao paroxismo. As lutas pela reconstrução dos sentidos de si no mundo são cotidianas e objeto permanente de angústia:

¹Antes de cada Copa do Mundo FIFA, nós reunimos crianças dos cinco continentes para jogar futebol e se juntar a nós em uma conferência internacional única. Juntos, por meio do futebol, da arte e da militância, nós pretendemos desafiar as percepções negativas e o tratamento dado às crianças de rua de todo o mundo.

As pessoas em situação de rua são como estranhos que não participam do espetáculo social. Esses fazem o papel da 'não-pessoa', o que implica uma relação de desrespeito e discrepância frente aos indivíduos atuantes. (VALENCIO, 2008, p. 570).

Tiburi (2011, p. 1) aponta que as pessoas em situação de rua são a expressão mais perfeita do abandono que subjaz ao sistema capitalista.

São meras fantasmagorias aos olhos de quem não é capaz de suportar sua alteridade. Esmagados pela contradição de morar onde não mora ninguém, não têm o direito de ser alguém. Partilham o deslugar. E, no entanto, praticam o mesmo que os outros dentro de suas casas: dormem, comem, fazem sexo. A condição humana é o que se divide por paredes ou na ausência delas. A democracia torna-se uma questão de nudez e exposição da vida íntima.

Coracini (2011, p. 21) discorre sobre o medo que as pessoas em situação de rua "causam" à sociedade. A autora questiona que tipo de medo a sociedade sente: se seria medo da pobreza, da miséria ou da violência. E complementa, afirmando que as pessoas em situação de rua é que deveriam sentir medo da polícia e dos transeuntes que as espancam. "Em situação de risco? Quem? Nós ou os que se encontram na rua, no sem lugar do anonimato e da anulação de si pelo outro e pelo outro de si?", questiona.

Foi como leitora assídua de um *street paper*², a publicação paulista *Ocas*, editada pela organização não governamental de mesmo nome, que tomei conhecimento, há muitos anos, da existência do movimento *Homeless World Cup*, uma Copa do Mundo de Moradores de Rua (adultos). Pesquisando mais sobre o tema, tive a oportunidade de conhecer o movimento *Street Child World Cup*, em 2013, já como aluna do Mestrado em Linguística Aplicada da Universidade Estadual

²*Street paper* é o nome dado às publicações que têm como objetivos refletir sobre a questão da pessoa em situação de rua e ser um meio de inclusão social. Em todas as publicações desse tipo, a inclusão se dá na medida em que os vendedores são pessoas em situação de rua e recebem proventos por seu trabalho. Em grande parte delas, além da preocupação em garantir trabalho e uma forma de superação da miséria, há a intenção de promover o discurso da pessoa marginalizada e fazer com que ele dialogue com o discurso de intelectuais e da sociedade de forma geral. Os *street papers* se organizam em duas grandes redes internacionais, a *International Networking Street Papers* (INSP) e a *North American Newstreet Paper Association* (Nasna). A principal é a INSP, que atualmente envolve 55 publicações em 28 países de todos os continentes.

do Ceará. A escolha por esse movimento como objeto de estudo se deu em virtude da percepção de sua relevância no processo de construção de identidades positivas para as crianças e jovens que estão nas ruas.

Canclini (2005, p. 23) afirma que adotar o ponto de vista dos menos favorecidos como forma de transformação pode servir como uma etapa de descoberta, de gerar hipóteses que desafiem os saberes constituídos, para tornar visíveis alguns campos do real descuidados pelo conhecimento hegemônico.

[...] convém deslocar-se entre as interseções, nas regiões em que as narrativas se opõem e se cruzam. Só nesses cenários de tensão, encontro e conflito é possível passar das narrativas setoriais (ou francamente sectárias) para a elaboração de conhecimentos capazes de desconstruir e de controlar as condições de cada emancipação.

Além da relevância do tema, julgamos que nossa pesquisa pode colaborar no cenário acadêmico por unificar uma compreensão sobre o movimento SCWC (ainda não estudado no Brasil) e a Análise do Discurso Crítica (ADC), vertente que vem sendo cada vez mais difundida na América Latina.

Tecemos algumas questões a que buscamos responder através de nossa análise, quais sejam:

- a) De que forma as falas de crianças de rua, mediadas pelo movimento SCWC, revelam um novo posicionamento identitário?;
- b) Como a fala, oriunda desse movimento social, propõe-se a construir, ela própria, esse processo de identificação positiva?;
- c) Que elementos semióticos, além da linguagem verbal, contribuem nesse processo, tanto na fala das crianças como na fala do movimento?.

Esperamos que este trabalho aponte para essas respostas, não tendo, contudo, a intenção de esgotar a discussão sobre um fenômeno tão profundo, que demanda esforços de diversos setores e de diversas teorias. Apenas iniciamos a complexa busca de entendimento dos posicionamentos e das formações discursivas, bem como das marcas ideológicas que formam as faces desses pequenos seres, desde cedo excluídos e colocados à margem da sociedade.

É importante ressaltar que tivemos a intenção de trabalhar também com a etnografia nesta pesquisa. Por questões metodológicas e de tempo, contudo, não foi

possível fazê-lo, como explicaremos de forma mais detalhada na seção metodológica.

Nossa revisão de literatura foi subdividida em dois capítulos, para que os temas pudessem se acomodar da melhor forma e o leitor pudesse estabelecer uma relação pertinente entre eles. Na primeira parte, capítulo 2, discorreremos sobre a Análise do Discurso Crítica e sobre os conceitos de identidade e de identificação. No capítulo 3, refletimos sobre a conjuntura social e política subjacente à questão da infância nas ruas e sobre a atuação de organizações não governamentais, detendo-nos, também, na publicidade como instrumento de apoio a instituições do terceiro setor.

Encerrada a revisão de literatura, o capítulo 4 é dedicado à delimitação de nossos procedimentos metodológicos; o capítulo 5 traz nossos resultados e discussões; e o capítulo 6, a síntese de nossa empreitada, com nossas considerações finais.

2 REVISÃO DE LITERATURA I

“Par les temps je cours à l'expression / Chaque émotion ressentie / Me donne envie d'exprimer les non-dits / Et que justice soit faite dans nos pauvres vies endormies / Passe, passe, passera / La dernière restera”.

(ZAZ, 2010).

Neste capítulo, detalhamos parte do escopo teórico que orientou nossas análises, composto pela Análise do Discurso Crítica, de Norman Fairclough, e estudos de identidade, de Castells (1999), Archer (2000) e Hall (2000). Nosso objetivo é discutir os pressupostos da ADC, vinculá-los aos estudos de identidade, de forma a criar uma base linguística importante para a compreensão do fenômeno que será detalhado mais à frente, no terceiro capítulo e em nossas análises.

2.1 ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA (ADC)

A Análise do Discurso Crítica (ADC) é uma abordagem teórico-metodológica de estudo da linguagem em sociedade. O primeiro ponto relevante em relação à ADC é que ela assume que todos os discursos são historicamente situados, razão pela qual o estudo de textos e de outras manifestações linguísticas tem como imperativo a necessidade de se conhecer a fundo o contexto no qual são produzidos.

Nesta seção, traçaremos um panorama geral dessa abordagem teórica, indicando suas influências e principais características. Em nossa análise posterior, essa fundamentação será primordial não só como suporte para as reflexões mas também como modelo metodológico. Serão utilizadas as categorias demandadas por cada texto, sendo que a ênfase recairá, obrigatoriamente, sobre o significado identificacional e as categorias Modalidade e Avaliação, razão pela qual receberão um aprofundamento mais à frente.

Dentro do escopo teórico da ADC, há uma variedade de correntes que diferem entre si em relação ao entendimento de determinados aspectos do discurso ou à ênfase com que tratam de alguns assuntos, a exemplo de Teun van Dijk (1989), Ruth Wodak (1996), Blommaert (2005), Theo van Leeuwen (2008). Optamos pela Teoria Social do Discurso, vertente liderada por Norman Fairclough, que se baseia

em uma percepção da linguagem como parte irredutível da vida social dialeticamente interconectada a outros elementos sociais (FAIRCLOUGH, 2003).

Fairclough, da Universidade de Lancaster, localizada na Grã-Bretanha, articula estudos linguísticos com pesquisas de cunho social e político. Uma de suas preocupações centrais é possibilitar um estudo interdisciplinar de fenômenos da vida social materializados na linguagem. Em todas as suas obras, essa questão é central. Para ele, linguistas necessitam de conhecimento em ciências sociais e políticas para serem capazes de boas análises, enquanto cientistas de outras áreas que não a Linguística precisam de uma ferramenta metodológica que lhes permita analisar a materialidade do texto. Ramalho e Resende (2011, p. 19) afirmam:

[...] a compreensão do discurso como parte das práticas sociais jamais poderia ter surgido dentro das fronteiras da Linguística, sem apropriação de conceitos e teorias oriundas das ciências sociais. É por isso que o próprio surgimento da ADC nos estudos de linguagem só pode ser compreendido com base em diálogos interdisciplinares.

A utilização do arcabouço da ADC só tem sentido em pesquisas que se enquadrem numa perspectiva crítica. Wodak (2004, p. 225) aponta que a motivação da ADC é “investigar criticamente como a desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída, legitimada pelo uso do discurso”.

Ramalho e Resende (2011, p. 21) enfatizam que o objetivo das análises em ADC é “mapear conexões entre escolhas de atores sociais ou grupos, em textos e eventos discursivos específicos, e questões mais amplas, de cunho social, envolvendo poder”.

Nessa perspectiva, o pesquisador vinculado à ADC examina problemas parcialmente discursivos em textos de qualquer modalidade – podem ser orais, sonoros, escritos, visuais, pertencentes a qualquer gênero – entrevistas, filmes, publicidade, reportagens etc.

A produção de Norman Fairclough obedece a três fases distintas, que abordaremos ao longo deste capítulo. A primeira delas refere-se à adoção do modelo tridimensional para ADC, presente nas obras *Language and Power* (1989) e *Discourse and Social Change* (1992). Mais tarde, ao lado de Chouliaraki, Fairclough recontextualiza seu pensamento e a relação com a Ciência Social Crítica – na obra *Discourse in Late Modernity: rethinking critical discourse analysis* (1999). Na fase mais recente, o autor cria um enquadre para a análise textual em pesquisas sociais,

com a obra *Analysing Discourse: textual analysis for social research* (2003), enquadre esse baseado na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de Halliday

2.1.1 A influência do Círculo de Bakhtin

Muito do que propõe a ADC de Fairclough foi influenciado pelo pensamento do filósofo da linguagem russo, Mikhail Bakhtin, e de seus colegas que compunham o chamado “Círculo de Bakhtin”. A partir dele, Fairclough repensa algumas questões, como a teoria semiótica de ideologia, da qual Bakhtin foi fundador, e a noção de dialogismo na linguagem.

Crítico do objetivismo abstrato de Saussure, Bakhtin postulou que a "verdadeira substância da língua" não está no interior dos sistemas linguísticos, mas no processo social da interação (BAKHTIN, 2002, p. 123). Para ele, o objetivismo abstrato erra ao separar a língua de seu conteúdo ideológico, sugerindo que os signos linguísticos articulam-se apenas uns com os outros, dentro de um sistema fechado. O autor propõe que o meio social é o centro que organiza toda a atividade linguística (2002, p. 94), visão que confere poder ao contexto sócio-histórico.

Resende e Ramalho (2006, p. 15) lembram que, na filosofia marxista da linguagem, da qual Bakhtin e Fairclough fazem parte, o signo é visto como um fragmento material da realidade, o qual a refrata, representando-a e constituindo-a de formas particulares de modo a instaurar, sustentar ou superar formas de dominação.

Para os marxistas, a ideologia está no signo, e não em uma consciência interna e idealizada. Aliás, Marx e Engels (2002, p. 24) sugerem que a consciência é um produto social e que a linguagem é a consciência real e prática, intercambiada entre os homens.

O signo, elemento ideológico por excelência, serve, então, aos propósitos das lutas de classe, de acordo com a tradição filosófica marxista. Cada vez que uma classe assume poder, dá aos seus pensamentos a forma de universalidade, de modo que pareçam ser universalmente válidos (Resende e Ramalho, 2006, p. 16). Isso poderá ser visto mais adiante, no item 2.1.3, quando falamos de ideologia para a ADC.

Essas formas de manifestação da ideologia são bastante relevantes para o nosso trabalho, já que pretendemos mostrar que o discurso hegemônico em

relação às crianças de rua aponta para uma identidade destituída de qualidades positivas, universalizando características negativas e naturalizando a pobreza. Essa é a razão pela qual o discurso contra-hegemônico procura responder a esse discurso anterior, por meio da valorização dos atributos positivos dessas crianças, em uma tentativa de reconstrução de identidade, de conscientização da sociedade.

A classe dominante tende a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe, a fim de abafar ou ocultar a luta dos índices sociais de valor que aí se trava, a fim de tornar o signo monovalente [...].

Nas condições habituais da vida social, esta contradição oculta em todo signo ideológico não se mostra à descoberta. (BAKHTIN, 2002, p. 47).

A capacidade que um discurso tem de responder a outros anteriores ou antecipar discursos futuros, como demonstramos em nosso exemplo anterior sobre as crianças de rua, é o que Bakhtin chamou de dialogismo.

Para entender a importância do conceito de dialogismo para os estudos da linguagem, é necessário salientar que, até então, a Linguística considerava que a interação verbal se dava de forma fixa e estática entre dois polos: o locutor, que era ativo, e o ouvinte, passivo.

Bakhtin e seu círculo romperam com essa tradição ao revelar que a linguagem é dialógica e polifônica e que mesmo discursos aparentemente não dialógicos, como textos escritos, sempre são parte de uma cadeia dialógica, na qual respondem a discursos anteriores e antecipam discursos posteriores de variadas formas (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 17).

A noção de dialogismo viabiliza a análise de contradições sociais e abre um caminho para a compreensão da razão que leva um indivíduo a adotar uma ou outra estrutura linguística ou associar diferentes vozes em seu discurso. Por isso, é um conceito também caro a Fairclough, que o internaliza em sua teoria.

Por fim, a ideia de gênero discursivo, aprofundada por Bakhtin em *Estética da criação verbal* (1997), também será fundamental para o enfoque teórico-metodológico de Fairclough. Isso poderá ser visto mais à frente, quando falamos sobre o significado acional postulado pela ADC.

2.1.2 Discurso em ADC

Fairclough (1997) afirma que a concepção de discurso da ADC deriva da tradição foucaultiana, segundo a qual o discurso (linguagem oral ou escrita em uso) é uma prática social. A principal implicação dessa concepção é que estabelece uma dialogicidade entre o discurso e a situação concreta (instituições e estruturas sociais que fazem parte dela).

Para Fairclough (2001), o discurso é socialmente constituído, ao mesmo tempo em que constitui a sociedade. Pode ser construído para eternizar posições de poder ou para modificá-las, como no caso do nosso objeto de pesquisa.

A ADC capta de Foucault as discussões sobre o aspecto constitutivo do discurso, a interdependência das práticas discursivas, a natureza discursiva do poder, a natureza política do discurso e a natureza discursiva da mudança social. Para ele, as condições sociais e históricas acarretam formações discursivas interdependentes, que possibilitam a ocorrência de certos enunciados em determinados tempos, lugares e instituições:

[...] toda tarefa crítica, pondo em questão as instâncias de controle, deve analisar ao mesmo tempo as regularidades discursivas através das quais elas se formam; e toda descrição genealógica deve levar em conta os limites que interferem nas formações reais. (FOUCAULT, 2003, p. 66).

Sobre a influência do poder e sua relação com práticas discursivas institucionalizadas, Foucault (1997) demonstra que mudanças em práticas discursivas indicam ou podem indicar mudanças sociais, concepção que se revela bastante presente nos escritos de Fairclough.

A influência de Foucault na ADC, porém, não é completa, visto que Fairclough (2001) se ressentia da concepção assujeitada do sujeito do discurso expressa por Foucault. O filósofo percebe o homem constrangido pela estrutura social, mas não visualiza o caminho de retorno, a ação que o homem pode desempenhar para mudar a estrutura. Para ele, a mudança social é unilateral, de cima para baixo, ao passo que Fairclough a compreende como um caminho dialógico. Além disso, Foucault discute as ordens de discurso sem analisar a materialidade dos textos, o que, para Fairclough, é uma lacuna a ser preenchida com a sua teoria.

Em relação às práticas discursivas, Fairclough (2003) considera que englobam os processos de produção, distribuição e consumo textual. As práticas contribuem para reproduzir a sociedade como ela é (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crença), mas também contribuem para sua transformação.

Para Fairclough (2003), as ordens de discurso podem revelar três diferentes processos: o de identificação (estilos), o de representação (discurso) e o de ação (gênero), que serão detalhados mais à frente.

2.1.3 Conceito de ideologia

Se o conceito de discurso em ADC provém dos estudos de Foucault, a base teórica adotada por Norman Fairclough para a formulação de seu conceito de ideologia é a teoria social crítica de Thompson (1995), que vê ideologia como um conceito absolutamente negativo. Não há ideologia neutra para Thompson. Para o autor, a natureza da ideologia é a hegemonia, ou seja, a necessidade de estabelecer e sustentar relações de dominação, que contribuem para manutenção da ordem social.

O quadro a seguir resume os modos gerais de operação da ideologia definidos por Thompson (1995, p. 81-9). Após o quadro, detalhamos cada uma das estratégias.

Quadro 1 – Modos gerais de operação da ideologia

(continua)

MODOS GERAIS DE OPERAÇÃO DA IDEOLOGIA	ESTRATÉGIAS TÍPICAS DE CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA
LEGITIMAÇÃO (Relações de dominação são representadas como legítimas)	RACIONALIZAÇÃO (uma cadeia de raciocínio procura justificar um conjunto de relações)
	UNIVERSALIZAÇÃO (interesses específicos são apresentados como interesses gerais)
	NARRATIVIZAÇÃO (exigências de legitimação inseridas em histórias do passado que legitimam o presente)

(conclusão)

MODOS GERAIS DE OPERAÇÃO DA IDEOLOGIA	ESTRATÉGIAS TÍPICAS DE CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA
<p>DISSIMULAÇÃO (Relações de dominação são ocultadas, negadas ou obscurecidas)</p>	<p>DESLOCAMENTO (deslocamento contextual de termos e expressões)</p>
	<p>EUFEMIZAÇÃO (valoração positiva de instituições, ações ou relações)</p>
	<p>TROPO (sinédoque, metonímia, metáfora)</p>
<p>UNIFICAÇÃO (Construção simbólica de identidade coletiva)</p>	<p>PADRONIZAÇÃO (um referencial padrão proposto como fundamento partilhado)</p>
	<p>SIMBOLIZAÇÃO DA UNIDADE (construção de símbolos de unidade e identificação coletiva)</p>
<p>FRAGMENTAÇÃO (Segmentação de indivíduos e grupos que possam representar ameaça ao grupo dominante)</p>	<p>DIFERENCIAÇÃO (ênfase em características que desunem e impedem a constituição de desafio efetivo)</p>
	<p>EXPURGO DO OUTRO (construção simbólica de um inimigo)</p>
<p>REIFICAÇÃO (Retratção de uma situação transitória como permanente e natural)</p>	<p>NATURALIZAÇÃO (criação social e histórica tratada como acontecimento natural)</p>
	<p>ETERNALIZAÇÃO (fenômenos sócio-históricos apresentados como permanentes)</p>
	<p>NOMINALIZAÇÃO E PASSIVAÇÃO (concentração da atenção em certos temas em prejuízo de outros, com apagamento de atores e ações)</p>

Fonte: Extraído de Resende; Ramalho (2011, p. 28), com base em Thompson (2002, p. 81).

A legitimação é a estratégia que estabelece e sustenta relações de dominação, como se fossem legítimas e justas. Pode ocorrer por meio de três tipos de construções simbólicas: racionalização, universalização e narrativização.

A racionalização se apoia em regras estabelecidas *a priori*, no conceito de legalidade. Na universalização, representações parciais são tomadas como gerais. Na narrativização, a ancoragem de legitimação é a utilização do passado como forma de conferir autenticidade ao presente.

O segundo modo de operação da ideologia definido por Thompson é a *dissimulação*, estratégia pela qual relações são estabelecidas e sustentadas por meio de negação ou ofuscação. As estratégias que atendem à dissimulação são: deslocamento, eufemização e tropo. Deslocamento ocorre quando há uma utilização de um termo em um contexto diferente do de origem, com deslocamento de conotações positivas ou negativas. A eufemização busca representar ações, instituições ou relações sociais de forma positiva, mascarando as fraquezas ou áreas de dificuldade. O tropo é o uso figurativo da linguagem com a intenção de apagamento de relações conflituosas.

O terceiro modo de materialização da ideologia é a *unificação*. Nela, relações de dominação são sustentadas pela construção simbólica da unidade. Servem como estratégias de unificação a padronização (criação de um padrão de referência) e a simbolização (criação de símbolos de identificação coletiva).

Outra possibilidade de construção ideológica é a fragmentação, que busca separar grupos ou indivíduos que, juntos, teriam força para constituir obstáculo à ordem dominante. A fragmentação opera por meio da diferenciação e do expurgo do outro. Na diferenciação, busca-se enfatizar os pontos de desunião dentro de um grupo, de forma a enfraquecê-lo. Já na estratégia de expurgo, representa-se o grupo como inimigo que deve ser combatido.

O último modo de classificação estabelecido por Thompson é a reificação. Por meio dela, situações transitórias são representadas como permanentes. A reificação opera por meio de quatro estratégias simbólicas. A naturalização faz com que as criações sociais sejam dadas como naturais, independentes da atuação humana. A eternalização mostra eventos temporários como permanentes. Por fim, para apagar a responsabilidade dos atos, as estratégias de nominalização e a passivação representam processos como entidades, como se não tivessem autoria.

A concepção de ideologia em Fairclough pode ser compreendida no trecho seguinte:

As ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117).

Ou seja, para Fairclough, a ideologia é o elemento primordial para a constituição da luta hegemônica. Já que a hegemonia (conforme veremos a seguir) é a busca pela universalização de perspectivas particulares, a ideologia tem o papel de materializar essas perspectivas. Os efeitos ideológicos de determinado texto só podem ser alcançados por meio da análise de suas estratégias de operação ideológica e de como contribuem na sustentação ou na transformação de relações de dominação.

Na perspectiva de Fairclough, a ideologia está presente tanto nas estruturas, como nos eventos discursivos. Por isso, o autor rejeita a visão de Althusser (1985), segundo a qual a ideologia tem lugar apenas nas estruturas. Da mesma forma, rejeita a assunção de que a ideologia está apenas nos eventos discursivos, porque essa crença afastaria a questão da ação da estrutura sobre as pessoas. Para ele, trata-se de uma relação verdadeiramente dialética: os sujeitos são livres, mas a liberdade é sempre relativa, por conta da ação das estruturas.

2.1.4 Luta hegemônica

Compondo o tripé teórico da Teoria Social do Discurso, ao lado de Foucault e Thompson, figura Gramsci (1988, 1995) e seu conceito de hegemonia.

Para Gramsci (1988,1995), o poder de uma das classes em aliança com outras forças sobre a sociedade como um todo nunca é atingido senão parcial e temporariamente na luta hegemônica, ou seja, configura-se um eterno equilíbrio instável.

Fairclough (1997) afirma que a hegemonia e a luta hegemônica assumem a forma da prática discursiva em interações verbais a partir da dialética entre discurso e sociedade. A hegemonia é uma permanência temporária de articulações

entre elementos sociais, o que implica na possibilidade de desarticulação e rearranjo desses elementos.

Resende & Ramalho (2006), com base em Chouliaraki e Fairclough (1999), afirmam que o conceito de hegemonia enfatiza a importância da ideologia no estabelecimento e na manutenção da dominação, pois, se hegemonias são relações de dominação baseadas mais no consenso que na coerção, a naturalização de práticas e relações sociais é fundamental para a permanência de articulações baseadas no poder.

2.1.5 Reflexividade e identidade

Além da atividade social, outra esfera pode contribuir para a disseminação de símbolos de dominação. Trata-se da reflexividade, que pode levar indivíduos a se defrontarem com construções ideológicas em autoconstruções reflexivas. Isso acontece quando a ideologia é naturalizada e passa a ser assimilada e internalizada pelas pessoas. A busca pela auto-identidade, parte do tema do nosso trabalho, pode sinalizar possibilidade de mudança social, se conduzida de forma crítica.

Vejamos: um menino de rua pode ser considerado um “trombadinha” por meio de um discurso ideológico que propaga essa conceituação. Mas pode também passar a se autoconsiderar um “trombadinha”, quando o sentido desse termo se naturaliza e passa a ser internalizado por ele próprio. Daí é possível perceber a importância do discurso na constituição de identidades. Fairclough (2003) sinaliza que textos como elementos de eventos sociais têm efeitos causais - acarretam mudanças em nosso conhecimento, em nossas crenças, atitudes, valores e assim por diante, mudanças essas que não estão em uma relação unilateral, visto que a dialética estrutura/ação também atua, em sua faceta discursiva, na relação texto/agente (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999).

2.1.6 O paradigma funcionalista

Resende & Ramalho (2006, p. 13) distinguem os modos de entender a linguagem a partir das perspectivas formalista e funcionalista. Na primeira, a linguagem é tida como um objeto autônomo, o que implica dizer que funções

externas da linguagem não influenciam sua estrutura interna. A perspectiva funcionalista concebe a linguagem de forma oposta: a linguagem não é suficiente em si e os elementos externos são responsáveis por sua organização interna.

As mesmas autoras sinalizam que essa diferença conceitual implica em outra diferença: a concepção de discurso. Para os formalistas, discurso é a unidade acima da sentença. Para os funcionalistas, discurso é a linguagem em uso.

Como analista do discurso, Fairclough está interessado nas relações dialógicas entre fatores externos e a organização da linguagem, razão pela qual não poderia se apoiar em abordagens formalistas. Ao contrário, baseia sua teoria e seu método de análise na Linguística Sistêmico Funcional (LSF), formulada por Halliday (1985).

A LSF entende que a linguagem é um sistema de opções. Ao escolher suas opções, o usuário da Língua cria seus significados. Compõem o sistema linguístico estratos internos (semântico, lexicogramatical, fonológico, fonético), e externos (o contexto de situação e o contexto de cultura).

O propósito da língua é a expressão de relações e experiências humanas, ancoradas em três macrofunções criadas por Halliday (1994): metafunção ideacional (representação do mundo); metafunção interpessoal (relacionamento entre pessoas); e, por fim, metafunção textual (status da sentença no texto).

A proposta de Fairclough não toma as metafunções de Halliday exatamente como foram formuladas. Antes, o que se propõe é uma articulação entre essas macrofunções e os conceitos de gênero, discurso e estilo (ordem de discurso).

Em um primeiro momento, a função textual da linguagem foi introduzida em gêneros (modos de agir), a função ideacional em discursos (modos de representar) e a função relacional em estilos (modos de identificar).

Já em 1992, com a publicação de *Discourse and Social Change*, ocorre a cisão da função interpessoal de Halliday, em duas funções separadas, a função identitária e a função relacional (RAMALHO; RESENDE, 2009, p. 58). Dessa forma, macrofunção interpessoal referia-se aos dois aspectos dos modos de identificar: os modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso e a forma com que as relações entre os participantes do discurso são representadas e negociadas. Configuraram-se, então, quatro funções: (a) função ideacional, (b) função identitária, (c) função relacional e (d) função textual.

Essa divisão acabou sendo revista em 2003, no livro *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. Nesse momento, Fairclough rearticula sua teoria, passa a considerar a função textual dentro do significado acional e dá origem a três classificações: acional (ação), representacional (representação) e identificacional (identificação).

Cada significado é realizado materialmente de forma diferente (FAIRCLOUGH, 2003, p. 29): discursos (significados representacionais) são realizados em gêneros (significados em ação), discursos (significados representacionais) são inculcados em estilos (significados de identidade), ações e identidades (incluindo gêneros e estilos) são representados em discursos (significados representacionais).

Gêneros, discursos e estilos ligam o texto a outros elementos da esfera social – as relações internas do texto a suas relações externas –, por isso a operacionalização desses conceitos obedece ao escopo reflexivo de Halliday (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 61).

Como o foco deste trabalho é estabelecer relação entre o significado identificacional do discurso e a construção das identidades das crianças de rua, daremos destaque ao significado identificacional um pouco mais à frente. Antes, porém, é preciso dizer que a relação entre os significados é dialética e quando se analisa um texto normalmente faz-se referência a diversos significados simultaneamente, observando de que forma os traços linguísticos realizam os significados e como se dá a relação entre texto e as práticas sociais.

Para compor o ferramental de análise textual, Fairclough (2003) propõe categorias analíticas, baseadas nos três significados que norteiam o viés funcionalista de seu trabalho. A seguir, o quadro 2 dá indicações de como as categorias analíticas podem auxiliar o analista.

Quadro 2 – Categorias analíticas na ADC

(continua)

Aspectos discursivos/textuais	Perguntas sobre o texto em análise
Estrutura genérica	O texto se situa em uma cadeia de gêneros? O texto é caracterizado por uma mistura de gêneros? Que gêneros o texto articula (em termos de atividade, relações sociais, tecnologias de comunicação)?

(continuação)

Aspectos discursivos/textuais	Perguntas sobre o texto em análise
Intertextualidade	<p>De outros textos/vozes relevantes, quais são incluídos? Quais são significativamente excluídos? Como outras vozes são incluídas? São atribuídas? Se sim, especificamente ou não especificamente? As vozes atribuídas são relatadas diretamente (citação) ou indiretamente? Como outras vozes são tecidas em relação à voz do/a autor/a e em relação umas com as outras?</p>
Presunção	<p>Que presunções existenciais, proposicionais ou valorativas são feitas? É o caso de se ver algumas presunções como ideológicas?</p>
Relações semânticas/gramaticais entre períodos e orações	<p>Quais são as relações semânticas predominantes entre períodos e orações (causa – razão, consequência, propósito; condicional; temporal; aditiva; elaborativa; contrastiva/concessiva)? Há relações semânticas em nível mais alto entre partes maiores do texto (por exemplo, problema-solução)? As relações gramaticais entre orações são predominantemente paratáticas, hipotáticas ou encaixadas? Há relações particularmente significativas de equivalência e diferença construídas no texto?</p>
Trocias, funções da fala, modo gramatical	<p>Quais são os tipos predominantes de troca (troca de atividade ou de conhecimento) e funções da fala (afirmação de fato, previsões hipotéticas, avaliações)? Há relações ‘metafóricas’ entre trocas, funções da fala ou tipos de afirmação (por exemplo, demandas que aparecem como afirmações, avaliações que aparecem como afirmações factuais)? Qual é o modo gramatical predominante (declarativo, interrogativo, imperativo)?</p>
Interdiscursividade	<p>Que discursos são articulados no texto e como são articulados? Há uma mistura significativa de discursos? Quais são os traços que caracterizam os discursos articulados (relações semânticas entre palavras, colocações, metáforas, presunções, traços gramaticais)?</p>

(conclusão)

Aspectos discursivos/textuais	Perguntas sobre o texto em análise
Representação de eventos/atores sociais	<p>Que elementos dos eventos sociais representados são incluídos ou excluídos? Que elementos incluídos são mais salientes?</p> <p>Quão abstrata ou concretamente os eventos são representados?</p> <p>Como os processos são representados? Quais são os tipos de processo predominantes (material, mental, verbal, relacional, existencial)?</p> <p>Há instâncias de metáfora gramatical na representação de processos?</p> <p>Como atores sociais são representados (ativado/passivado, pessoal/impessoal, nomeado/classificado, específico/genérico)?</p> <p>Como tempo, espaço e a relação entre 'tempos-espacos' são representados?</p>
Identificação	<p>Que estilos são articulados no texto? Como são articulados?</p> <p>Há mistura significativa de estilos?</p> <p>Quais são os traços que caracterizam os estilos articulados ('linguagem corporal', pronúncia e outros traços fonológicos, vocabulário, metáfora, modalidade, avaliação)?</p>
Modalidade	<p>Como os autores se comprometem em termos de verdade (modalidades epistêmicas)? Em termos de obrigação e necessidade (modalidades deônticas)?</p> <p>Em que extensão as modalidades são categóricas (afirmação, negação etc)? Em que extensão são modalizadas (com marcadores explícitos de modalidade)?</p> <p>Que níveis de comprometimento observam-se (alto, médio, baixo) quando há marcadores explícitos de modalidade?</p> <p>Quais são os marcadores de modalização (verbos modais, advérbios modais etc)?</p>
Avaliação	<p>Com que valores (em termos do que é desejável ou indesejável) o/a autor/a se compromete?</p> <p>Como valores são realizados – como afirmações avaliativas, afirmações com modalidades deônticas, afirmações com processos mentais afetivos, valores presumidos?</p>

Fonte: Fairclough (2003, p. 191-194), em adaptação de Ramalho; Resende (2011, p. 114-116).

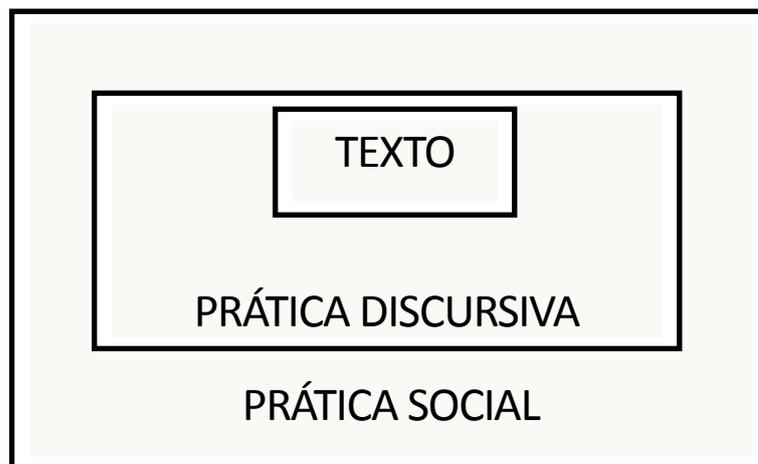
2.1.7 Os três momentos da ADC

A primeira fase da ADC, inaugurada com a publicação do livro *Discurso e mudança social*, ficou marcada pela concepção tridimensional do discurso apresentada por Fairclough.

Naquele momento, o autor propunha uma análise do texto, da prática discursiva e da prática social. Para ele, o discurso como texto tinha relação com os recursos usados pelo falante, tais como vocabulário, gramática, coesão etc. A prática discursiva envolveria os “processos de produção, distribuição e consumo textual” (FAIRCLOUGH, 2001, p.106). A prática social teria relação com os conceitos de ideologia e hegemonia formulados nas seções anteriores deste trabalho.

A figura a seguir representa essa concepção de discurso formulada em *Discurso e mudança social*.

Figura 1 – Concepção tridimensional de discurso



Fonte: FAIRCLOUGH (2001, p. 101).

Em um segundo momento, Chouliaraki e Fairclough (1999) avançam nas discussões conceituais e propõem uma nova abordagem, contextualizada ao período que denominam “modernidade tardia”.

Essa nomenclatura refere-se às novas configurações de espaço e de tempo estabelecidas com a globalização, que, embora permitam maior circulação de bens e ideias e menos fronteiras geográficas, também trazem efeitos colaterais, como a necessidade de migração, a exploração dos países mais pobres pelos mais ricos e a criação de novas fronteiras sociais.

Com base nos conceitos de domínio do potencial, do realizado e do empírico formulados por Bhaskar (1998), Chouliaraki e Fairclough (1999) propõem que as estruturas sociais são abstratas e há um determinado potencial para a realização de eventos sociais concretos. Essa relação potencial é um campo de tensões, com a estrutura limitando a agência e, simultaneamente, abrindo caminho para que ela aconteça. O principal indicativo de mudança teórica é a percepção, agora, de que o discurso é uma parte das práticas (a visão anterior de Fairclough sinalizava que tudo era discurso).

Em 2003, finalmente, Fairclough elabora uma ferramenta para a análise textual, na obra *Analysing Discourse*, a partir das macrofunções de Halliday (o processo de apropriação foi detalhado por nós um pouco mais acima).

2.2 CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

Compreendendo o contexto no qual se localiza nossa problemática e tomando como referencial para análise textual a ADC de Fairclough, discorreremos agora sobre a questão da identidade, tema central desta pesquisa. Para isso, estaremos ancorados nos estudos de Castells (1999), Archer (2000) e Hall (2000). Em seguida, exploraremos o significado identificacional postulado por Fairclough (2003) e duas categorias de Análise: Modalidade e Avaliação.

2.2.1 Identificação e identidade

Para Castells (1999, p. 22), identidade é “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado”.

O mesmo autor propõe uma diferenciação entre os conceitos de identidade e identificação. Para ele, identidades constituem significado para os próprios atores, seriam ‘auto definições’ ou ‘auto identificações’. Identificações, porém, seriam construções discursivas de identificação que uma pessoa estabelece para outra, em textos e interações.

Considerando que toda identidade é sempre uma construção em contextos de poder, Castells classifica em três os tipos de construções de

identidade: identidade legitimadora, identidade de resistência e identidade de projeto.

Podemos chamar de identidade legitimadora aquela introduzida por instituições dominantes, com a intenção de expandir seu poder de dominação. Vale ressaltar que, por ser introduzida pelo 'outro', em primeira instância trata-se de uma identificação legitimadora. A mesma só passa a ser considerada identidade quando é assimilada e internalizada pela pessoa em questão, respeitando-se, então, o conceito de identidade como autodefinição.

Identities de resistência podem ser construídas por atores que se encontram em posições desvalorizadas ou estigmatizadas, representando a criação de trincheiras de resistência. Esse tipo de identidade normalmente leva à formação de comunidades de resistência coletiva.

Por fim, a identidade de projeto ocorre quando atores sociais, fazendo uso de material cultural, constroem uma nova identidade, que redefine sua posição social e promove a transformação.

Castells (1999, p. 419) afirma que identidades de resistência podem evoluir para identidades de projeto, embora isso nem sempre ocorra. A identidade de projeto não apenas resiste à opressão, mas está ligada a projetos coletivos de mudança social.

Archer (2000) discute a questão da agência nos processos de identificação e construção de identidades. Afirma que as pessoas são posicionadas involuntariamente como agentes primários de acordo com as circunstâncias de seu nascimento, ocasião em que não têm poder de escolha – homem ou mulher, rico ou pobre, pertencente à determinada família etc.

Para ela, apenas algumas poucas pessoas persistem ao longo da vida limitadas a essas circunstâncias primárias; a capacidade de transformá-las depende de sua reflexividade e de sua habilidade em se tornarem agentes incorporados, passíveis de agir coletivamente e moldar mudanças sociais.

Conquistar uma identidade social, no sentido pleno, seria, então, uma questão de assumir papéis sociais e personificá-los, investindo-os com sua própria personalidade. Ou seja, o desenvolvimento integral de agentes sociais tem relação com o desenvolvimento integral de suas personalidades, nenhum dos dois processos está, de antemão, garantido. Essa construção, obviamente, está sujeita às limitações sociais.

A própria autora, porém, reconhece que talvez essa noção de assumir papéis não dê, por si só, conta do processo de construção interna da identidade social, por sua complexidade e heterogeneidade.

Para Hall (2000), as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela; são constituídas por meio da relação com o outro, da relação com aquilo que não é. Segundo ele, identidade é:

[...]o ponto de *sutura* entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. As identidades são, pois pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. (HALL, 2000 p. 111-12).

Após discutirmos conceitualmente sobre o processo de identificação e a identidade, detalharemos agora o entendimento do termo Identificação para a Análise do Discurso Crítica.

2.2.2 Identificação e discurso para a ADC

Quem você é, em parte, é uma questão de como você fala, escreve, se porta, se movimenta. Fairclough (2003) utiliza o termo identificação em lugar de identidade, porque deseja enfatizar o processo de se identificar, como as pessoas identificam a si próprias e como identificam os outros. Podemos notar que Fairclough difere de Castells em relação aos motivos que o levam a adotar o termo identificação e não identidade. Para Castells (1999), identificação é o que o ‘outro’ pensa, identidade é o que ‘nós’ pensamos sobre nós mesmos. Fairclough não propõe essa diferenciação. No entanto, opta pelo termo identificação, porque entende que esse termo expressa melhor, dá mais ênfase à construção da identidade como um processo, no qual está envolvido tanto o ‘outro’ como o próprio sujeito. Fairclough ressalta, ainda, que o processo de identificação é, em parte, textual e, embora não esteja dissociado das funções de Representação e Ação, difere dessas. Trata-se de um processo dialético no qual discursos são inculcados em identidades.

Identificação é, portanto, um processo complexo, já que é necessário fazer uma distinção entre o aspecto pessoal e social da identidade, ou seja, a personalidade e a identidade social. A identidade não pode ser reduzida à identidade

social e isso nos leva a entender que identificação não é um processo puramente textual, não tendo relação apenas com a linguagem.

Em relação à visão pós-estruturalista e pós-moderna, Fairclough (2003) afirma que os teóricos dessas correntes têm associado identidade a discurso, sugerindo que as identidades são efeitos dos discursos. Para Fairclough, isso é verdade apenas parcialmente. Primeiro, porque essa ideia apagaria a questão da agência, de que pessoas são agentes sociais que criam, realizam e modificam o mundo. Mas, principalmente, faltaria a essa visão a noção de que a construção da identidade se inicia quando os bebês ainda não têm conhecimento da linguagem. O ponto primordial, para ele, seria que a consciência de si mesmo, iniciada nessa fase, é pré-condição essencial para os processos sociais de identificação.

Um ponto importante, salientado por Fairclough e que tem grande impacto em nosso trabalho, é que a identificação em textos é, ao mesmo tempo, uma questão de individualidade e de coletividade, um problema que envolve a noção de “eu” e de “nós”. Isso nos parece bastante relevante, na medida em que nosso *corpus* é constituído por discursos que alternam essas vozes: há o discurso institucional do movimento SCWC e o discurso da criança de rua que fala em prol do movimento. Esses textos, retalhos de “eu” e de “nós”, caminham na construção de uma nova identidade para as crianças de rua, mas não é possível considerar que as crianças falam em nome de si próprias, apenas.

A “reconstrução” dessas identidades é um projeto do movimento SCWC, que procura envolver as crianças de rua nesse propósito, e não o contrário, um projeto de crianças de rua que busca um movimento organizado para apoiá-las. O maior impacto disso é o fato de que não podemos considerar essas identidades como de resistência, na concepção de Castells (1999), porque isso exigiria que essas identidades fossem criadas pelos próprios atores sociais. Isso faz toda a diferença em relação ao que podemos e devemos analisar e, sobretudo, a que tipo de conclusões podemos chegar.

2.2.2.1 Significado identificacional

Estilos são partes importantes no processo de identificação e podem ser materializados de diversas formas, em termos linguísticos. Aspectos fonológicos, tais

como entonação, pronúncia, ritmo, assim como a seleção de vocabulário e a utilização de metáforas.

Além disso, o estilo envolve também, segundo Fairclough (2003), uma inter-relação entre linguagem verbal e linguagem corporal. Aqui, a ênfase recai sobre gestos, olhares, expressões. O autor explica que não devemos reduzir a linguagem corporal aos limites do discurso verbal, mas que é importante notar que a materialidade dos corpos pode ser, de certa forma, semiotizada em termos de significados relativamente estáveis. Em nossa análise, embora o foco seja o conteúdo verbal, podemos realçar aspectos de outras semioses quando julgarmos válidos para o entendimento da nossa problemática.

No significado identificacional, Fairclough (2003) distingue duas categorias de análise importantes: modalidade e avaliação. Nos próximos itens, falaremos sobre essas duas categorias, sinalizando a que se referem. Ambas serão aprofundadas durante a própria análise do *corpus*.

2.2.2.1.1 Modalidade

De acordo com Halliday (1994), modalidade é o julgamento do falante sobre probabilidades ou obrigações, envolvendo o que ele está dizendo. Com isso, Halliday argumenta que há níveis ou degraus de comprometimento no que falamos, em uma escala que vai da mais alta adesão ao mais baixo grau de afinidade com o que está sendo dito.

A importância da modalidade na construção de identidades reside no seguinte ponto: as coisas com as quais você se compromete são parte importante do que você é, daí por que as escolhas de modalidade podem ser vistas como parte do processo de formulação da própria identidade. Fairclough esclarece, no entanto, que o processo social assume papel importante nessa questão. Um jornalista, por exemplo, ao emitir uma opinião que revela seu grau de comprometimento com determinada situação, mais do que apenas construindo sua identidade própria, está modificando a sociedade, na medida em que é um formador de opinião e seu engajamento ou a ausência dele pode contribuir para que outras pessoas se posicionem de uma ou de outra forma.

A relação entre os significados identificacional, acional e representacional fica bastante clara no caso da modalidade. Há estreita ligação entre os

compromissos e afinidades que você estabelece e a sua forma de ver o mundo e agir sobre ele. Nesse sentido, é possível perceber que os significados atuam sempre lado a lado e a distinção entre eles atende a fins didáticos.

Há um ponto importante em relação à modalidade. Fairclough afirma que nem todos podem se comprometer fortemente com determinadas assunções. Para que esse comprometimento se estabeleça de fato é preciso que a pessoa tenha um poder socialmente ratificado para predizer aquilo que está afirmando com tanta certeza.

Diferentes tipos de modalidade podem ser percebidos em relação às trocas de conhecimento e trocas de atividade. Os exemplos dados por Fairclough (2003, p. 167) podem ser resumidos no quadro seguinte (tradução nossa).

Quadro 3 – Modalidades epistêmica e deôntica

Troca de conhecimento (modalidade epistêmica)	Troca de atividade (modalidade deôntica)
Afirmações: comprometimento do autor com a verdade Asserções: A janela está aberta. Modalizações: A janela pode ser aberta. Negações: A janela não está aberta.	Demanda: comprometimento do autor com obrigações/necessidades Ordens: Abra a janela! Modalizações: Você deveria abrir a janela. Proibições: Não abra a janela!
Questões: o autor deduz o comprometimento de outras pessoas com a verdade Não modalizado positivo: A janela está aberta? Modalizado: A janela poderia ser aberta? Não modalizado negativo: A janela não está aberta?	Oferta: comprometimento do autor com atos Cometimentos: Vou abrir a janela. Modalizações: Eu posso abrir a janela. Recusas: Eu não vou abrir a janela.

Fonte: Síntese de nossa autoria, baseada nos exemplos de Fairclough (2003, p. 168).

É importante ressaltar que nem sempre a modalização é realizada por meio de marcadores de modalização clássicos. Trata-se de um tipo de operação bastante complexo, que pode envolver diferentes elementos textuais, com influência integral do contexto. Há, no entanto, alguns tipos de marcadores mais comuns, que podem sinalizar alta ou baixa adesão ao que está sendo dito.

Como exemplo, verbos modais representam o tipo mais comum de marcador de modalização (exemplo: poder, dever etc.). Há também outros tipos de estruturas que podem sinalizar a modalização, tais como: Advérbios- “certamente”, “possivelmente”, “provavelmente”, “evidentemente”, “usualmente”; adjetivos no participípio- “requerido”; sentenças que envolvam processos mentais- “eu penso que”

ou “eu acho”; verbos que se refiram à aparência também podem exercer o papel de modalizar uma sentença: em “Ele parece ter encontrado uma saída”. Expressões de uso frequente na língua oral, como “tipo” (“Acho que ele é tipo um bandido, não sei”) também demonstram maior ou menor adesão ao que se fala. Até mesmo o discurso indireto pode indicar ausência de comprometimento com o que se diz.

Partindo de Halliday (1994), Fairclough propõe o seguinte esquema para se referir aos diferentes níveis de comprometimento com a verdade e com obrigações/necessidades, que podem ser realizados por meio de sentenças modalizadoras, de tipo epistêmico ou deôntico.

Quadro 4 – Níveis de comprometimento

	Verdade	Obrigação
Alto	Certamente	Requerido
Médio	Provavelmente	Suposto
Baixo	Possivelmente	Permitido

Fonte: FAIRCLOUGH (2003, p. 170).

Nota: Tradução nossa, a partir do quadro original.

2.2.2.1.2 Avaliação

Fairclough classifica como avaliações tanto exemplos clássicos como “João é bonito”, como afirmações com modalidade deôntica, afirmações com verbos de processos mentais afetivos e assunções de valores.

As afirmações avaliativas, primeiro tipo detalhado por Fairclough, expressam o que é desejável ou indesejável, bom ou ruim para o falante. Pode ser mais frequentemente expressa por meio de um elemento avaliativo como um adjetivo (“este trabalho é bom”), mas também pode se revelar na escolha de um verbo (“João desistiu do jogo” / “João amarelou”) ou de um advérbio (“João fugiu do jogo medrosamente”). Exclamações também podem ser utilizadas como forma de demonstração do valor que se atribui ao que está sendo dito.

O reconhecimento da presença de um elemento de avaliação nem sempre é imediato. Em alguns casos, pode-se perceber se algo é ou não desejável de forma indireta, sendo necessário relacionar a sentença ao contexto. Por exemplo:

“Maria é comunista”. O substantivo “comunista” pode ter sentido agradável ou desagradável, mas para apreendê-lo é necessário observar detidamente o contexto da fala.

As avaliações normalmente estão incluídas nas frases (exemplo: Este livro horrível custa uma fortuna). Nesse caso, podemos dizer que “este livro horrível” pressupõe uma sentença avaliativa “este livro é horrível”. Também é relevante salientar que há uma escala de intensidade em se tratando de avaliação, escala marcada por diferentes adjetivos, advérbios ou verbos de processo mental afetivo. Um exemplo disso: ‘eu gosto’ é diferente de ‘eu adoro’, que, por sua vez, é diferente de ‘eu amo’. Há, claramente, uma escala de intensidade nas sentenças exemplificadas.

Em relação aos valores que são assumidos, Fairclough (2003, p. 173) destaca que nem sempre os marcadores de avaliação são transparentes, há ocasiões em que o sentido avaliativo encontra-se mais profundamente infiltrado nos textos. Como exemplo, o autor cita os substantivos ‘eficiência’ e ‘adaptabilidade’, substantivos já carregados de significado positivo no contexto neoliberal. Assim, essa operação de avaliação pressupõe familiaridade do leitor com determinados valores.

3 REVISÃO DE LITERATURA II

...Mas Ijuí era uma cidade pequena. E só muito mais tarde compreendi que havia criado uma relação de espelho com a menina de rua. Nós acompanhávamos a vida uma da outra sem jamais termos nos falado novamente. Apenas nos cruzando pelas esquinas do centro. E nos olhando de longe. Foi ao testemunhar seu destino ano após ano – e compará-lo ao meu – que compreendi o que é desigualdade. A mais abjeta delas, a de origem. Compreendi que ela tinha me tirado 7 reais e a inocência, mas que a nossa queda de braço ela já tinha perdido ao nascer.

(BRUM, 2011).

Atualmente, muitos pesquisadores latino-americanos têm se dedicado à difusão da ADC como teoria e método de investigação, criando abordagens próprias, condizentes com o contexto de nossa região. Exemplos desses trabalhos podem ser encontrados em Magalhães, 1986, 2000; Berardi, 2003; Meurer, 2004; Pardo Abril, 2007, 2008; Pardo 2008; Ramalho, 2007; Resende, 2005, 2008; Silva, 2009. Muitos deles vinculam a ADC aos estudos sobre a pobreza na América Latina, como os trabalhos de Pardo, ou à questão das pessoas em situação de rua, como as pesquisas de Resende e Acosta (2012). É exatamente aí que nosso trabalho se situa, se propondo a investigar a perspectiva identitária de crianças de rua dentro de um contexto específico.

Entender como se estrutura a construção de uma nova identidade discursiva para crianças de rua, no âmbito do movimento *Street Child World Cup*, implica que investiguemos a conjuntura econômica e social subjacente ao capitalismo atual e à globalização, suas implicações para o fenômeno da infância nas ruas, além do conceito de opressão, tarefa que pretendemos cumprir nesse capítulo. Fazemos isso a partir de uma revisão bibliográfica sobre esses temas.

De acordo com o escopo metodológico elaborado por Chouliaraki e Fairclough e detalhado no próximo capítulo, são cinco as etapas que compõem nosso caminho metodológico. A primeira delas é a clara definição de nosso problema, que é a estigmatização de crianças de rua. Na sequência, devemos nos deter no conhecimento aprofundado dos obstáculos que permeiam a problemática, por meio da análise da conjuntura, da prática particular e do discurso, tarefas que concretizamos neste capítulo (as duas primeiras) e no capítulo 5 (a última). Portanto,

neste momento, passamos ao detalhamento da conjuntura econômica e social que leva à situação de rua e à estigmatização de crianças e adolescentes.

3.1 ANÁLISE DA CONJUNTURA

Pretendemos discutir os elementos contextuais que colaboram para a situação de desigualdade e estigmatização vivenciada pelas crianças nas ruas. Articulamos nossas reflexões em subseções. A primeira trata de forma sintética dos impactos decorrentes da adoção do neoliberalismo e da falência do Estado de Bem-Estar Social em grande parte das nações. Na sequência, discutimos os impactos da globalização na sociedade e nas Ciências Sociais. Os conceitos de opressão e superação da opressão, a partir da perspectiva de Paulo Freire, são temas de nossa terceira subseção, seguidos por uma revisão bibliográfica sobre a infância nas ruas. Nosso objetivo é traçar um breve panorama, alinhando determinadas causas a efeitos, como forma de posicionar nossa visão em relação ao tema.

3.1.1 Neoliberalismo e falência do Estado de Bem-Estar Social

O novo capitalismo, termo adotado por Fairclough (2003), dá conta das sucessivas reestruturações pelas quais o capitalismo tem passado nos últimos anos como estratégia para se manter como modelo econômico hegemônico.

Em um escopo amplo de modificações, está a adoção do neoliberalismo que, de acordo com Resende (2005, p. 53), pode ser entendido como um:

projeto político facilitador dessa reestruturação, em consonância com as demandas de um capitalismo global cujas consequências mais evidentes são o aumento da distância entre ricos e pobres (seja no interior de um país ou entre países), da insegurança econômica para os trabalhadores e da exploração no trabalho.

A partir da implantação da ideologia neoliberal, o Estado de Bem-Estar social foi considerado oneroso por garantir proteção ampla aos cidadãos. Dessa forma, foi liquidado ou de algum modo reformado, para evitar as crises econômicas.

O efeito foi grave nos países de Primeiro Mundo, mas ainda mais desastroso nos países periféricos que nunca chegaram a ter um Estado de Bem-

Estar Social, assim como o Brasil, considerado um “monumento à negligência social” por Hobsbawm (1995, p. 555).

Bourdieu (1997, p. 216) cunha o termo “demissão do Estado” para mostrar que a adoção ampla e irrestrita do modelo neoliberal levou a um abandono da ideia de serviço público. Para que os países periféricos possam acompanhar a lógica econômica neoliberal, os serviços básicos, que eram direito do cidadão, passam a ser mercadorias. As pessoas que podem pagar contratam serviços de saúde e educação, por exemplo, mas os que não podem pagar por serviços privados são obrigados a contar com a estrutura de atendimento precária dos serviços públicos.

A demissão do Estado é o abandono do poder público em relação à sua missão mais básica, que é sustentar o funcionamento da sociedade. Nos últimos anos, essa missão tem sido deixada de lado e algumas lacunas têm sido ocupadas por organizações não governamentais. Sem condições de atender ao enorme contingente que necessita de apoio, as organizações não governamentais, mesmo quando bem intencionadas, não conseguem resolver o problema em sua totalidade. Dessa forma, a população fica à mercê dos acontecimentos, já que suas questões não são resolvidas nem pelo Estado, nem pela iniciativa privada, nem pelas organizações civis.

Resende (2005, p. 58) aponta que o discurso neoliberal classifica as reestruturações recentes do capitalismo como uma evolução natural, isenta da ação humana e inescapável. Essa visão fatalista é ressaltada por Bourdieu (1998, p. 42), que afirma que esse discurso dominante, repetido à exaustão, gera a ideia de fatalismo, que leva à submissão. É como se não houvesse outra possibilidade em termos econômicos e sociais e, crendo na inexistência de outra possibilidade, as pessoas se submetem à realidade tal qual se apresenta e se constrói discursivamente.

Esse discurso perpetua a ideia de que a sociedade deve se basear no consumo e que é natural que os “menos aptos” não consigam se sair tão bem no jogo e fiquem de fora da sociedade de consumo. Resende (2005, p. 60) aponta que “o resultado dessa representação parcial é uma naturalização da injustiça social em escala global, que passa a ser vista como etapa transitória e necessária rumo ao ‘desenvolvimento’”.

3.1.2 Globalização

Para discutir a conjuntura da infância de rua, faz-se necessária uma reflexão, ainda que breve, em relação à questão da globalização.

Bauman (2001) discorre sobre a fluidez de processos e acontecimentos na sociedade moderna. Ao sugerir a alcunha “modernidade líquida” para os tempos atuais, Bauman procura enunciar sobre a dissolução dos conceitos de espaço e de tempo, tal como eram concebidos anteriormente. Para ele, a globalização, com suas amplas possibilidades de trocas em níveis mundiais, trouxe consigo efeitos perversos nas vidas das pessoas.

Antes fixas a determinadas localidades e, portanto, responsáveis por aqueles lugares, as corporações passaram a se dissolver em termos espaciais. Há algumas décadas, as empresas se viam comprometidas com o crescimento das comunidades onde atuavam. Com endereço fixo, promoviam emprego, renda e capacitação para as populações que habitavam seu entorno, de tal forma que coexistiam, empresa e comunidade, de forma mais ou menos estruturada.

Com a globalização e suas infindáveis possibilidades, não há mais elementos que prendam uma corporação a um lugar específico. É possível ter escritório virtual, fábrica em um país remoto, consumidores do outro lado do planeta. Com isso, anula-se a responsabilidade das empresas pela sustentabilidade dos locais em que atuam. O efeito dessa anulação é devastador em muitos casos. A empresa muda-se sempre que conveniente, para onde o lucro possa ser maior, mas a massa de funcionários, sem recursos e sem formação, permanece presa a seu local de origem, agora abandonado pela empresa que decidiu se mudar. De acordo com Bauman (1999, p. 12):

Em princípio não há nada determinado em termos de espaço na dispersão dos acionistas. Eles são o único fator autenticamente livre da determinação espacial. E é a eles e apenas a eles que “pertence” a companhia. Cabe a eles, portanto, mover a companhia para onde quer que percebam ou prevejam uma chance de dividendos mais elevados, deixando a todos os demais – presos como são à localidade – a tarefa de lamber as feridas, de consertar o dano e se livrar do lixo. A companhia é livre para se mudar, mas as consequências da mudança estão fadadas a permanecer. Quem for livre para fugir da localidade é livre para escapar das consequências. Esses são os espólios mais importantes da vitoriosa guerra espacial.

A mobilidade permitida aos que investem (e praticamente impossível à maioria pobre) representa, segundo o autor, uma desconexão em relação a obrigações, não apenas com os empregados, mas com as gerações futuras e com a qualidade de vida da comunidade. Para ele, essa desconexão não tem precedentes na história e gera um novo tipo de assimetria entre o poder extraterritorial e as vidas marcadas pela territorialidade.

Bauman postula que a anulação das distâncias temporais e espaciais não torna a sociedade homogênea. A sensação de que todos são livres para ir e vir em um mundo sem fronteiras não passa de ilusão. A anulação das distâncias espaciais e temporais não apenas não torna a sociedade mais homogênea, como contribui para o seu oposto: o crescimento da desigualdade. É exatamente neste ponto que o pensamento de Bauman parece trazer luz à nossa discussão. As crianças e os jovens que vivem nas ruas, embora aparentemente livres, estão presos à sua condição e aos seus lugares. Embora possam se mudar de um logradouro para outro, permanecem alienados da sociedade de consumo e são prisioneiros de sua própria condição, a condição a que foram relegados tão cedo e de forma dramática. Nas palavras do autor, “alguns podem agora mover-se para fora da localidade — qualquer localidade — quando quiserem. Outros observam, impotentes, a única localidade que habitam movendo-se sob seus pés” (1999, p. 20).

A modernidade líquida teorizada por Bauman também é atestada na dissolução da família, uma das maiores motivações para que essas crianças passem a viver nas ruas. Com um modelo familiar mais fluido e menos preso a antigas convenções, a modernidade líquida também colabora para que algumas crianças tenham que viver como adultas antes da hora apropriada. Sem referenciais familiares adequados, que possam provê-las com o necessário para uma vida segura, as crianças tomam as ruas em busca de uma rotina menos difícil.

Ianni (1994) tem pensamento similar ao de Bauman, ao afirmar que a modernidade tem se configurado de forma complexa, desigual e contraditória.

Constitui-se como um jogo de relações, processos e estruturas de dominação e apropriação, integração e contradição, soberania e hegemonia [...]. Trata-se de um universo múltiplo, uma sociedade desigual e contraditória, envolvendo economia, política, geografia, história, cultura, religião, língua, tradição, identidade, etnicismo, fundamentalismo, ideologia, utopia. Nesse horizonte, multiplicam-se as possibilidades e as formas do espaço e tempo, o contraponto parte e todo, a dialética singular e universal. (IANNI, 1994, p. 154).

Santos (1999) classifica a pobreza nos tempos de globalização como “estrutural”. Diferente da pobreza acidental e da marginalidade (os outros dois tipos de pobreza definidos por Santos), a pobreza estrutural não tem raízes locais. Há, segundo ele, uma “disseminação planetária e uma produção globalizada da pobreza” (p. 10), uma pobreza decorrente não apenas do desemprego, mas da redução do valor do trabalho. A pobreza passa a ser vista pela sociedade como natural e inevitável, mas, em verdade, tem sido criada por governos, empresas e instituições oficiais. Como exemplo, Santos cita o Banco Mundial que intervém em questões isoladas em relação à pobreza (como se estivesse interessado no bem daquela determinada população), mas, na verdade, colabora para produzir o cenário de pobreza em escala mundial. O autor denomina a pobreza como “dívida social”, exatamente para enfatizar seus produtores. Para ele, o mundo é permeado de discursos e não há outra forma de mudar a realidade que não seja pelo discurso, desnaturalizando o que não é natural.

Além da pobreza estrutural, Santos elenca como outro sintoma dos tempos de globalização o individualismo extremo, que acaba por constituir o outro como coisa. Essa visão é especialmente relevante para este trabalho, na medida em que as crianças de rua são assim percebidas, como coisas, desprovidas de humanidade.

Sobre o papel das ciências na compreensão da globalização, Santos aponta uma influência cada vez menor da Filosofia na formulação das ciências sociais, o que estaria levando a uma dificuldade de perceber a realidade de forma mais profunda e humana. O papel antes ocupado pela Filosofia na constituição das ciências sociais é agora desempenhado pelas ciências econômicas, de modo que a valoração de coisas, processos e pessoas passa a ser assimilada nas reflexões. Essa interferência assinala questões ideológicas bastante complexas.

No mesmo sentido, Ianni (1994) pontua que a área de Ciências Sociais tem se mostrado, de certa forma, perplexa pelas mudanças provocadas pela globalização. O conceito de estado-nação, por exemplo, é um dos que caminham para o declínio, já que forças políticas, sociais, econômicas, culturais, religiosas globais ameaçam a sua supremacia, seu poder hegemônico. Para ele, as pesquisas em ciências sociais ainda parecem atônitas, diante das injunções e novos parâmetros criados pela globalização.

3.1.3 Opressão e sua superação

O fatalismo mencionado na seção 3.1.1 é citado também por Paulo Freire, em seus estudos sobre a opressão. Freire (1987) afirma que a desumanização é uma distorção possível na história, mas não uma vocação histórica e, por isso, a luta pela humanização faz sentido. A desumanização é, segundo ele, resultado de uma ordem injusta, que precisa ser combatida.

Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma ordem injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos (FREIRE, 1987, p. 16).

Sobre a superação da contradição entre opressores e oprimidos, Freire ensina que a luta apenas tem sentido se os oprimidos não se convertem em opressores dos opressores durante o processo de transformação social, mas, ao contrário, firmam-se como restauradores da humanidade de si próprios e dos que oprimem.

Para ele, o cerne da questão é estabelecer de que forma os oprimidos, que “hospedam” ao opressor em si, conseguirão participar da elaboração da pedagogia de sua libertação. Porque, para Freire, é indispensável que a libertação ocorra a partir dos oprimidos e seja por eles desenvolvida.

O primeiro obstáculo definido por Freire é que o homem oprimido não deseja superar a contradição e se tornar um novo homem. Seu desejo é, antes de tudo, transformar-se no opressor, o que Freire chama de aberração: “um dos polos da contradição pretendendo não a libertação, mas a identificação com o seu contrário” (1987, p.18).

Sobre o opressor, o autor aponta que não basta se perceber opressor e sofrer por isso. Solidarizar-se exige uma atitude material, objetiva, que vai além de prestar atendimento a tantos quantos precisem. Para ele, solidarizar-se é uma atitude radical, que implica lutar, junto com o oprimido, para a transformação e a superação da situação de opressão, mudar a realidade que faz do oprimido apenas um “ser para outro”, sem identidade própria e sem liberdade.

Nesse sentido, entendemos que o SCWC, embora seja uma instituição apoiada por filantropos, acerta em sua proposição de procurar mudar a realidade material, ao elaborar documentos, apresentar aos órgãos competentes, promover o debate sobre a questão da identidade das crianças de rua e, sobretudo, mostrar que há outro caminho para elas. Isso vai muito além de fornecer alimentação e moradia, passa por um esboço de uma pedagogia com vistas à libertação, ainda que não consiga chegar às vias de fato, em grande parte dos casos.

Em diversos momentos em sua obra, Freire reitera que uma pedagogia que liberte o oprimido em nada se assemelha com um trabalho humanitário ou revestido de generosidade. A razão disso é que, para ele, uma pedagogia que faça dos oprimidos objeto de humanitarismo encarna a própria opressão. Nesse raciocínio, nenhum projeto formulado pelos opressores poderia ser libertador, o que incluiria nesse escopo a proposta do movimento SCWC.

Considerando que o movimento SCWC tem sua sustentação na filantropia e apoia-se na generosidade, poderíamos pensar que ele falha completamente em sua intenção de promover uma transformação identitária para essas crianças? Para nós, a resposta a essa questão é não. Embora o movimento não parta das crianças de rua e se apoie na caridade, o diálogo que se estabelece com as crianças em momentos decisivos, como na elaboração de documentos oficiais, é fundamental para acreditar que não se trata apenas de um movimento que alheie o oprimido para sustentar a contradição. Trata-se, para nós, de uma iniciativa de mediação, que deve ser considerada como tal. Ali não estão as vozes das crianças tal como estariam nas ruas. A mediação existe e é evidente. Além da voz mediada das crianças, reverbera a própria voz do movimento, que fala por si e por elas. Mas será que isso, por si só, anularia a iniciativa? Cremos que não. Ao contrário, entendemos que ali há uma semente pedagógica e isso justifica a escolha da Pedagogia do Oprimido em nossa revisão teórica. Obedecendo aos pressupostos dessa teoria, o trabalho pedagógico tem dois momentos: o primeiro, de conscientização e comprometimento dos oprimidos com uma práxis libertadora. Num segundo momento, transformada a realidade opressora, a pedagogia passa a ser a dos homens em processo de permanente libertação.

3.1.4 Infância nas ruas

Em virtude de nosso objeto de estudo ser voltado às identidades de crianças, nesta pesquisa enfocaremos de forma mais específica a questão da infância nas ruas, embora muitos problemas enfrentados nesse contexto sejam comuns a crianças, jovens, adultos e idosos que vivem nas ruas. Questões como vício, violência e estigmatização social são obstáculos frequentes para essa população, independente de faixa etária.

A definição de criança de rua para a Unicef (2011 apud Ray, Davey, Nolan, 2011, p. 7) é:

Any girl or boy who has not reached adulthood, for whom the street in the widest sense of the word, including unoccupied dwellings, wasteland, and so on, has become his or her habitual abode and/or source of livelihood, and who is inadequately protected, directed, and supervised by responsible adults³.

Ray, Davey e Nolan (2011) categorizam as crianças de rua em três classes principais: crianças que dormem em logradouros públicos sem suas famílias; crianças que trabalham nas ruas durante o dia e voltam para suas casas à noite; crianças que vivem com suas famílias nas ruas.

Essa classificação respeita o fato de que a população de crianças de rua não é homogênea e há diversos estágios de envolvimento da criança com a situação de rua.

O termo criança de rua tem sido reconhecido pelos pesquisadores como uma construção social que reflete a inquietação em relação a crianças que são muito visíveis, mas parecem “fora do lugar”. Como carrega conotação de delinquência em muitas sociedades, o termo tem contribuído para a rotulação e estigmatização das crianças, razão pela qual elas próprias não gostam do termo. Em virtude disso, algumas organizações têm optado por utilizar outros termos, como criança em situação de rua, crianças envolvidas com as ruas, crianças em atividade nas ruas etc. Neste trabalho, porém, faremos referência, na maior parte das vezes, ao termo crianças de rua, porque esse é o termo adotado pelo movimento SCWC

³ Qualquer garota ou garoto que não tenha atingido a idade adulta e para quem a rua, em seu sentido mais amplo, incluindo habitações desocupadas e terrenos baldios, tenha se tornado sua casa ou fonte de sustento, e que não tenha proteção, direção e supervisão adequadas de adultos responsáveis.

(no original, *street children*). Embora os líderes do movimento já tenham discutido sobre essa questão algumas vezes, a deliberação mais atual é pela utilização dessa forma, já que entendem que o próprio processo de reformulação identitária, inerente ao movimento, pode colaborar para subtrair o sentido pejorativo do termo “*street children*”.

A UNICEF (2012) considera que há dezenas de milhões de crianças trabalhando e vivendo nas ruas, mas não possui um número concreto a esse respeito. Uma estimativa mais precisa seria desejável para a formulação de programas e políticas endereçadas a essa questão. É importante também que se consiga estabelecer uma estimativa diferencial entre quantas crianças vivem sozinhas nas ruas e quantas trabalham nas ruas, mas retornam a seus lares no fim do dia, já que as estratégias de atuação de órgãos governamentais e organizações civis são diferentes nos dois casos. Os números também são importantes porque existe uma pressão de doadores e benfeitores por números como um esforço para demonstrar impacto em relação a sua atuação.

Os censos de crianças em situação de rua são desafiadores, dada à dificuldade de definição em relação a essa população e à sua mobilidade. Algumas crianças se mantêm ocultas como forma de proteção e, dessa forma, escapam também dos censos. Outra dificuldade é que as crianças costumam desconfiar e, muitas vezes, fornecem dados incorretos. Por fim, realizar um censo de grandes proporções com essa população é oneroso em termos monetários e de recursos humanos (RAY; DAVEY; NOLAN, 2011, p.10).

Devido à dificuldade para estimar corretamente essa população, é complicado dizer se, nos últimos anos, vem ocorrendo um aumento ou uma diminuição nesse contingente. Sabe-se que na Cidade do México, por exemplo, o número caiu, enquanto em outros locais, especialmente nos mais afetados pelo vírus HIV, por conflitos e por desastres, os números tiveram um aumento bastante preocupante, como é o caso de Bangladesh e da República Democrática do Congo, por exemplo (RAY; DAVEY; NOLAN, 2011, p.10).

Em seu relatório, Ray, Davey e Nolan (2011) também pontuam que normalmente há mais meninos do que meninas vivendo nas ruas. Isso se deve ao fato de que as meninas costumam ser incentivadas mais a ficar em casa, são supervisionadas de perto e, muitas vezes, suportam situações de exploração e violência sem fugir. Contudo, com a quebra de paradigmas tradicionais, em termos

culturais, muitas práticas naturalizadas, como o casamento precoce, por exemplo, começam a ser questionadas pelas meninas, que optam por sair de casa em busca de outras perspectivas. A atração pela cultura moderna das grandes cidades também têm levado muitas meninas às ruas.

A exclusão social e a discriminação são alguns dos fatores que podem motivar a ida para as ruas. Pesquisas indianas mostram que grande parte das crianças que estão nas ruas são provenientes de castas discriminadas. Na Guatemala, é alto o percentual de crianças oriundas de famílias indígenas que vivem em situação de extrema pobreza.

Muitas são as situações que podem levar as crianças às ruas, mas uma vez lá se estabelecendo recebem grande carga de discriminação e carregam estigmas, especialmente na adolescência, quando meninos carregam o estigma de delinquentes e meninas de mulheres perdidas.

No cenário atual, as organizações não governamentais já sinalizam um notável aumento de jovens mais velhos em situação de rua, casamentos entre esses jovens, nascimento de bebês oriundos dessas relações e constituição de famílias de rua.

Sobre as pessoas que vivem nas ruas, Coracini (2011, p. 13) afirma:

Falo de seres humanos, cujas identidades, atreladas a vestes encardidas e rotas pela situação de pobreza em que vivem, costumam fundir-se com suas peles rasgadas, deixando à mostra cicatrizes, fissuras e ferimentos causados não só por doenças provenientes muitas vezes de vícios [...], mas também pelo sofrimento de viver no abandono, de não ter onde ficar, de desconhecer o que é o aconchego de uma família e, sobretudo, pela ruptura da coesão social e ausência de políticas públicas eficazes.

Esse pequeno excerto de Coracini demonstra de que forma o abandono, seja de adultos ou crianças, pode conduzir a uma anulação de si, a uma fragmentação identitária que, por vezes, impossibilita que a pessoa se recupere sozinha.

Sobre a estigmatização das crianças e dos jovens que vivem nas ruas, Koller e Hutz (1996) afirmam que em todas as sociedades, meninos e meninas de rua são descritos como marginais ou doentes. Também é frequente a associação delas a adjetivos como violentos, sujos e delinquentes.

Considerando o espaço da rua como um local perverso e prejudicial, carregado de experiências negativas (Silva, 1993), o público que ali habita é tido

como uma ameaça para a sociedade, independente do que venha a fazer nas ruas (Espinheira, 1993).

Mattos e Ferreira (2004) discutiram algumas tipificações normalmente associadas às pessoas que vivem nas ruas. Essas tipificações, conforme explicam, resultam de estigmatizações repetidas ao longo do tempo, passadas de geração a geração, carregadas de sentido ideológico. Assim, as pessoas que habitam as ruas podem ser comumente vistas como “vagabundas”, “loucas”, “sujas”, “perigosas” e “coitadinhas”.

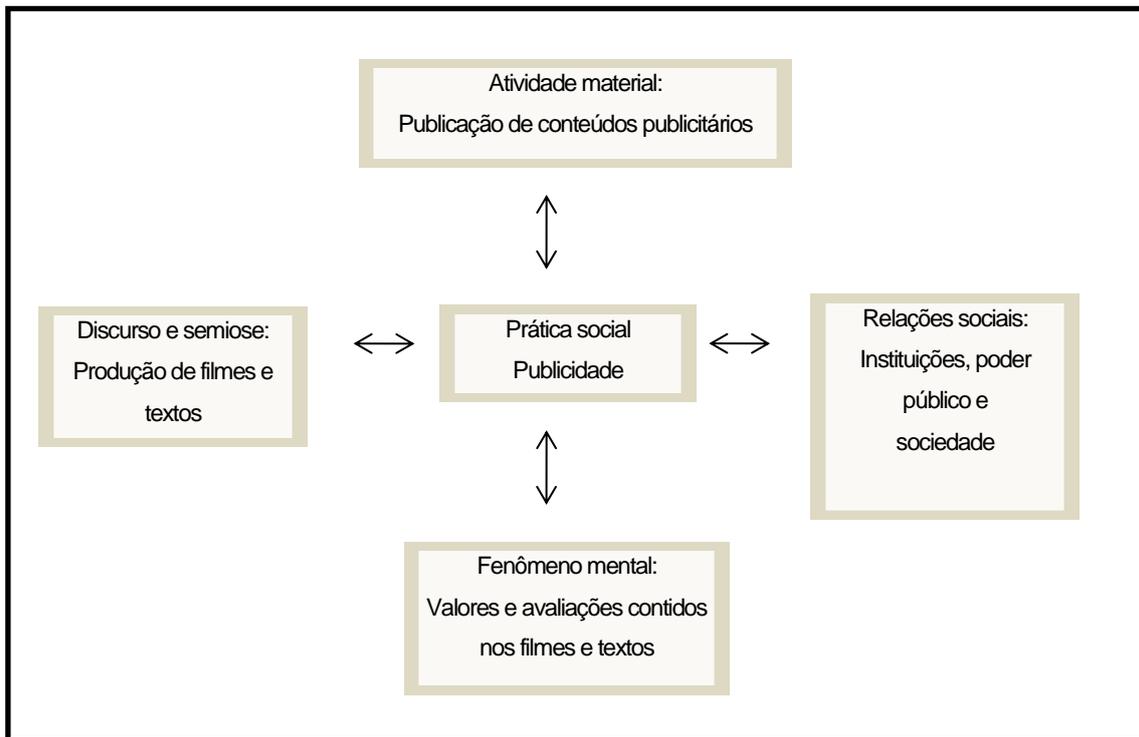
É para combater e subverter essa utilização frequente de adjetivos pejorativos que o movimento SCWC atua. No capítulo 5, discutiremos algumas das estratégias empregadas pelo movimento para esse fim.

3.2 ANÁLISE DA PRÁTICA PARTICULAR

Nesta seção, trataremos da prática particular envolvida em nosso objeto de pesquisa, seguindo o referencial metodológico de Chouliaraki e Fairclough, detalhado no próximo capítulo. Para tanto, discutiremos a atuação de organizações não governamentais, como o movimento SCWC, e a publicidade realizada por instituições desse tipo.

Tomando a publicidade do movimento SCWC como prática social, é possível afirmar que ela estabelece relações sociais com diferentes públicos, quais sejam: a sociedade, o poder público e outras instituições da área. A sua atividade material está representada, neste caso, pela produção e publicação dos vídeos publicitários ora analisados, que constituem o elemento discursivo e semiótico inerente a essa prática social. Como fenômeno mental, tem-se os valores e avaliações contidos nos filmes e que serão detalhados no capítulo 5.

Figura 2 – Análise da prática particular e de seus momentos



Fonte: Adaptação a partir de FAIRCLOUGH; CHOULIARAKI (2003, p. 121).

3.2.1 O terceiro setor

O conceito de terceiro setor é debatido até hoje, não havendo consenso sobre o que é esse setor e que tipos de instituições o integram. Ainda assim, seu cerne pode ser definido, segundo Fernandes (1994), da seguinte forma: agentes privados atuando para fins públicos, em oposição complementar a agentes públicos que atuam para fins públicos (Estado – primeiro setor) e a agentes privados que atuam para fins privados (mercado – segundo setor). Fernandes aponta ainda que agentes públicos operando para fins privados configuram-se não como um setor, mas como prática de corrupção.

Embora o conceito de terceiro setor seja relativamente recente, é possível demarcar a existência de instituições de caridade desde tempos muito antigos. Essas instituições eram ligadas a organizações religiosas, como a Igreja Católica e o Islã, e concentravam seus esforços na assistência de enfermos, pobres, deficientes e prisioneiros (HUDSON, 1999).

Para Rifkin (1997) e Montañó (2010), o terceiro setor é, na verdade, o primeiro, considerando que, na história da humanidade, primeiro apareceram as

coletividades, para depois aparecerem as cidades e o comércio. Todavia, é ampla a aceitação do nome terceiro setor para designar organizações não governamentais (conhecidas como ONGs), movimentos sociais, associações, fundações, entidades filantrópicas, culturais, educativas e de classe, desde que não tenham fins lucrativos. Por essa razão, utilizaremos aqui esse nome.

Para Gohn (1995), o terceiro setor pode ser caracterizado como um tipo de investimento social, sendo uma expressão da participação e da cidadania. Essas duas definições sinalizam para o caminho percorrido pela instituição objeto deste estudo: um esforço conjunto da sociedade civil com vistas à transformação social e à cidadania.

A dinâmica do movimento *Street Child World Cup* pode ser assim resumida: conduzido por uma organização não governamental, se alia a dezenas de organizações do terceiro setor em diversos países. Essas organizações, normalmente responsáveis pela guarda e pelo cuidado de crianças em situação de vulnerabilidade social, são escolhidas pelo movimento de acordo com sua relevância, organização e histórico profissional.

No caso da Copa do Mundo de 2014, o principal parceiro do movimento no Brasil foi a ONG O Pequeno Nazareno, sediada em Fortaleza, no estado do Ceará. Essa ONG foi escolhida porque tem uma atuação já bastante reconhecida, não apenas na cidade, mas em todo o país e é uma das instituições mais envolvidas na defesa dos direitos de meninos e meninas de rua, colaborando, inclusive, na elaboração de leis sobre a problemática.

Para que as parcerias se estabeleçam e os eventos promovidos pelo SCWC possam ocorrer é fundamental contar com o apoio de doações. Estas podem ser provenientes de instituições públicas e privadas, mas também podem vir de doadores da sociedade civil, motivados pela causa. Com a intenção de ampliar as doações, o movimento SCWC executa diversos eventos e iniciativas durante os anos que antecedem a realização de uma copa do mundo. São palestras, parcerias, ações para chamar a atenção da população – em uma delas, por exemplo, os membros do movimento dormiram na rua uma noite para alertar a sociedade em relação ao que as crianças de rua vivem todos os dias.

É exatamente com a finalidade de atrair a atenção da sociedade civil, de conseguir doações e de sensibilizar, que o movimento SCWC investe em publicidade. Essa ferramenta da comunicação, tão criticada por ser uma das

principais armas do capitalismo, assume formas bastante diversas quando o produtor da mensagem é uma organização de terceiro setor, conforme será explicitado na próxima seção.

3.2.2 Publicidade no terceiro setor

Para Moran (1998), a comunicação é importante em uma organização pela sua capacidade de prescrever comportamentos, ou seja, orientar escolhas dos consumidores.

No terceiro setor, porém, a publicidade possui papel diferenciado. Ao publicizar suas ações e iniciativas, as organizações do terceiro setor têm em mente envolver e mobilizar os agentes sociais em torno de sua causa.

Poderíamos dizer, então, que, no terceiro setor, a publicidade funciona com três propósitos: é uma forma de ampliar as doações feitas pela sociedade civil, um polo de atração para voluntários e um caminho para sensibilizar a sociedade em torno das problemáticas que são objeto de cada instituição.

Adulis (2002) postula que, muitas vezes, a comunicação nas instituições de terceiro setor tem como papel essencial o aprimoramento e a inovação nas formas de captação de recursos. Assim, o sucesso da organização depende, em grande medida, do relacionamento que consegue estabelecer com possíveis doadores. Por isso, as causas defendidas não costumam ser tratadas de forma aprofundada, mas sim superficialmente, para que os doadores possam perceber a organização como merecedora de apoio, de acordo com a causa que defende. Ainda para Adulis, é essencial que as instituições de terceiro setor consigam estabelecer um vínculo mais duradouro com possíveis doadores, por meio da conscientização sobre a causa defendida.

Manzione (2006) afirma que o marketing deve ser capaz de organizar as atividades de comunicação para que influenciem comportamentos. Para Philip Kotler (1978, p. 25), o marketing social é

uma estratégia de mudança de comportamento. Ele combina os melhores elementos das abordagens tradicionais da mudança social num esquema integrado de planejamento e ação e aproveita os avanços na tecnologia das comunicações [...]

É interessante pontuar que organizações do terceiro setor, em sua maioria, têm menos acesso aos grandes meios de comunicação de massa, exatamente por serem instituições sem fins lucrativos e que subsistem por meio de doações. De que forma, então, podem defender suas agendas, se os meios de comunicação hegemônicos são espaços prioritários de quem possui o capital? Nesse sentido, mostram-se fundamentais os meios de comunicação contra-hegemônicos, como a imprensa sindical, por exemplo.

No nosso caso em estudo, o movimento SCWC atinge possíveis doadores em diversos lugares do planeta a partir de uma solução democrática: a divulgação de seus vídeos no canal YouTube, que pode, em certa medida, ser considerado um canal contra-hegemônico, já que permite a democratização da comunicação.

Há algumas décadas, o espectador assumia uma posição meramente passiva frente à televisão ou ao rádio, recebendo as informações que as grandes empresas optavam por divulgar. Não havia espaço para que o espectador divulgasse seu próprio conteúdo. Com o advento da internet e o surgimento posterior de plataformas de conteúdo democráticas, como o YouTube e o MySpace, por exemplo, os espectadores passaram de meros receptores das mensagens emitidas por grandes corporações para produtores de seus próprios conteúdos.

Atualmente, qualquer pessoa tem a oportunidade de divulgar conteúdos na internet, que podem passar a ser vistos por pessoas do mundo todo. Nesse cenário, é comum o surgimento de celebridades instantâneas – pessoas que divulgam algum conteúdo que cai no gosto popular e que, por isso, experimentam uma fama repentina e, normalmente, pouco duradoura.

Na esteira do sucesso desses portais de conteúdo, as grandes e pequenas corporações procuram utilizar esses espaços com fins comerciais. Instituições que possuem poucos recursos, como as ONGs, também aproveitam a oportunidade para divulgar suas causas e estabelecer relacionamentos com seus diversos públicos. A divulgação de conteúdo em portais como o YouTube é gratuita, o que democratiza, de fato, o acesso.

Em relação ao movimento SCWC, percebe-se um investimento na produção dos filmes, que demanda certo capital, contrabalançado na sua forma de distribuição, que é gratuita. Vale pontuar, também, que, além da divulgação de conteúdo em seu site e em portais de conteúdo, o SCWC também atua por meio de

assessoria de imprensa, buscando conseguir espaços gratuitos nas editorias, em virtude da relevância da causa que defende. Neste trabalho, como concentramos nossa atenção nos vídeos do movimento, não abordaremos as estratégias de assessoria de imprensa, que merecem estudo à parte.

Considerando a publicação dos conteúdos como atividade material de nossa prática particular, de acordo com o esquema apresentado por Fairclough e Chouliaraki (2003), na Figura 2, tomamos o fenômeno mental, outra parte do esquema, como as processos avaliativos conduzidos pelo movimento dentro dos próprios filmes. Esse aspecto será discutido no capítulo 5.

4 METODOLOGIA

“As duas procuraram em todos os cantos. Só enxergaram um saco de lixo próximo ao cordão da calçada. De repente, tiveram uma visão estranha. O saco apresentava contornos humanos. Era o menino. Maltrapilho, sujo e drogado, em nada parecia uma criança. A mãe sentiu um arrepio. Pensou que Felipe estava morto. Mexeu no seu corpo e ele não acordou. Maria insistiu até ver seus olhos abrirem. – Parecia que tinham colocado piche nele, de tão sujo. Os olhos, parecia que jorravam sangue, de tão vermelhos – contou.”

(DUARTE, 2012).

Quando nosso pré-projeto foi aprovado pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, tínhamos como objeto de pesquisa a publicação *Ocas*”, voltada à problemática das pessoas em situação de rua.

De início, percebemos uma dificuldade de operacionalizar a pesquisa tal como primeiramente concebida. Seriam necessárias algumas viagens a São Paulo (local onde a revista é editada) para acompanhar os workshops ministrados às pessoas em situação de rua – esses workshops ajudam as pessoas a desenvolverem talentos artísticos que possam ser expressos na revista; nosso interesse residia em compreender essa mediação. Por questões financeiras, as viagens não poderiam ocorrer na periodicidade necessária, o que prejudicaria a investigação. Em razão disso, começamos a pensar em outras abordagens para uma pesquisa que mantivesse o mesmo foco, o trabalho com a linguagem relativa às pessoas em situação de rua.

Ao longo do caminho, experimentamos algumas possibilidades, como o enfoque na problemática da esmola, que deu origem a alguns artigos e trabalhos apresentados em eventos científicos.

Posteriormente, conhecemos o movimento *Street Child World Cup* e decidimos nos centrar na análise de seu material publicitário. Para que a pesquisa fosse mais ampla, planejamos um trabalho etnográfico, que apoiasse nossas reflexões sobre o movimento e sobre a problemática das crianças de rua. Iniciamos o trabalho etnográfico, entrevistando dois ex-meninos de rua de Fortaleza selecionados para participar da Copa do Mundo de crianças de rua. Embora

tenhamos conseguido contato com as crianças, não conseguimos autorização de seus pais para levarmos a pesquisa adiante – os meninos não vivem mais com as famílias e as tentativas de contato com os responsáveis legais por suas guardas foram infrutíferas. Diante dessa dificuldade e do pouco tempo disponível para reiniciar a pesquisa etnográfica com outras crianças, optamos por trabalhar apenas com os dados documentais, reservando a pesquisa etnográfica para futuros trabalhos.

Na sequência, detalhamos nossas escolhas metodológicas em relação aos documentos que compõem o *corpus*.

4.1 A ADC E SEU ENQUADRE METODOLÓGICO

Partindo do princípio de que a Análise de Discurso Crítica (ADC) não é apenas um arcabouço teórico, mas uma abordagem teórico-metodológica, optamos pela sua utilização para a análise dos diversos elementos linguísticos e semióticos que compõem nosso corpus. Chouliaraki e Fairclough (1999) afirmam que o enquadre metodológico proposto pela ADC indica diretrizes importantes para uma análise social do discurso.

O citado enquadre é composto por cinco etapas, conforme tabela a seguir. As etapas serviram como base para a redação final desta dissertação.

Quadro 5 - Enquadre metodológico da ADC

Enquadre metodológico	
I.	Um problema (de atividade ou de reflexividade).
II.	Obstáculos a serem enfrentados: Análise da conjuntura; Análise da prática particular ou das práticas; Análise do discurso
III.	Função do problema na prática.
IV.	Possíveis maneiras de ultrapassar os obstáculos.
V.	Reflexão acerca da análise.

Fonte: CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH (1999, p.60).

4.1.1 Etapa I: Identificação do problema

Na primeira etapa proposta pelo enquadre da ADC, deve-se identificar o problema relacionado ao discurso, que pode estar localizado na prática social ou na construção reflexiva da prática em questão.

Neste trabalho, o problema é a estigmatização de crianças de rua. A prática social relaciona-se tanto à questão da infância nas ruas, como à intervenção de instituições nessa problemática social. Pretendemos verificar os esforços empreendidos pelo movimento SCWC no sentido de reverter a imagem negativa já associada às crianças de rua, conhecidas como “menores”, “trombadinhas”, “pivetes”, “delinquentes” etc.

A naturalização do estado de rua dessas crianças e o uso de expressões de cunho negativo pela mídia de forma frequente tornam a sociedade insensível à problemática, responsabilizando as crianças por boa parte da violência das grandes cidades, sem uma análise cuidadosa dos motivos que levam à situação de rua e, sobretudo, sem um esforço da sociedade e do poder público para reverter a situação.

Ainda mais especificamente, pretende-se analisar essa construção discursiva em materiais publicitários do movimento SCWC. Tomaremos aqui o gênero publicitário como referência, cientes de que, dentro do que chamaremos de gênero publicitário, existem manifestações de natureza muito distintas; nesse caso, textos redigidos para ambientes virtuais, filmes institucionais e minidocumentários. No capítulo 3, detalhamos nossas percepções sobre o discurso publicitário e seu papel na superação do problema das crianças de rua.

Fazemos parte do Laboratório de Natureza Mista (Pesquisa e Extensão) Linguagem e Cognição – LINC, aprovado em todas as instâncias exigidas pela Universidade Estadual do Ceará, com Resolução nº 1118/2014 do CONSU/UECE, em 01 de dezembro de 2014, e de grupos de pesquisas desse laboratório, tais como o de estudo da violência urbana em textos midiáticos. Além disso, fazemos também parte do Projeto de Pesquisa intitulado “Por uma pragmática cultural: cartografias descoloniais e gramáticas culturais em jogos de linguagem do cotidiano – PRAGMA CULT”, versão 2, com CAAE: 19071413.0.0000.5534, proposto pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, tendo como pesquisadora principal a Profa. Dra. Claudiana Nogueira de Alencar. Nossa pesquisa constitui um dos subprojetos

do PRAGMA CULT, sendo, portanto, uma proposta de investigação da linguagem humana.

Embora a nossa pesquisa não tenha exigência das normas que regulamentam os estudos com seres humanos do Conselho Nacional de Saúde, Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996 e complementares, temos o parecer consubstanciado do CEP, Universidade Estadual do Ceará, com número 459.008 e data de Relatoria de 29/10/2013.

O *corpus* é constituído por quatro filmes divulgados no site do movimento SCWC e no canal que a instituição mantém no *YouTube* e por um texto divulgado no site.

Há 32 filmes de divulgação postados no site. Após uma breve análise do conteúdo de todos eles, optamos por aqueles que mais poderiam contribuir para a discussão acerca da identidade das crianças de rua, chegando ao número de quatro vídeos. Optamos pela utilização dos vídeos em inglês; essa decisão teve o intuito de homogeneizar o máximo possível o *corpus*, além de trabalhar com o sentido original das palavras, sem perdas de sentido decorrentes de traduções imprecisas.

A análise que propomos neste trabalho centrou-se nos elementos linguísticos, embora em alguns momentos façamos reflexões sobre aspectos semióticos que envolvem o tema, desde o tipo de produção até gestos e olhares das crianças retratadas. Analisamos tanto as falas das crianças, como a fala institucional do movimento.

Os quatro filmes selecionados para análise são detalhados na sequência e estão disponíveis no Anexo desta dissertação.

Quadro 6 – Coleção do *corpus* videográfico da pesquisa

(continua)

Título	<i>Street Child World Cup: More than a Game</i>
Data	Publicado em 22/09/2012.
Duração	1min52seg
Características	<ul style="list-style-type: none"> – Filme institucional; – Narrativa em <i>off</i> da problemática das crianças em situação de rua a partir da perspectiva do movimento; – Imagens de crianças nas ruas e de crianças participando do movimento.

(conclusão)

Título	<i>Today at Street Child World Cup – Born in a Cemetery</i>
Data	Publicado em 02/09/2013.
Duração	3min37seg
Características	<ul style="list-style-type: none"> – Filme institucional com caráter de minidocumentário; – Personagem principal: Crystal, uma ex-menina de rua, nascida em um cemitério nas Filipinas; – Foco na história de vida de Crystal e em sua capacidade de superação; – Construção de uma identidade positiva para as crianças de rua.

Título	<i>Road to Rio 2014</i>
Data	Publicado em 22/09/2012.
Duração	1min22seg
Características	<ul style="list-style-type: none"> – Filme institucional; – Narrativa em <i>off</i> falando sobre a Copa do Mundo de Crianças de Rua no Rio de Janeiro e a relevância do evento para mudar a vida dessas crianças; – Convite para que o espectador se junte ao movimento.

Título	<i>You did this in 2014, thank you! I am Owais. I am somebody</i>
Data	Publicado em 04/12/2014.
Duração	3min17seg
Características	<ul style="list-style-type: none"> - Filme institucional com caráter de minidocumentário; - Personagem principal: Owais, um ex-menino de rua do Paquistão; - Foco na história de vida de Owais e nas consequências positivas de sua participação na SCWC em 2014; - Construção de uma identidade positiva para as crianças de rua e para o movimento.

Além dos filmes, a justificativa da campanha publicitária divulgada no site do movimento colabora para a discussão sobre o tema aqui proposto, a construção de identidades. O texto está disponível no Anexo desta dissertação.

Quadro 7 – *Corpus* de textos de pesquisa

Título	Seção ' <i>I am somebody</i> ' – Menu ' <i>About us</i> '
Características	Justificativa da campanha publicitária, contendo explicação sobre a utilização do slogan ' <i>I am somebody</i> ' e a relação entre o mesmo e o poema escrito pelo reverendo W. H. Borders.

Definido o problema e delimitado o *corpus*, passamos à segunda etapa do enquadre metodológico proposto por Chouliaraki e Fairclough.

4.1.2 Etapa II: Obstáculos a serem enfrentados

Na segunda etapa proposta por Chouliaraki e Fairclough (2003), os autores propõem uma investigação da conjuntura, da prática particular e do discurso. A ideia é esclarecer os obstáculos que devem ser superados para resolução da problemática. Como nosso problema de pesquisa consiste em entender uma construção identitária contra-hegemônica, a análise da conjuntura pretende mostrar como os discursos que queremos estudar se situam em relação a uma rede de práticas sociais; a análise da prática particular intenciona compreender o processo de produção, distribuição e recepção dos textos que constituem nosso *corpus* e a análise do discurso constitui a análise textual propriamente dita.

4.1.2.1 Análise da conjuntura

Fairclough e Chouliaraki (2003) afirmam que a conjuntura é a trajetória pela qual a estrutura social é constituída pela rede de práticas sociais. A problemática das crianças de rua é bastante complexa e envolve estudos de diversas áreas de conhecimento. Para esse trabalho, nosso recorte conjuntural consistiu em revelar a dimensão do problema das crianças de rua no mundo, a questão da invisibilidade social, da naturalização da situação de rua e a identidade negativa frequentemente associada a essas crianças. Isso é necessário para mostrar de que forma a construção identitária positiva, proposta pelo movimento SCWC, pode se opor à construção hegemônica frequentemente divulgada nos meios de comunicação. O detalhamento da conjuntura pode ser visto no capítulo 3.

4.1.2.2 Análise da prática particular

Os discursos aqui estudados são situados socialmente e historicamente dentro de um contexto particular, o da realização das Copas do Mundo de Crianças de Rua. Dessa forma, ainda segundo Fairclough e Chouliaraki (2003, p.61), devemos, como pesquisadores, identificar quatro momentos da prática social em questão: a atividade material, as relações sociais, o fenômeno mental e o discurso. Esboçamos esta tarefa no capítulo 3 desta dissertação.

4.1.2.3 Análise do Discurso

Discursos devem ser analisados de acordo com a concepção tridimensional que abarca os modos de representar, identificar e agir (FAIRCLOUGH; CHOULIARAKI, 2003, p. 63). Os autores afirmam, ainda, que é necessário relacionar o discurso às ordens de discurso, que podem motivá-lo ou constrangê-lo.

No *corpus*, composto por quatro vídeos e um texto, foram analisados os elementos mais representativos para a questão que intencionávamos abordar: a identitária. Por isso, houve um aprofundamento na análise do Significado Identificacional, a partir das categorias Modalidade e Avaliação, que foram descritas no Capítulo 2 – Revisão da Literatura I.

A análise dos textos encontra-se no Capítulo 5 – Resultados e discussões.

4.1.3 Etapa III: Função do problema na prática

Nesse momento, devemos refletir sobre o evento investigado e suas possíveis consequências em termos sociais. Estamos diante de um fenômeno mundial (a situação de rua de crianças e jovens) e de um evento internacional (a Street Child World Cup). Por isso, nossas reflexões não são restritas a uma determinada área geográfica, mas sim à problemática como um todo e aos pontos em comum, encontrados na maior parte dos países, tanto ocidentais como orientais.

Procuramos compreender como essa construção identitária pode ou não contribuir para a transformação social e se pode ou não abalar o discurso hegemônico já naturalizado acerca dessas crianças.

4.1.4 Etapa IV: Possíveis modos de ultrapassar obstáculos

Pretendemos entender se o movimento pode contribuir para “discernir possíveis recursos para transformar as coisas da forma como são atualmente” (FAIRCLOUGH; CHOULIARAKI, 2003, p. 65).

Ou seja, nosso objetivo com esse estudo é propiciar a reflexão sobre a transformação da situação social dessas crianças e jovens. Embora seja um estudo breve, acreditamos que, ao lado de outros estudos empreendidos por pesquisadores de todo o mundo, possa começar a iluminar essa questão com vistas a um futuro mais justo para todos.

Considerando que o discurso materializa identidades e também as constrói, análises discursivas podem colaborar para a superação desses problemas ou, pelo menos, acenar caminhos possíveis.

As etapas III e IV do enquadre foram materializadas no Capítulo 6 – Considerações finais.

4.1.5 Etapa V: Reflexões sobre a análise

A etapa V está refletida em todos os capítulos desta dissertação, especialmente nos capítulos 5 e 6.

4.2 DIRETRIZES PARA TRANSCRIÇÃO

Os dados documentais estavam disponíveis em dois formatos: texto verbal, coletado do site do movimento SCWC, e textos videográficos. Os vídeos foram transcritos para que pudessem ser utilizados durante o trabalho.

Conforme aponta Hilgert (1990 apud DIONÍSIO, 2009, p. 245), “a análise tem que se concentrar necessariamente na produção dos interlocutores e nunca em interpretações e adaptações do pesquisador”. Por isso, o analista não deve completar enunciados incompreensíveis, a partir de sua própria interpretação.

Sobre normas de transcrição, Marcuschi (1998, p. 9) afirma que não há uma “melhor transcrição”. Cabe ao analista assinalar aquilo que o interessa, baseado em seus objetivos. Optamos por não inserir as informações visuais e gestuais dos vídeos nas transcrições. Preferimos tecer considerações sobre os elementos semióticos apenas durante a análise, quando se mostraram determinantes para o sentido que estava sendo construído.

Como nosso interesse não foi investigar as marcas e características da oralidade, optamos por uma metodologia de transcrição bastante simplificada, a partir de alguns elementos gráficos convencionalmente utilizados pela análise da conversação (MARCUSCHI, 2007, p. 12), os quais são apresentados no quadro a seguir.

Quadro 8 – Elementos gráficos adotados na transcrição

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Ênfase ou acento forte	MAIÚSCULAS
Pausas breves	Vírgulas
Citação de fala	“ ”
Comentários do analista	(())
Inserção de informação não explicitada	[]
Transcrição editada	[...]

Fonte: MARCUSCHI, 2007, p. 12.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

“Não há como visitar o país em que Enilda vive sem se queimar. Mas a dor passa. Para nós, sempre é possível partir. Para Enilda e as outras, não. No lado do Brasil em que vivem, não há saída de emergência. Ao tocar mães como Enilda, escutar a sua dor, sentar em suas cadeiras de pregos, percebemos que somos muito mais semelhantes do que diferentes. O que nos torna desiguais é o que as condena, e o que nos envergonha: para nossos filhos há futuro, e para os delas há caixão.”

(BRUM, 2006).

Neste capítulo, discutimos os resultados de nossas análises, buscando trazer para a reflexão os principais pontos sinalizados ao longo dos capítulos anteriores. Por questões de didática e de organização, optamos por fazer as análises de cada um dos anexos separadamente. Foram selecionados para a análise os trechos mais interessantes de cada uma das transcrições. É importante ressaltar novamente que a análise se apoia nos elementos linguísticos. Em alguns momentos, são feitas breves considerações sobre aspectos de outras semioses, como forma de apoiar a discussão.

5.1 ANÁLISE DO CORPUS VERBAL

Iniciamos pela análise do texto cujo título é *I am somebody* (no site do movimento, o texto encontra-se dentro do Menu ‘*About us*’). O texto na íntegra está disponível no Anexo desta dissertação. Optamos por manter os destaques dados pelos autores, como negritos ou fontes maiores. Para destacar trechos que nos interessem para análise, utilizaremos o recurso do sublinhado.

O texto em questão é uma justificativa da campanha publicitária adotada pelo movimento e, em especial, de seu lema ‘*I am somebody*’. A campanha nasceu após a realização da primeira edição da Copa do Mundo de Crianças de Rua, em Durban, na África do Sul, em 2010. Isso significa dizer que durante a realização do primeiro evento, o lema ‘*I am somebody*’ não era utilizado – ele surgiu como resultado do que o movimento acredita terem sido os principais temas debatidos na ocasião.

De forma geral, em relação à categoria analítica modalidade, é possível perceber que o autor (o movimento SCWC) se compromete em alto grau com o conteúdo do texto e com a causa que defende. Isso pode ser visto nas construções afirmativas e, também, na escolha de verbos modais e outros marcadores de modalização menos explícitos, como advérbios, verbos auxiliares, pronomes.

Em relação à categoria avaliação, o texto carrega em si dois tipos de avaliação: a avaliação que é feita pela sociedade e pela mídia em relação às crianças de rua (avaliação negativa) e a avaliação que o movimento faz dessas crianças (avaliação positiva). A avaliação pode ser percebida principalmente pelo léxico adotado, mas também pela construção sintática, com predominância de sentenças passivas (para se referir à violência sofrida pelas crianças) e sentenças ativas (para demonstrar o poder de agência dessas crianças). Ao contestar a avaliação negativa da sociedade e da mídia, o movimento caminha no sentido de conferir legitimidade à sua forma de avaliar, em um processo de construção identitária positiva.

Nas próximas páginas, procuraremos demonstrar a análise dividida em fragmentos, por questões didáticas. É importante ressaltar que, durante a análise, não nos prenderemos apenas às categorias avaliação e modalidade, podendo, assim, tecer comentários sobre outros aspectos que colaborem para o sentido que está sendo construído.

Lendo o texto em questão, alguns pontos chamam a atenção já no primeiro parágrafo. A frase de abertura (Fragmento 1.1) traz uma informação importante, que “credenciaria” a atuação do movimento e sua campanha. A expressão sublinhada revela que a campanha é conduzida pelas crianças. Trata-se de um dado relevante por dois motivos.

Em primeiro lugar, de certa forma, responde a um discurso anterior (real ou hipotético) que afirma que o movimento é feito pela instituição e não pelas crianças. Com uma simples afirmação, embora não haja um contexto de interação nos moldes conversacionais (falante-ouvinte), é possível perceber o dialogismo apontado por Bakhtin e endossado por Fairclough. O trecho sublinhado traz essa resposta, como se, por meio dela, toda a atuação do movimento fosse justificada.

O segundo ponto de interesse é que o trecho, construído em voz passiva (*Our global campaign is led by the children themselves*), coloca as crianças como agentes, gramaticalmente e factualmente. Isso é reforçado pelo uso do pronome ‘*themselves*’, que denota que as crianças são capazes, sozinhas, de conduzir o movimento. Esse discurso atribui a elas poder de ação, por isso pode ser encarado já em seu princípio como um discurso contra-hegemônico, que procura contrapor o senso construído de que as crianças de rua não são responsáveis ou não têm capacidade de ação para objetivos positivos.

Fragmento 1.1: ***I AM SOMEBODY** is our global campaign and is led by the children themselves*⁴.

O Fragmento 1.2 justifica a escolha do lema e o posiciona, mostrando que se trata de um lema de cunho identitário, uma espécie de autoafirmação dessas crianças. O sentido será explicado ao longo do texto, mas é importante salientar sua origem, expressa nesse fragmento.

Fragmento 1.2: *Identity and being heard were key themes from the Durban Declaration of 2010*⁵.

Na sequência, o Fragmento 1.3 explica que adoção desse lema é uma forma de responder a um discurso que se pauta por uma percepção negativa dessas crianças. O primeiro destaque, nesse fragmento, é que novamente a palavra é dada às crianças (*The children spoke*), ou seja, o movimento demonstra preocupação em ouvir o que elas têm a dizer sobre a sua problemática e colocá-las no papel de sujeitos ativos da enunciação.

Ao falar sobre o estigma relacionado ao termo “criança de rua”, o movimento se apropria da voz das crianças e relata de que forma são estigmatizadas: têm seus direitos negados, são vistas como criminosas, sem potencial para deixar as ruas, vistas como desperdício ou como lixo e tratadas conforme essa percepção.

⁴ “Eu sou alguém” é nossa campanha global e é conduzida pelas próprias crianças.

⁵ Identidade e “ser ouvido” são os temas centrais da Declaração de Durban de 2010.

A voz passiva (*are denied, are seen, are viewed, are treated*) é utilizada nas construções que tratam do estigma, claramente posicionando as crianças como indivíduos que recebem a estigmatização, vítimas sem chance de reação. O léxico escolhido pelo autor também aponta para o problema da estigmatização. Em primeiro lugar, utiliza-se a locução adverbial '*too often*' que mostra que a estigmatização não é apenas frequente, é muito frequente, o '*too*' funciona, então, como um intensificador. O autor utiliza o verbo *to deny*, na forma passiva '*are denied*'; trata-se de um verbo que designa um estado de privação real. As crianças são vistas como '*criminals*' (criminosas), '*without the potential*' (sem potencial); '*waste*' (desperdício); '*garbage*' (lixo).

Fica claro que há, na estigmatização relatada, um processo de identificação do outro, tal como postulado por Castells, ou seja, a construção de uma identidade para o outro. O léxico utilizado demonstra de que forma essas crianças são identificadas pela sociedade: como criminosas, como lixo etc.

O ponto de vista sobre as crianças de rua é universalizado e naturalizado nesse tipo de discurso, ou seja, há uma operacionalização da ideologia dos tipos universalização e naturalização, de acordo com as categorias definidas por Thompson, descritas no segundo capítulo. Trata-se de um discurso que, repetido à exaustão, passa a ser visto como verdade inquestionável.

Fragmento 1.3: *The children spoke of the need to challenge the stigma associated with the term "street child". Too often street children are denied their rights as children. They are seen as criminals without the potential to leave street life behind, they are viewed as waste or garbage and treated accordingly*⁶.

O Fragmento 1.4 aponta o objetivo do movimento SCWC: desafiar os estigmas negativos e fornecer uma plataforma para que as crianças possam

⁶ As crianças falaram sobre a necessidade de desafiar o estigma associado ao termo 'criança de rua'. Muito frequentemente, crianças de rua têm seus direitos de criança negados. Elas são vistas como criminosas sem potencial de deixar para trás a vida nas ruas, são vistas como desperdício ou lixo e tratadas dessa forma.

ser vistas como crianças com direitos, orgulho e a chance de um futuro fora das ruas.

Fragmento 1.4: *We aim to challenge the negative stigmas of the term and give street children a platform to be seen as children with rights, pride and every one with a future away from the streets. With safety, rehabilitation, shelter and opportunities, **no child would be forced to live on the streets***⁷.

É possível notar a tentativa de estabelecer um processo de identificação que é uma resposta ao processo de estigmatização citado anteriormente. Em lugar de elementos avaliativos negativos (como ‘*criminals*’, ‘*garbage*’, ‘*waste*’), as crianças de rua passam a ser identificadas por elementos positivos, como ‘*children with rights*’, ‘*pride*’, ‘*with a future away from the streets*’. A intenção é mostrar que a mudança social é possível; no mesmo fragmento, o autor apresenta seu caminho para alcançá-la: segurança, reabilitação, abrigos e oportunidades.

Ainda nesse fragmento, uma sentença que aparece diversas vezes no discurso do movimento SCWC: ‘*no child would be forced to live on the streets*’. Em algumas ocasiões, a sentença aparece um pouquinho diferente – ‘*no child should be forced...*’ (nenhuma criança deveria ser forçada [a viver nas ruas]...). Aqui, novamente, a voz passiva demonstra que a criança é levada à situação de rua, ou seja, é vítima das circunstâncias e não culpada, como poderia sugerir o termo ‘*criminals*’. O verbo utilizado colabora para esse entendimento (*to be forced*), já que denota uma relação de assujeitamento inescapável. A modalização é feita com o verbo auxiliar *should*, que expressa a ideia, nesse caso, de que as crianças não deveriam ter que passar por uma situação grave, como a vivências nas ruas. Esse verbo auxiliar demonstra o comprometimento do autor com essa informação (modalidade epistêmica).

Sobre essa questão, a da identidade da criança de rua como vítima ou vilã, é interessante trazer à tona uma reflexão de Paulo Freire sobre a situação de opressão, mais detidamente sobre a instauração da situação de

⁷ Nós queremos desafiar os estigmas negativos associados ao termo e dar às crianças de rua uma plataforma para serem vistas como crianças com direitos, orgulho e todas com um futuro longe das ruas. Com segurança, reabilitação, abrigo e oportunidades, **nenhuma criança seria forçada a viver nas ruas**.

opressão. Freire (1987) questiona quem dá início à violência, à opressão, ao desamor – seriam os violentados, os oprimidos, os desamados, ou aqueles que primeiramente violentaram, oprimiram e não amaram? Vejamos a reflexão na íntegra, acreditamos que ela possa colaborar para o entendimento da análise que aqui propomos.

Como poderiam os oprimidos dar início à violência, se eles são o resultado de uma violência? Como poderiam ser os promotores de algo que, ao instaurar-se objetivamente, os constitui?

Não haveria oprimidos, se não houvesse uma relação de violência que os conforma como violentados, numa situação subjetiva de opressão.

Inauguram a violência os que oprimem, os que exploram, os que não se reconhecem nos outros; não os oprimidos, os explorados, os que não são reconhecidos pelos que os oprimem como outro.

Inauguram o desamor, não os desamados, mas os que não amam, porque apenas se amam.

Os que inauguram o temor não são os débeis, que a eles são submetidos, mas os violentos que, com seu poder, criam a situação concreta em que se geram os “demitidos da vida”, os esfarrapados do mundo.

Quem inaugura a tirania não são os tiranizados, mas os tiranos.

Quem inaugura o ódio não são os odiados, mas os que primeiro odiaram.

Quem inaugura a negação dos homens não são os que tiveram a sua humanidade negada, negando também a sua.

Quem inaugura a força não são os que se tornaram fracos sob a robustez dos fortes, mas os fortes que os debilitaram. (FREIRE, 1987, p. 23)

Como pudemos ver, nesse trecho, o autor mostra que toda problemática tem um início. Nesse sentido, apenas considerar a criança de rua como criminosa é negar a origem do problema, é apagar o contexto sócio-histórico que a levou à rua e minimizar o poder que a opressão e a violência têm na constituição de indivíduos. Se, desde sempre, uma determinada criança é tratada com violência, é explorada, subjugada, como imaginar que esse tipo de tratamento não ocasionará danos ao seu entendimento de cidadania, não prejudicará a sua capacidade de viver em sociedade de forma adequada? O mesmo se aplica aos processos de identificação e construção de identidades – se um grupo de crianças é frequentemente avaliado negativamente (e essa avaliação é dada em diversos níveis, inclusive e especialmente pela mídia), como imaginar que possam ter boa imagem de si próprias ou como podem se comportar de outra forma que não a esperada?

Fragmento 1.5: ***I AM SOMEBODY** is a statement with historical importance, it originated as part of the US civil rights movement in the form of a poem in Atlanta, Georgia in 1943. It was written by William Holmes Borders, a Pastor challenging the stereotype held of African-Americans. It challenged the world and particularly America to stop negatively stigmatising and stereotyping African-Americans. It reminded the world of some of the greatest poets, authors, diplomats, composers and congressman all of whom were African American.*

We draw great strenght in this poem as we challenge the stigma around street children which means in the twenty first century that millions of children are vulnerable on the world's streets. The poem symbolises an approach of confidence, pride and identity, which reflects the young people we support⁸.

O Fragmento 1.5 explica a criação do lema ‘*I am somebody*’, trazendo uma informação bastante valiosa para o entendimento do movimento SCWC. O lema não é uma criação, mas sim um jogo de intertextualidade, já que a afirmação ‘*I am somebody*’ surgiu no contexto do movimento norte-americano pelos direitos civis, sendo título de um poema, escrito por William Holmes Border. Ao fazer uma releitura desse lema, o movimento SCWC amplia o seu sentido. Antes vinculado à luta contra o racismo e a discriminação de negros nos Estados Unidos, o lema ganha novo escopo ao defender a causa de crianças em situação de rua. Além de adotar o lema, o movimento SCWC cria novos discursos a partir dele, o que pode ser visto na análise dos vídeos.

O sentido histórico da afirmação não é perdido, na medida em que o movimento SCWC informa a sua origem e, inclusive, estabelece uma relação de similaridade entre as duas lutas (“*We draw great strenght in this poem as we challenge the stigma around street children*” – Nós vemos grande força

⁸ “Eu sou alguém” é uma declaração com importância histórica, originou-se como parte do movimento dos direitos civis nos Estados Unidos na forma de um poema, em Atlanta, Georgia, em 1943. Foi escrito por William Holmes Borders, um pastor desafiando o estereótipo conferido a afro-americanos. O poema desafiou o mundo e, particularmente, a América a parar de estigmatizar negativamente e estereotipar os afro-americanos. Lembrou ao mundo alguns dos grandes poetas, autores, diplomatas, compositores e congressistas afro-americanos.

Nós vimos grande força nesse poema, já que desafiamos os estigmas associados às crianças de rua; no século XXI, milhões delas encontram-se vulneráveis nas ruas de todo o mundo. O poema simboliza uma abordagem de confiança, orgulho e identidade, que reflete os jovens que apoiamos.

neste poema, já que desafiamos o estigma sobre as crianças de rua). A razão da adoção do poema como parte da campanha publicitária do movimento fica clara quando o movimento avalia o poema positivamente (“...*symbolises an approach on confidence, pride and identity*”). Na sequência, ainda no Fragmento 1.5, o movimento estabelece uma relação entre esses elementos avaliativos positivos (*confidence, pride, identity*) e as crianças que defende – “...*which reflects the Young people we support*”. Ou seja, por meio dessa sentença, o leitor pode entender que as crianças apoiadas pelo movimento podem se relacionar a elementos positivos, como confiança, orgulho, identidade. A avaliação positiva também pode ser notada no referente utilizado para as crianças de rua – “*Young people*” – uma expressão destituída de sentido negativo, ao contrário dos referentes normalmente usados para essas crianças.

O Fragmento 1.6 traz o poema na íntegra (embora não seja a versão original, como se pode perceber pela frase “*A poem inspired by Revd W. H. Borders*” – sobre a versão original, falaremos mais adiante). O lema, já citado muitas vezes em nossa análise, quando visto dentro do contexto do poema, procura responder ao discurso da sociedade norte-americana da década de 1940 que não enxergava os negros como pessoas (ao afirmar ‘Eu sou alguém’, o objetivo é responder a quem afirma que “não sou ninguém”). Trata-se de um processo de construção identitária dos negros, a partir da negação de sua invisibilidade e da aceitação de suas características.

O jogo linguístico estabelecido no interior do poema é interessante. O autor traz alguma característica normalmente pouco aceita pela sociedade (ex: ‘*I may be poor*’ – Eu posso ser pobre) e a contrapõe à sentença que afirma a possibilidade de identidade (‘*But I am somebody*’ – Mas eu sou alguém). No final do poema, o autor explora a questão da diferença, demonstrando que a diferença não anula a identidade – por exemplo, a sentença ‘*My Clothes Are Different, My Face Is Different, My Hair Is Different*’ (Minhas roupas são diferentes, meu rosto é diferente, meu cabelo é diferente) é contraposta à proposição identitária ‘*But I am somebody*’ (Mas eu sou alguém). A repetição do adjetivo ‘*different*’ é proposital e tem a função de reforçar a possibilidade de existir a diferença, sugerindo que a diferença não deve ser vista como algo negativo ou como ausência de identidade. Em todo o poema, a contraposição

fica marcada pela conjunção adversativa ‘*But*’, que marca o espaço para a abertura ao que é diferente. Ao final, o autor afirma que, apesar das diferenças, a pessoa deve ser respeitada, protegida e nunca rejeitada (“*But I Must Be Respected, Protected, Never Rejected*”). É válido salientar que a modalidade expressa nessa sentença implica um alto grau de adesão ao que está sendo dito, o verbo modal ‘*must*’, que expressa obrigação, revela essa opção do autor.

Por fim, ainda a respeito do poema, durante nossa pesquisa, encontramos outra versão, diferente da versão publicada no site do movimento SCWC. Trata-se da versão original, que pode ser conferida em uma edição gravada do programa televisivo *Sesame Street* (no Brasil, exibido com o nome *Vila Sésamo*), disponível no canal de vídeos YouTube, no seguinte endereço: (<http://www.youtube.com/watch?v=iTB1h18bHIY>).

No vídeo, o poeta faz uma leitura conjunta com as crianças que participam da atração, como se ensinasse a elas as proposições constantes do poema (podem ser vistas crianças de diferentes etnias declamando o poema). Duas são as diferenças em relação ao poema apresentado no Fragmento 1.6. Em lugar da sentença ‘*I may be on the street*’, o poema original dizia ‘*I may be on Welfare*’. Em nosso entendimento, os versos podem ter sido substituídos porque o ‘*Welfare*’ (Bem-Estar Social), que fazia parte da versão original, não existe mais hoje da forma como era organizado em 1940, corroborando a nossa argumentação de que a falência do Estado de Bem-Estar Social trouxe consequências graves em diversos sentidos, incluindo a questão da situação de rua. Uma pessoa que antes estivesse sendo atendida pelo ‘*Welfare*’ pode, hoje, não ter outra opção a não ser as ruas. A segunda diferença entre as duas versões do poema está no final. A versão que faz parte do nosso Fragmento traz a frase ‘*I am a child*’ (que pode ser traduzida por ‘Eu sou uma criança’); a versão original traz a frase ‘*I am God’s child*’ (que é traduzida, mais comumente, por ‘Eu sou filho de Deus’). A exclusão da referência a Deus, em nosso entendimento, pode ter relação com o fato de que o movimento SCWC não professa nenhuma crença religiosa e pretende abranger crianças de diversos credos.

Fragmento 1.6:

A poem inspired by Revd W. H. Borders

I Am Somebody

I May Be Poor

But I Am Somebody

I May Be Young

But I Am Somebody

I May Be On the Street

But I Am Somebody

I May Be Small

But I Am Somebody

I May Make A Mistake

But I Am Somebody

My Clothes Are Different, My Face Is Different, My Hair Is Different

But I Am Somebody

I Am Black, Brown, White, I Speak A Different Language

But I Must Be Respected, Protected, Never Rejected

I Am A Child

I Am Somebody⁹

Vale salientar que, nesse poema, a modalização é feita com utilização de marcadores explícitos (verbos modais *may* e *must*), que sinalizam, respectivamente, possibilidade e obrigação (modalidade deôntica). O autor estabelece que as crianças podem ser diferentes, podem cometer erros, podem estar nas ruas e ainda assim devem ser respeitadas e protegidas. Com essas afirmações, ele se compromete em termos do que pode e deve ser feito, revelando uma postura de defesa das crianças.

⁹ Um poema inspirado pelo Reverendo W. H. Borders

Eu sou alguém / Eu posso ser pobre / Mas eu sou alguém / Eu posso ser jovem / Mas eu sou alguém / Eu posso estar nas ruas / Mas eu sou alguém / Eu posso ser pequeno / Mas eu sou alguém / Eu posso cometer um erro / Mas eu sou alguém / Minhas roupas são diferentes, meu rosto é diferente, meu cabelo é diferente / Mas eu sou alguém / Eu sou negro, marrom, branco, eu falo uma língua diferente / Mas eu devo ser respeitado, protegido, nunca rejeitado / Eu sou uma criança / Eu sou alguém.

5.2 ANÁLISE DO CORPUS VIDEOGRÁFICO

5.2.1 Análise do vídeo *More than a game*

O primeiro vídeo de nossa análise é um vídeo de divulgação, em que o discurso é proferido exclusivamente pelo movimento. Trata-se do movimento SCWC falando sobre as crianças, com o objetivo claro de sensibilizar a audiência para a sua causa.

Já no título, percebe-se a intenção de qualificar a iniciativa como mais do que um simples campeonato de futebol. '*More than a game*' (Mais do que um jogo) é uma expressão utilizada com certa frequência na campanha publicitária do SCWC e neste vídeo aparece no título e nos dizeres finais.

Em relação à modalidade, é importante salientar que há um alto grau de comprometimento do movimento em termos epistêmicos, ou seja, um comprometimento com a verdade. Isso está expresso em todos os momentos do vídeo. No final, porém, há um trecho que sinaliza relativo comprometimento em termos deônticos, ou seja, um compromisso com uma obrigação ou necessidade. Trata-se da assertiva: '*No child should live on the streets*' (Nenhuma criança deveria morar nas ruas). A intencionalidade é clara: afirmar que a rua não é local apropriado para moradia das crianças e que, portanto, elas não deveriam ser obrigadas a viver na rua. Mas, indo mais fundo, é importante refletir sobre a escolha do verbo modal '*should*', que expressa um comprometimento menos intenso que o de seu parceiro '*shall*'. Ao se utilizar de um modal que opera no futuro do pretérito, poderíamos dizer, em certo sentido, que o movimento se compromete em menor grau com a solução do problema, ou, talvez, que vislumbre menos a solução do que a problemática em si. A utilização do modal no presente (*No child shall live on the streets*), por outro lado, poderia sinalizar uma maior urgência em solucionar o problema. Se nenhuma criança 'deve' morar nas ruas, a solução faz-se urgente; se dizemos que nenhuma criança 'deveria' morar nas ruas, parece que sabemos que a realidade é cruel, que as crianças não deveriam estar ali, mas, de certa forma, a solução parece mais distante.

Em termos avaliativos, a escolha de substantivos, adjetivos e verbos cumpre os objetivos de sensibilizar a audiência, reforçando as dificuldades enfrentadas pelas crianças, como se verá na análise dos fragmentos.

O roteiro do vídeo em questão pode ser dividido em dois momentos bem delimitados: a vida das crianças sem o SCWC e com o SCWC. O primeiro parágrafo, presente no fragmento a seguir, traça um panorama da situação das crianças de rua em todo o mundo.

Fragmento 2.1: *Across the world, a generation of children are fighting to survive on the street, vulnerable to violence, rape, prostitution, drug abuse, HIV. If they make into adulthood, they face a devastating cycle of poverty and homelessness. No rights. No choice. No voice¹⁰.*

Há, nesse fragmento, muitas escolhas léxicas interessantes para a nossa análise. No início, o movimento opta pela utilização da palavra ‘*generation*’ (geração), que dá um sentido mais amplo à problemática – não são apenas algumas crianças enfrentando a situação de rua, é toda uma geração.

Na mesma sentença, a escolha dos verbos também merece destaque – ‘*fighting*’ (lutando) e ‘*to survive*’ (sobreviver) são verbos fortes, que conseguem dar a dimensão do que é a vida nas ruas. Ainda nesse trecho, as crianças são colocadas, ao mesmo tempo, como agentes e como pacientes. O agenciamento se dá ao se dizer que as crianças estão lutando para sobreviver. Após a vírgula, a posição se inverte: enquanto lutam, elas estão vulneráveis a diversos problemas, ou seja, perdem a capacidade de agenciamento na medida em que estão expostas a muitos riscos. O verbo ‘*vulnerable*’ dá o sentido exato dessa exposição. Os substantivos ‘*violence*’ (violência), ‘*rape*’ (estupro), ‘*prostitution*’ (prostituição), ‘*drug abuse*’ (abuso de drogas), ‘*HIV*’ tornam o discurso muito claro e persuasivo, diferente do que seria se o emissor dissesse apenas que as crianças estão sujeitas a diversos perigos, sem citá-los.

Na sequência, uma oração condicional lembra o espectador que nem todas as crianças de rua conseguem chegar à fase adulta. ‘*If they make into adulthood*’ é uma expressão com muito apelo, que dá grande peso à possibilidade de que essas crianças morram antes de se tornarem adultas. Caso consigam sobreviver, o prognóstico é ruim, conforme está expresso na oração principal: vão

¹⁰ Em todo o mundo, uma geração de crianças está lutando para sobreviver nas ruas, vulneráveis à violência, ao estupro, à prostituição, ao abuso de drogas, ao HIV. Se chegarem à idade adulta, encararão um devastador ciclo de pobreza e falta de moradia. Sem direitos. Sem escolha. Sem voz.

encarar um devastador ciclo de pobreza e falta de moradia. Novamente, a utilização de um adjetivo se encarrega do sentido avaliativo que o movimento pretende transmitir – *'devastating'* (devastador), o adjetivo escolhido, é mais forte que muitos outros adjetivos possíveis para essa oração, como *'sad'*, *'complicated'*, *'hard'*. Fica claro, portanto, que as escolhas de quem profere o discurso são, em grande parte, responsáveis pelo peso que o discurso terá.

Ainda no mesmo fragmento, três frases, utilizadas na sequência, fecham o raciocínio. *'No rights, no choice, no voice'* é uma expressão que, assim como *'More than a game'*, é recorrente no discurso publicitário do movimento, aparecendo em diversos textos e filmes. A expressão reforça o assujeitamento das crianças em situação de rua: nessa condição, elas não têm direitos, escolhas ou voz, ou seja, não podem falar, não podem escolher uma realidade diferente da que têm e não têm seus direitos atendidos.

Do ponto de vista semiótico, a primeira parte do vídeo é carregada de imagens duras sobre a infância de rua, mostrando violência e extrema pobreza. Como exemplos, capturamos algumas dessas imagens. A figura 3, a seguir, mostra um policial perseguindo uma criança de rua, enquanto a figura 4 mostra algumas crianças em um lixão. Essas imagens fazem referência ao primeiro fragmento de texto, que fala sobre os perigos da vida nas ruas. A figura 5 mostra um adolescente com olhar triste, encarando a câmera, enquanto o locutor põe em dúvida a possibilidade de que essas crianças cheguem à vida adulta. O adolescente retratado, não identificado neste filme, é um dos protagonistas de outro filme do movimento, que fala sobre as crianças de rua da Ucrânia. O garoto em questão, sempre com aparência muito triste e um olhar lacônico, narra, nesse outro filme, as dificuldades de sua vida ao lado de mais alguns garotos. Para escapar do frio ucraniano, que chega a 30 graus negativos, os meninos passaram a viver em uma tubulação, repleta de sujeira e habitada por ratos. Na figura 6, um garoto dorme no asfalto, sem proteção.

Utilizar esse tipo de imagem é uma das estratégias recorrentes do movimento para sensibilizar os espectadores. São imagens fortes, chocantes, capazes de levar o espectador a uma reflexão sobre a problemática.

Figura 3 – Policial persegue meninos de rua



Figura 4 – Meninos em lixão



Figura 5 – Garoto de rua ucraniano



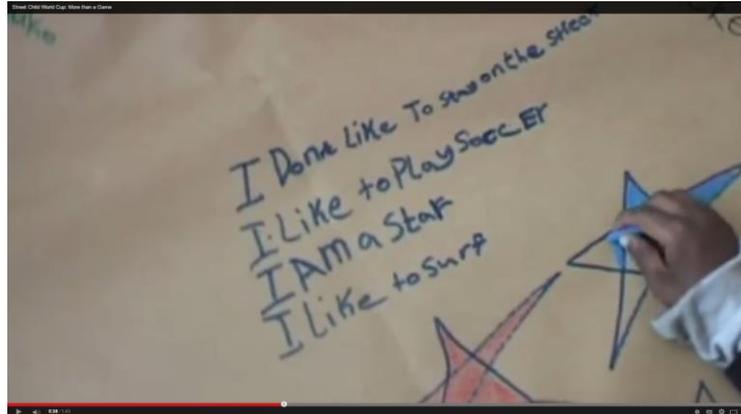
Figura 6 – Menino dormindo na rua



O próximo fragmento explica a dinâmica da vida dessas crianças em Durban, cidade que acolheu a primeira Copa do Mundo de Crianças de Rua, em 2010. As famílias que criaram o movimento foram a Durban ouvir as crianças de rua (*‘to listen to street kids’*). Esse é o primeiro destaque, na medida em que, na passagem imediatamente anterior, o movimento dizia que essas crianças não tinham voz, ou seja, os fundadores do movimento teriam sido precursores na tentativa de dar voz a essas crianças, procurando ouvir o que elas tinham a dizer.

A Figura 7 foi escolhida pelo movimento para simbolizar a palavra *‘hope’* (esperança). Nela, é possível ver uma mão infantil pintando estrelas e as sentenças escritas em letra infantil: *‘I don’t like to stay on the streets’* (Eu não gosto de ficar nas ruas); *‘I like to play soccer’* (Eu gosto de jogar futebol); *‘I am a star’* (Eu sou uma estrela); *‘I like to surf’* (Eu gosto de surfar). É interessante notar que a criança atribui a si mesma uma identificação positiva, dizendo que é uma estrela, declaração corroborada pelas estrelas desenhadas no cartaz. Também demonstra gostos parecidos com os de outras crianças, como jogar futebol e surfar. Por aproximar essa criança das crianças que não vivem nas ruas, a imagem passa a simbolizar a esperança sentida pelo grupo de que seria possível mudar a realidade de crianças de rua como a que aparece retratada.

Figura 7 – Imagem que representa a palavra ‘hope’



Novamente, a escolha lexical dá consistência ao discurso; os fundadores do movimento encontraram esperança (*‘hope’*), mas também encontraram medo (*‘fear’*) nas falas das crianças. O medo é, em seguida, detalhado: as crianças precisavam fugir das rondas policiais que objetivavam tirá-las das ruas. Nesse trecho, foram escolhidos *‘running from’* (fugir/correr de), *‘child catchers’* (perseguidores de crianças), *‘brutal police rund ups’* (rondas policiais brutais), *‘clean the streets’* (limpar as ruas). Os policiais assumem um papel negativo no discurso, avaliados como vilões, por meio dessas escolhas lexicais (*child catchers* e *brutal*). As crianças são novamente avaliadas pelo movimento como vítimas, na medida em que são obrigadas a fugir de policiais brutais (*running from*).

A temática da higienização das ruas, estudada por muitos teóricos, vem à tona com a utilização do verbo *‘clean’* para se referir à retirada forçada de crianças das ruas. O verbo, que significa literalmente ‘limpar’, empresta sentido imediato para a ação policial em Durban – ali estava sendo empreendida, no entendimento do movimento, uma política de higienização e, por isso, nada seria mais adequado que a utilização do verbo ‘limpar’.

Fragmento 2.2: *In 2007, four families visited a project in Durban to listen to street kids. They found hope, but they also found fear. Children as young as 6 running from the child catchers, brutal police rund ups to clean the streets ahead the South Africa 2010 World Cup¹¹.*

¹¹ Em 2007, quatro famílias visitaram um projeto em Durban para ouvir as crianças de rua. Elas encontraram esperança, mas também encontraram medo. Crianças tão jovens, de apenas 6 anos, fugindo de perseguidores de crianças, rondas policiais brutais para limpar as ruas antes da Copa do Mundo FIFA 2010.

Figura 8 – Criança sendo presa



A Figura 8, retratada anteriormente, simboliza o medo, em contraposição à esperança. Trata das crianças sendo presas pelas rondas policiais, que objetivavam limpar as ruas da cidade de Durban.

Os dois primeiros fragmentos analisados retratam, do ponto de vista do movimento, a realidade das crianças de rua sem o SCWC. Os próximos fragmentos que compõem a análise deste vídeo tratam da realidade a partir do surgimento do SCWC.

A iniciativa das famílias que foram a Durban ouvir as crianças é reforçada por meio da utilização da expressão *'decided to do'* (decidiram fazer). Na sequência, um ponto que merece reflexão: ao falar da SCWC, o próprio movimento a define como um lugar – *'place'* (um lugar onde as crianças de rua poderiam ser crianças). A crítica que podemos tecer aqui é que definir o SCWC como um lugar a princípio parece ser limitador. Aprofundando a discussão, poderíamos nos questionar se o evento SCWC seria apenas um lugar especial em que as crianças de rua podem ser crianças. Em caso afirmativo, qual sua relevância e abrangência? Ou seja, se o SCWC é apenas um lugar fixado no tempo e no espaço (um evento de dez dias que acontece a cada quatro anos), qual sua real eficácia para a solução ou, pelo menos, para a melhoria da vida dessas crianças? Nesse ponto, a escolha da palavra *'place'* parece depor contra o próprio comprometimento do grupo com a causa.

É interessante salientar, por outro lado, que, nesse mesmo fragmento, o movimento volta a posicionar as crianças como agentes de iniciativas positivas – *'meeting'*, *'celebrating'*, *'playing football'*, *'sharing their storys'*, *'demanding their rights'* (reunindo, celebrando, jogando futebol, compartilhando suas histórias, exigindo seus direitos). Aqui as crianças deixam a posição passiva (quando recebem

perseguições e estão sujeitas a inúmeros perigos) e tornam-se protagonistas, tendo oportunidade de trocar experiências e lutar por seus direitos.

Fragmento 2.3: *These families decided to do something: the Street Child World Cup. A place where street children could be children. Teams of street children came from around the world, meeting, celebrating, playing football, sharing their stories, demanding their rights*¹².

Do ponto de vista imagético, esse novo momento na vida das crianças é representado por cenas alegres e de orgulho, tais como as Figuras 9 e 10, exibidas a seguir.

A Figura 9 aparece no vídeo quando o locutor fala que o SCWC é um lugar onde as crianças podem ser crianças. A imagem reflete exatamente isso, o menino demonstra alegria por participar da iniciativa e ser bem recebido.

A Figura 10 coloca os meninos de rua como representantes de suas nações, enquanto ouvem e cantam os hinos antes da partida de futebol. É interessante notar que os meninos de rua passam de um status de invisibilidade para o status de representantes da nação em um evento oficial. Os semblantes refletem o orgulho pela conquista. É importante frisar que os meninos passam por uma dura seleção até conseguirem participar do evento. Além de demonstrarem habilidades no futebol, precisam ter disciplina, compromisso e seriedade, razão pela qual podem considerar a participação no evento como uma real conquista.

Figura 9 – Menino no SCWC



¹² Estas famílias decidiram fazer algo: a Copa do Mundo de Crianças de Rua. Um lugar onde as crianças de rua podem ser crianças. Times de crianças de rua vieram de todo o mundo, se reunindo, celebrando, jogando futebol, compartilhando suas histórias, exigindo seus direitos.

Figura 10 – Meninos entoam hinos nacionais



Na parte final do vídeo, Fragmento 2.4, são listados os principais resultados obtidos com a realização da primeira Copa da Rua, em 2010: o mundo assistiu ao evento, as rondas em Durban foram interrompidas, as crianças voltaram para seus países como heróis, seu mundo havia mudado. A Figura 11 é utilizada para posicionar as crianças como vitoriosas.

Figura 11 – Seleção comemora a conquista da Copa de 2010



Ainda nesse fragmento, notemos a construção da primeira sentença – “Em Durban, a declaração de cada criança de rua estava clara: Eu sou alguém”. Novamente, o movimento reafirma seu compromisso de dar voz às crianças, a cada uma delas, como fica claro pela utilização da partícula ‘each’ (cada).

Outro ponto relevante é a utilização das palavras ‘home’ e ‘heroes’. Considerando que as crianças de rua normalmente não têm um lar, o movimento utiliza a palavra ‘home’ pra se referir ao país de origem. Denota-se aí o alargamento

de horizontes promovido pelo movimento: como as crianças são vistas como representantes de seus países no evento global, elas podem passar a percebê-los como lares.

Por fim, a utilização do substantivo ‘*heroes*’ para representar as crianças pode ser vista, da perspectiva avaliativa, como um esforço do SCWC para promover uma mudança identitária em relação a essas crianças na mente das pessoas que compõem a audiência do filme.

Fragmento 2.4: *In Durban, the declaration from each street child was clear: I am somebody. And the world was watching. As a result, child rund ups in Durban stopped. They returned home as heroes. Their world was changed¹³.*

5.2.2 Análise do vídeo *Born in a cemetery*

O filme publicitário em questão pode ser enquadrado dentro do gênero minidocumentário, já que traz, predominantemente, a história de vida de uma das crianças integrantes do movimento SCWC. De início, o roteiro procura personalizar essa fala, ou seja, pretende que a audiência de fato conheça a personagem do vídeo. Por isso, ela inicia se apresentando – seu nome é Crystal, ela nasceu em um cemitério e é alguém. Essa primeira passagem do vídeo já utiliza o apelo principal da campanha do movimento, o slogan ‘*I am somebody*’. Com essa introdução, pretende-se mostrar que, mesmo tendo nascido em um cemitério, fato que pode ser considerado bastante perturbador, a menina Crystal é um ser humano que merece ser ouvido e ter um espaço para contar a sua história.

Fragmento 3.1: *I am Crystal. I was born in a cemetery. And I am somebody*¹⁴.

No Fragmento 3.2, Crystal relata algumas de suas memórias e tem a oportunidade de apresentar sua casa e sua família. Crystal não é, na verdade, uma criança de rua, mas é uma criança que viveu grande parte de sua vida em situação de extrema vulnerabilidade social. O próprio fato de ter nascido em um cemitério,

¹³ Em Durban, a declaração de cada criança de rua estava clara: Eu sou alguém.

E o mundo estava assistindo. Como resultado, as rondas em Durban cessaram. As crianças voltaram para casa como heróis. O mundo delas havia mudado.

¹⁴ Eu sou Crystal. Eu nasci em um cemitério. E eu sou alguém.

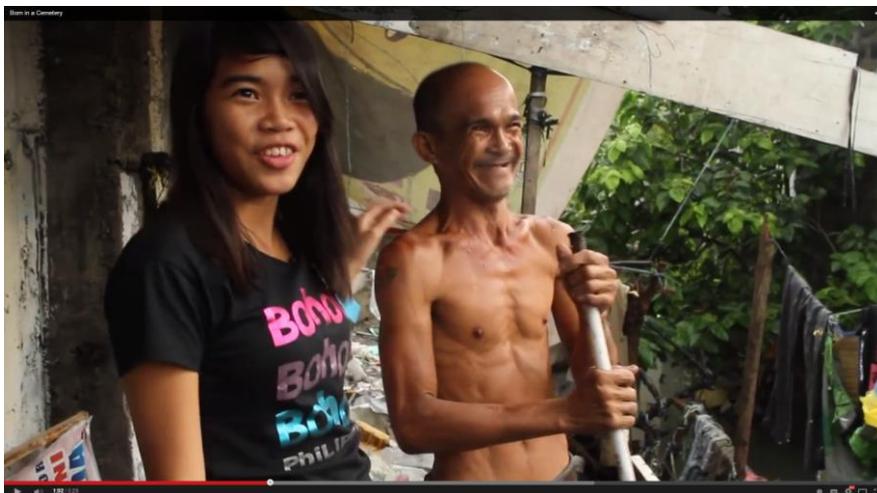
algo que parece bastante contraditório (o cemitério visto como lugar de vida), impõe um tom muito trágico à sua história. Crystal apresenta a casa onde nasceu e a câmera percorre o ambiente mostrando a precariedade das condições de vida do local (Figura 12).

Figura 12 – Casa de Crystal



Ao apresentar seu pai, percebemos tratar-se de um homem muito sofrido, sem instrução, uma pessoa simples. Seu sorriso, no entanto, é largo, como se conseguisse abstrair todo o sofrimento que lhe é imposto. Ao final do primeiro fragmento, Crystal demonstra o peso da responsabilidade precoce, afirmando que é ela que ajuda a sua família financeiramente.

Figura 13 – Crystal apresenta seu pai



Ao permitir que Crystal apresente sua vida, o movimento dá a ela voz (embora exista um roteiro a ser seguido) e pretende fazer com que ela se sinta realmente alguém. Mais do que isso, o movimento pretende que a audiência perceba Crystal como alguém. Essa é uma das grandes vantagens da adoção do modelo de minidocumentário em algumas peças da campanha publicitária do movimento. Ao contar uma história, é possível criar empatia entre a personagem e quem assiste e isso pode contribuir para mudanças de percepção, especialmente em relação à questão identitária.

Fragmento 3.2: *Some of the memories that I remember here at the cemetery is my childhood. We didn't have enough money to buy a food. When I was ten, somebody threw a firebomb when I was sleeping overthere. All my hair was burned, so it's very memorable to me.*

This is where I was born [mostrando um espaço do casebre localizado no cemitério], here is where my mother gave birth to me. So, this is my father [apresentando um senhor com aparência muito pobre, muito sorridente, o sorriso mostra a ausência total de dentes]. He's a kind of a [...] I'm the one that is helping my family earn money¹⁵.

Após apresentar sua casa, Crystal aborda um dos principais problemas de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social, o abuso de drogas. Ao falar sobre o uso frequente de drogas por jovens no cemitério e relatar que perdeu muitos amigos em decorrência disso, Crystal se emociona.

A emoção da garota, ao ser gravada, transforma-se em um importante recurso persuasivo na medida em que gera empatia com o público.

Fragmento 3.3: *Here in the cemetery there is a lot of drug abuse, I have a lot of friends that used a sniffing glue. It's so sad to say that they are in heaven now. I'm very thankful that I am not using a sniffing glue. So, I'm the one that, here and now , so I am so thankful because I escaped the street.¹⁶*

¹⁵ Algumas das memórias que eu tenho no cemitério são da minha infância. Nós não tínhamos dinheiro suficiente para comprar comida. Quando eu tinha dez anos, alguém lançou uma bomba enquanto eu dormia ali. Todo meu cabelo ficou queimado, então é algo muito marcante para mim. Aqui é onde eu nasci, aqui é onde minha mãe me deu à luz. Então, este é o meu pai, ele é [áudio incompreensível]. Eu sou quem está ajudando a minha família a ganhar dinheiro.

¹⁶ Aqui no cemitério há muito abuso de drogas, eu tenho muitos amigos que cheiravam cola. Me sinto tão triste em dizer que eles estão no céu agora. Eu sou muito grata por não cheirar cola. Então, eu sou muito grata porque escapei das ruas.

O próximo fragmento é marcado em termos de modalidade por um alto nível de comprometimento de Crystal. Ela utiliza sua experiência pregressa para se colocar como representante de outras crianças de rua. Alguns elementos em seu discurso denotam que Crystal está falando em nome de outras crianças, porque sua experiência de vida a autoriza. Em termos modais, alguns discursos só podem ser emitidos quando existe autoridade para isso, e este trecho procura justificar a autoridade de Crystal para participar do movimento SCWC e falar em nome de todos os outros meninos.

Diversos elementos textuais colaboram para a construção dessa autoridade justificada. Em primeiro lugar, Crystal cita uma liberdade para falar (*freedom to speak*), algo que pode ser relacionado ao fato de o movimento SCWC incentivar a fala dessas crianças e jovens. Mais à frente, em um jogo linguístico interessante, Crystal combina, nos períodos construídos, o pronome ‘eu’ (I) e os pronomes ‘eles’ ou ‘deles’, que fazem referência aos meninos de rua. São três períodos subsequentes que procuram construir um argumento de autoridade para o discurso de Crystal e do movimento SCWC – ‘sinto que eu sou a voz deles’; ‘eu estou falando o que eles estão sentindo’; ‘eu posso sentir o que eles sentem’.

Embora esse jogo textual e essa identificação entre a vida de Crystal e dos outros milhões de crianças de rua seja bastante pertinente, é importante refletir que ninguém é capaz de representar outrem na totalidade, ou seja, quando Crystal procura representar todos os outros meninos, de certa forma, sugere que exista uma unidade entre o que são e o que sentem esses milhões de crianças. Nesse momento, são deixadas de lado características importantes que marcam a diferenciação entre todos eles – no rico universo das crianças que vivem nas ruas há uma infinidade de histórias e motivos diferentes, de forma que nunca será possível representar todos em um único discurso. Essa tentativa, embora seja bem intencionada e possa render bons frutos, também pode ser vista como uma espécie de generalização ou essencialização da infância de rua.

Fragmento 3.4: *That we are finding in freedom to speak, so I'm here speaking such a street child to help them, not only me. I feel that I am their voice, that I'm speaking what they are feeling, because I can feel what they feel¹⁷.*

¹⁷ Que nós estamos encontrando liberdade para falar, então estou aqui para falar como uma criança de rua, para ajudá-las, não apenas me ajudar. Eu sinto que eu sou a voz delas, que eu estou dizendo o que elas sentem, porque eu posso sentir o que elas sentem.

O fragmento final do filme mostra Crystal no abrigo onde vive, chamado Mango Tree House. Uma sentença demonstra a mudança ocorrida com sua saída do cemitério; agora Crystal pode estudar e fazer o que quiser (*'I can study and do whatever I want'*).

Na sequência, Crystal fala sobre a importância do futebol em sua vida, da alegria que sente ao jogá-lo e justifica o apelo que esse esporte pode ter para mudar vidas. A garota deixa claro que não se trata de jogar futebol apenas, mas que, ao jogar futebol, ela se sente falando sobre quem ela é, de onde ela veio e provando que é capaz (*'I play football, it makes me feel happy, because I'm speaking about what I am, where I came from and saying I can do this'*). Novamente, o argumento de autoridade é retomado; Crystal percebe que, por ser uma ex-menina de rua, pode inspirar outras crianças.

Dessa forma, o objetivo do vídeo se concretiza: dar voz e rosto à infância de rua e provar que iniciativas isoladas como o SCWC podem provocar mudanças, porque uma criança “reabilitada” teria possibilidade de inspirar muitas outras crianças.

É importante destacar que Crystal utiliza alguns marcadores de modalização explícitos nessa fala. A utilização repetida do modal *'can'* denota a expressão de sua capacidade, como se desejasse provar a alguém que ela é capaz (ela pode estudar, pode fazer o que quiser, pode inspirar as outras crianças de rua).

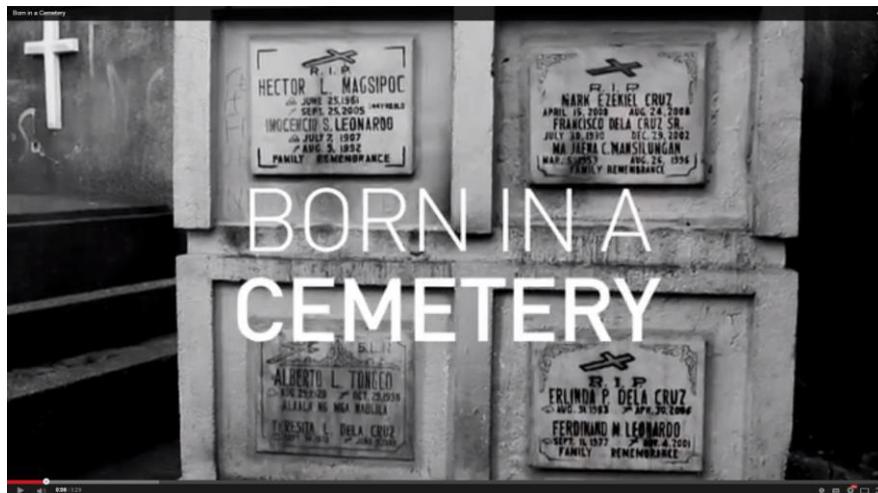
Quando simula sua fala dirigida às crianças de rua, Crystal utiliza o verbo *'need'*, que expressa necessidade – “você precisa se levantar e mostrar a eles que não é apenas uma criança de rua”. A utilização de *'can'* e *'need'* revela grande comprometimento da menina em termos deônticos.

No fim de sua fala (ainda no mesmo fragmento), vale ressaltar que Crystal avalia negativamente o status de criança de rua, ao utilizar o advérbio *'just'*, antes de *'street child'*. Ou seja, ela recomenda que as crianças de rua se levantem e mostrem a eles (à sociedade) que elas não são apenas crianças de rua. Com esse *'apenas'*, ela confirma o pensamento de que o status de criança de rua não é positivo.

Fragmento 3.5: *And now I am living here at Mango Tree House. Now I can study and do whatever I want. [câmera filma um cartaz, onde aparece o nome de Crystal e a profissão assistente social]. And I play football, it makes me feel happy, because I'm speaking about what I am, where I came from and saying 'I can do this. I can inspire the other children in the street. I can say: you need to stand up and show them - I'm not just a street child [camera mostra Crystal segurando uma lousa, onde se lê I am somebody)]¹⁸.*

Em relação aos aspectos semióticos do vídeo, um dos primeiros pontos que merece destaque é a utilização do padrão preto e branco/ cores opacas para a primeira parte, na qual Crystal narra sua vida, e do padrão colorido para a segunda parte, quando Crystal começa a falar sobre a sua vida após a entrada para o abrigo. As Figuras de 14 a 18 exemplificam essa diferença.

Figura 14 – Cena de abertura do vídeo (preto e branco)



¹⁸ E agora eu estou morando aqui no Mango Tree House. Agora eu posso estudar e fazer o que eu quiser. E eu jogo futebol e isso me deixa muito feliz, porque eu estou dizendo sobre quem eu sou, de onde eu vim e dizendo: “Eu posso fazer isso. Eu posso inspirar as outras crianças nas ruas”. Eu posso dizer: “Você precisa se levantar e mostrar a eles que eu não sou apenas uma criança de rua”.

Figura 15 – Cena do cemitério (utilização de cores opacas)



Figura 16 – Crystal andando pelo cemitério (cores opacas)

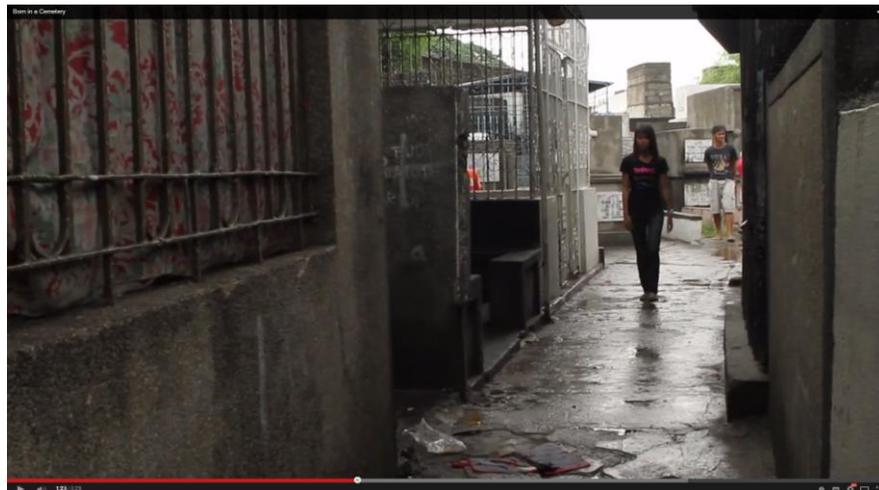


Figura 17 – Crystal jogando futebol (cores alegres)



Figura 18 – Crystal falando sobre sua vida no abrigo (cores alegres)



A distinção de cores foi fundamental para criar a percepção de uma mudança de vida positiva, evidenciada pelas várias nuances das cores (“vida colorida”, “vida supostamente mais alegre”). Observamos, então, uma semiose corpórea, envolvendo o sentido da visão, capaz de construir argumentos e posicionamentos negativos e positivos, além de evidenciar um cenário antes (preto e branco/ cores opacas) e um posterior (colorido), indicando também a passagem do tempo (fotografias preto e branco e fotografias coloridas). Isso ocorre, ao longo do vídeo, para construir o sentido de antes e depois do abrigo/movimento.

A escolha dos signos e as suas semioses tornam-se argumentos de autoridade na construção da voz de Crystal, representando as crianças de rua, e, conseqüentemente, da voz do movimento.

Outro ponto que colabora para o bom resultado final do vídeo é a emoção que a menina deixa transparecer em diversas passagens de seu relato. Crystal demonstra emoção e uma veracidade explícita ao contar sua trajetória, o que contribui para um processo de identificação positiva dessas crianças. Na Figura 19, Crystal é retratada chorando ao falar sobre o fato de ter escapado das ruas.

Figura 19 – Crystal emocionada



O gestual de Crystal também possibilita perceber o engajamento da menina no movimento SCWC. No trecho em que ela fala sobre representar as outras crianças de rua, seus gestos (Figura 20) dão a medida exata do sentimento que ela carrega: por ter experimentado uma vida difícil, ela se sente capaz e autorizada a representar os outros meninos que estão em uma situação semelhante.

Nesse sentido, o discurso de Crystal deixa de ser um discurso individual, uma história de vida isolada, para passar a compor um discurso coletivo. Há um posicionamento discursivo, credenciando uma formação discursiva: a voz das crianças de rua.

Figura 20 – Gestual de Crystal como representante das crianças de rua



5.2.3 Análise do vídeo *Road to Rio*

O terceiro vídeo de nossa análise, *Road to Rio*, tem locução em *off*, enquanto são mostradas imagens das crianças participando do torneio em 2010. O objetivo central do vídeo é demonstrar de que forma o movimento SCWC é capaz de modificar vidas, ou seja, o foco central desse material é a atuação do próprio movimento.

O primeiro fragmento faz uso de diversos verbos para sinalizar as ações do SCWC e suas consequências positivas: ‘*stood up (for kids on the street)*’; ‘*(the world) noticed*’; ‘*(their world) changed*’; ‘*(rund ups...) stopped*’; ‘*(lives) were transformed*’. Assim, o movimento apoiou as crianças, o mundo notou, a realidade das crianças foi modificada, as rondas foram paralisadas e vidas foram transformadas.

É relevante salientar que o agente em todos esses períodos é o movimento, por isso ele atua como sujeito nas orações em voz ativa e atua como agente da passiva (oculto) nas orações que estão em voz passiva. As crianças são posicionadas como pacientes que recebem as ações: elas foram apoiadas, suas vidas foram transformadas, as rondas que causavam temor a elas foram interrompidas.

Assim, ao mesmo tempo em que o movimento procura diversas vezes posicionar as crianças como agentes (para que possam reconstruir suas identidades), em algumas ocasiões há uma preferência por colocar as crianças como pacientes das ações positivas do movimento. Esse tipo de fala ajuda a construir uma imagem positiva para o movimento e, conseqüentemente, auxilia na missão de arrecadar fundos para os trabalhos.

Fragmento 4.1: *In 2010, Street Child World Cup stood up for kids on the street. And the world noticed. Their world changed. Rund ups of street children in Durban were permanently stopped. Lives were transformed¹⁹.*

¹⁹ Em 2010, o movimento Street Child World Cup apoiou as crianças de rua. E o mundo notou. O mundo delas mudou. Rondas em Durban foram permanentemente paralisadas. Vidas foram transformadas.

Na sequência, o vídeo fala sobre a segunda edição do evento, marcada para acontecer no Rio de Janeiro, em 2014. No Fragmento 4.2, é interessante destacar a escolha lexical dos produtores do vídeo, além da entonação do locutor, que colocou em destaque três palavras da sentença.

As palavras pronunciadas com ênfase foram marcadas em maiúsculas. *Bigger* (maior), *louder* (mais alto/mais barulhento), *stronger* (mais forte) indicam a expectativa dessas crianças pelo evento. São adjetivos que podem ser relacionados diretamente ao que se espera de uma infância feliz: que os acontecimentos sejam grandes, barulhentos e fortes. Ao optar pela utilização de tais adjetivos, o movimento promove uma aproximação entre a infância de rua, normalmente marcada por adjetivos tristes ou pesados, e a infância normal, em que a brincadeira desordenada e barulhenta é uma sinalização de que tudo corre bem.

Fragmento 4.2: *For these children, it's going to be BIGGER, LOUDER, STRONGER*²⁰.

No Fragmento 4.3, fica sugerido, embora implicitamente, um desejo de igualar as oportunidades de meninos e meninas, já que o campeonato é aberto aos dois gêneros. O movimento demonstra, inclusive, um anseio de pensar na problemática das meninas de rua, que muitas vezes estão mais sujeitas à exploração sexual e à prostituição. Isso pôde ser verificado em alguns outros materiais divulgados, embora não seja sinalizado em nenhum dos textos aqui analisados.

O trecho em questão coloca as crianças em destaque, sinalizando o que elas farão durante o evento – buscar a glória e atingir seus objetivos. Novamente, as crianças são associadas ao sucesso e não ao fracasso, como pode se ver pelo substantivo ‘glória’ e pela expressão ‘atingir seus objetivos’.

Pela segunda vez (a primeira foi no vídeo *More than a game*), utiliza-se o substantivo ‘*heroes*’ como referente para as crianças de rua. Essa escolha é muito interessante e sinaliza um caminho de identificação positiva bastante expressivo. Ainda na mesma frase, a utilização do substantivo ‘*spotlights*’, que significa ‘*holofotes*’, sugere que as crianças de rua são especiais e merecem atenção, um lugar de destaque, ao contrário do que normalmente ocorre. O processo de reconstrução de identidades fica expressamente demarcado nessa passagem do vídeo.

²⁰ Para essas crianças, vai ser MAIOR, MAIS ALTO, MAIS FORTE.

Fragmento 4.3: *Teams of street children from 16 countries, girls, boys, looking for glory, achieving their goals, heroes will step at the spotlights*²¹.

Mais adiante, esse processo de construção de identidades positivas é complementado pela contraposição entre ‘*nobodies*’ e ‘*somebodies*’, com apoio da locução verbal ‘*will become*’. Trata-se de uma das passagens mais interessantes de todos os vídeos analisados durante este trabalho. Ao mesmo tempo em que faz uso do pronome ‘*somebody*’, mote de toda a campanha, o movimento consegue, em uma única expressão, resumir a essência de sua proposta: ser o agente que promove a mudança da identidade dessas crianças de ‘ninguéns’ para ‘alguéns’.

Fragmento 4.4: *Nobodies will become somebodies*²².

A Figura 21 demonstra as crianças de rua em uma das muitas cenas que denotam uma mudança em relação ao seu status social. Após o movimento, elas passam a participar de eventos oficiais, conhecer pessoas de destaque na sociedade e são vistas como aptas a discutir a problemática das crianças de rua. Na cena em questão, as crianças posam com um padre.

Figura 21 – Meninos de rua em foto oficial



²¹ Times de crianças de rua de 16 países, meninas, meninos, buscando glória, atingindo suas metas, heróis sob os holofotes.

²² ‘Ninguéns’ se transformarão em ‘alguéns’.

A possibilidade de que as crianças impactadas pelo movimento SCWC representem todas as outras crianças de rua é expressa pela escolha do verbo ‘*representing*’ para sinalizar que as crianças estão representando não apenas seus países, mas milhares de crianças de rua em todo o mundo.

Em relação à modalidade, a fala do movimento sinaliza alto comprometimento em termos epistêmicos, ou seja, o movimento não coloca em dúvida a capacidade de operar uma representação de todas as crianças de rua do mundo por meio das duzentas crianças que participam do evento.

Fragmento 4.5: *Street... Children... United...*

*Representing their countries and millions of street children across the world*²³.

O alto nível de comprometimento também está claro no fragmento seguinte. Notemos que o movimento não questiona qual é a copa do mundo que importa, não indaga o telespectador sobre a relevância do evento promovido pela FIFA. O movimento simplesmente anula a importância da Copa do Mundo da FIFA para assumir o papel de evento que realmente importa. Não há, na fala do movimento, a possibilidade de que ambos os eventos sejam importantes, há uma relação clara de apagamento.

Esse posicionamento é interessante e aponta para uma crítica bastante explícita a eventos como a Copa do Mundo, que geram riqueza por meio da exclusão. Por extensão, a crítica poderia ser estendida a outras ações inerentes ao capitalismo, que promovem a desigualdade de condições e de oportunidades. Trata-se de um discurso carregado de sentido ideológico.

O filme é encerrado com um convite, que sinaliza não apenas um desejo de que o telespectador participe fisicamente do evento, mas que também apoie a causa. ‘*Are you coming with us?*’ funciona como um fechamento que pede uma definição do espectador – afinal de que lado do jogo você está?

Fragmento 4.6: *This is the world cup that matters.*

*We are on the road to Rio. Are you coming with us?*²⁴

²³ Crianças... de rua... unidas... / Representando seus países e milhões de crianças de rua de todo o mundo.

²⁴ Esta é a Copa do Mundo que importa. Vamos rumo ao Rio. Você vem conosco?

Outras cenas que merecem destaque em relação à discussão que aqui propomos estão representadas nas Figuras de 22 a 24.

A Figura 22 mostra uma das plaquinhas utilizadas durante o evento SCWC, que expressa o direito à moradia e à alimentação. Esse tipo de placa é utilizado com frequência pelo movimento e, além de sinalizar cada um dos direitos das crianças, é importante também porque emprega a primeira pessoa do plural, novamente conferindo voz às crianças (*'we have'* – nós temos).

Nas figuras 23 e 24, uma recorrência: assim como no filme *'More than a game'*, o filme *'Road to Rio'* utiliza cenas de crianças em situação de miséria como elemento de persuasão para a participação da sociedade civil na iniciativa.

Figura 22 – Placas que enunciam os direitos das crianças



Figura 23 – Crianças com vestes sujas e rasgadas dormindo nas ruas



Figura 24 – Crianças pedindo esmolas



5.2.4 Análise do vídeo *You did this in 2014, thank you! I am Owais. I am somebody.*

O último vídeo de nossa análise assemelha-se em formato ao vídeo que apresenta a menina Crystal (segundo de nossa análise). Trata-se de um filme publicitário com caráter de minidocumentário, porque traz o depoimento de uma das crianças participantes do movimento.

Crystal, personagem do vídeo analisado anteriormente, participou da Copa em Durban, realizada no ano de 2010. O foco de sua fala foi um relato de sua vida, especialmente dos momentos difíceis passados no cemitério. No caso do vídeo ora analisado, a fala de Owais, um ex-menino de rua paquistanês, parece mais direcionada a mostrar os resultados do evento do que propriamente a detalhar sua vida enquanto vivia nas ruas.

O vídeo tem início com um *lettering* que apresenta o garoto e o designa imediatamente como o representante de 1,5 milhão de crianças de rua do Paquistão. É válido destacar, então, que neste vídeo o movimento opta por promover um processo de identificação positiva, já na primeira cena, conferindo poder e responsabilidade ao menino. O substantivo utilizado – *'journey'* (jornada) – estabelece uma relação de aproximação com o substantivo *'heroes'*, utilizado em duas ocasiões analisadas anteriormente.

Owais não teria apenas participado do evento, mas teria, segundo o movimento, empreendido uma viagem para mudar a vida de todas as crianças de rua de seu país, tal qual a odisseia de um herói antigo.

Fragmento 5.1: *This is the story of a former street child and his journey to change the lives of 1.5 million street children in Pakistan. This is Owais*²⁵.

Outro *lettering* exibido nesse filme se destaca por fazer referência aos meninos de rua como campeões (*'champions'*). A fala do movimento deixa claro que, ao participar do campeonato de futebol, esses meninos podem mostrar ao mundo que as crianças que vivem nas ruas podem ser campeãs. Trata-se de mais uma tentativa de subverter a ótica da sociedade em relação às crianças de rua, procurando adjetivá-las e referenciá-las com atributos positivos, quebrando estigmas e estereótipos negativos.

Fragmento 5.2: *Owais was one of 230 street children across 19 countries united in Rio de Janeiro, Brazil for the 2014 Street Child World Cup. Together they played football and showed the world that children who live on the streets can be champions*²⁶.

Em uma de suas falas, Owais utiliza três vezes o adjetivo *'happy'* (feliz), para se referir ao que sentiam enquanto participavam do evento. Ele afirma que as pessoas que estavam organizando o evento queriam que todos eles estivessem felizes. O garoto também relata que, quando seu time estava ganhando, eles se sentiam ainda mais felizes e relata felicidade também ao saber que havia uma multidão em seu país os apoiando.

A utilização do adjetivo *'feliz'* três vezes no mesmo fragmento denota um dos resultados imediatos do movimento, a transformação do estado de espírito dos meninos.

²⁵ Esta é a história de um ex-menino de rua e de sua jornada para mudar a vida de 1,5 milhão de crianças de rua no Paquistão. Este é Owais.

²⁶ Owais foi uma das 230 crianças de rua de 19 países reunidas no Rio de Janeiro, Brasil, para a Copa do Mundo de Crianças de Rua. Juntos eles jogaram futebol e mostraram ao mundo que as crianças que vivem nas ruas podem ser campeãs.

Outro adjetivo se destaca na fala de Owais – ‘*proud*’ (orgulhoso). Aqui se trata de um processo de construção positiva de identidade, conforme explicitado por Castells, já que a adjetivação parte do próprio menino e não do movimento (embora a mediação exista e não possa ser desprezada). A Figura 25 simboliza o orgulho dos meninos representando seu país.

Figura 25 – Seleção do Paquistão



Por fim, ainda no mesmo fragmento, é importante destacar alguns intensificadores que foram utilizados pelo menino para expressar seu sentimento em relação à participação no movimento.

O advérbio ‘*very*’ (muito) é utilizado duas vezes e há uma ocorrência de ‘*even*’ (com o sentido de ‘ainda mais’) e de ‘*more*’ (mais). Também foi utilizado um adjetivo que carrega sentido intensificador – ‘*huge*’, que significa imenso.

Fragmento 5.3: *Everyone at Street Child World Cup showed us that we were together and wanted us all to be happy. I really liked it and was very proud to represent and play for Pakistan. And when we were winning we were even happier and having more fun. We heard there was a huge crowd in Pakistan supporting us, this made us very happy²⁷.*

²⁷ Todos na Copa do Mundo de Crianças de Rua nos mostravam que estávamos juntos e queriam que todos nós estivéssemos felizes. Eu gostei muito disso e fiquei muito orgulhoso de representar e jogar pelo Paquistão. E quando estávamos ganhando, estávamos ainda mais felizes, nos divertindo muito. Ouvimos falar que havia uma imensa multidão no Paquistão nos apoiando, isso nos fez ficar muito felizes.

Mais uma vez em nossa análise, as crianças são referenciadas como heróis. Pela recorrência dessa construção, é possível perceber que essa referenciação (meninos de rua – heróis) é uma das estratégias mais adotadas pelo movimento para promover uma mudança de percepção da sociedade em relação a essas crianças. Trata-se de um discurso de iniciativa do movimento, já que todas as ocorrências da palavra ‘*heroes*’ se deram em falas do movimento e não nas falas das crianças.

Fragmento 5.4: *The team of former street children returned home as heroes and toured Pakistan*²⁸.

Na fala de Owais, destaque novamente para a palavra ‘*happy*’, que aparece mais duas vezes. Dessa vez, ela está acompanhada de ‘*excited*’, que descreve a sensação dos meninos ao retornarem ao Paquistão e serem recebidos por uma multidão no aeroporto. Enquanto o menino narra essa passagem de sua vida, são exibidas cenas da chegada ao aeroporto e das homenagens que receberam (Figuras 26 e 27).

Figura 26 – Chegada da seleção ao aeroporto



²⁸ O time de ex-meninos de rua voltou para casa como heróis e fizeram um tour pelo Paquistão.

Figura 27 – Meninos distribuem autógrafos para a multidão



Sua afirmação final nesse fragmento sugere a solução de um dos problemas das crianças de rua, o fato de não serem ouvidas. Owais sinaliza que, a partir de sua participação no evento, passou a ser mais ouvido e compreendido – ‘*thought more of me*’ (pensaram mais em mim) e ‘*listened to me more*’ (me ouviram mais), Figura 28, a seguir.

Novamente, há o uso de intensificadores, como ‘*very*’ (muito), ‘*more*’ (mais), ‘*how many*’ (quanta), ‘*so*’ (tão), ‘*even*’ (com o sentido de ‘nem’ ou ‘sequer’).

Fragmento 5.5: *When we arrived in Pakistan at Karachi Airport, we couldn't even take a step outside. We were so happy and excited about how many people were there to welcome us. It made us very happy. People thought more of me and listened to me more²⁹.*

²⁹ Quando nós chegamos ao aeroporto de Karachi, no Paquistão, nós não podíamos dar nenhum passo. Nós estávamos tão felizes e animados por tantas pessoas que estavam lá para nos receber. Isso nos fez muito felizes. As pessoas pensaram mais em mim e me ouviram mais.

Figura 28 – Owais em foto oficial, com governante de seu país



O fragmento a seguir indica que a repercussão do evento no Paquistão possibilitou a criação de uma resolução com o intuito de proteger as crianças que vivem nas ruas daquele país. Trata-se de uma espécie de prestação de contas do movimento, uma sinalização dos resultados obtidos com o torneio.

O trecho também mostra que o governo do país realizou uma aproximação com Owais e outros garotos do time. Essa aproximação fica expressa pela utilização dos verbos *'invited'* (convidou) e *'listened'* (ouviu). É interessante destacar aqui também que os meninos de rua, referenciados como “sem voz”, passaram a ter o poder de falar (*'talk'*), falando com ninguém menos que o governo paquistanês.

Fragmento 5.6: *The Pakistani Government invited Owais and the team to talk about the issues facing street children. The Government listened. They signed a resolution then and there to better protect street children living in Pakistan*³⁰.

Em sua fala final, no Fragmento 5.7, Owais relata que nunca imaginou que tudo isso seria possível e que pretende trabalhar pelas crianças que vivem nas ruas, realizando o mesmo tipo de ações que as promovidas pelo SCWC.

Como fechamento do filme, a fala de Owais é um testemunho positivo do trabalho da organização. Após referenciarem de forma positiva os meninos de rua

³⁰ O Governo do Paquistão convidou Owais e o time para falar sobre a questão das crianças de rua. O Governo ouviu. Eles assinaram uma resolução para proteger mais as crianças de rua paquistanesas.

em tantos materiais, o movimento recebe como contrapartida uma avaliação positiva emitida por um dos garotos assistidos. Não obstante o processo de mediação, que não pode ser esquecido, trata-se de uma indicação que fortalece a atuação da organização do evento.

Fragmento 5.7: *I could never have thought that was possible. For children still on the streets, I will work for them and God willing do the same things that Street Child World Cup has done for me and children like me³¹.*

Figura 29 – Meninos de rua participam de assinatura de documento oficial



Em relação à semiose, novamente é possível notar a distinção entre cenas em preto e branco e coloridas, ora com cores fortes, ora opacas, tal como no vídeo de Crystal.

Trata-se de um importante recurso semiótico na construção do sentido do discurso do movimento *Street Child World Cup*. Embora o estudo dos signos multimodais não seja o objetivo dessa dissertação, podemos argumentar que existe uma semiose em todo o discurso que fala do movimento.

Na Figura 30, é possível ver Owais, ainda criança, vivendo nas ruas. A cena aproxima-se do preto e branco, utilizando nuances escuras e sombras. A Figura 31, que mostra Owais, já mais crescido e vivendo em um abrigo, exhibe cores fortes e vibrantes.

³¹ Eu nunca poderia pensar que era possível. Pelas crianças que ainda estão nas ruas, vou trabalhar por elas e, se Deus quiser, fazer as mesmas coisas que o Street Child World Cup fez por mim e pelas crianças como eu.

Figura 30 – Owais vivendo nas ruas (cores opacas)



Figura 31 – Owais no abrigo (cores vibrantes)



Entendendo os sentidos como ação, como forma de interação social que coloca as vozes e as vivências em linguagens, em manifestações discursivas, o estudo dos dizeres publicitários desse movimento se voltou para a troca de mensagens de crianças, em diferentes contextos, capazes de evidenciar que a criança de rua tem sentimentos, sonhos, perspectivas; que ela é alguém com cidadania que deve ter sua fala valorizada na dinâmica dialógica transformadora da informação em linguagem persuasiva e, por seu turno, produtora de sentido dentro do circuito do conhecimento sobre crianças em situações de rua.

5.3 IDENTIFICAÇÃO POSITIVA: CRIANÇAS DE RUA COMO ALGUÉM

O mote central da campanha do movimento SCWC é retomado a todo instante nos vídeos publicitários do movimento. Além de ser proferida verbalmente, como no caso do início do vídeo *Road to Rio*, que estabelece clara relação dialógica com o poema estudado em nossa primeira análise, a sentença também aparece sendo proferida pelas crianças por meios multimodais.

Nos quatro filmes analisados, há cenas nas quais as crianças são diretamente relacionadas à sentença “*I am somebody*”. Em ‘*More than a game*’, uma criança negra é exibida, com um *lettering* colorido, afirmando que ela é alguém (Figura 32). Em ‘*Born in a cemetery*’, Crystal, a protagonista, aparece segurando uma pequena lousa com a sentença escrita em giz (Figura 33). No vídeo ‘*Road to Rio*’, um garoto aparece segurando uma faixa com os dizeres, tendo como fundo a cidade de Londres, na Inglaterra (Figura 34). Por fim, no vídeo ‘*You did this in 2014...*’, os meninos da seleção paquistanesa são fotografados em uma cena de comemoração e um *lettering* é exibido por cima da cena (Figura 35).

Trata-se da estratégia mais direta do movimento para tornar os meninos de rua pessoas com identidades positivas, que merecem ser vistas. Ao retomar esse conceito em todos os seus vídeos, o movimento pretende criar um sentido de unidade à campanha, mas, mais do que isso, pretende que o espectador se conscientize e mude sua forma de perceber as crianças que vivem nas ruas.

O alcance dessa e das outras estratégias utilizadas no material publicitário do movimento será discutido na próxima seção.

Figura 32 – Vídeo ‘*More than a game*’



Figura 33 – Vídeo *'Born in a cemetery'*



Figura 34 – Vídeo *'Road to Rio'*



Figura 35 – Vídeo *'You did this in 2014...'*



5.4 SINTETIZANDO E DISCUTINDO

Ao longo da análise empreendida neste capítulo, apontamos as cenas e falas que mais nos despertaram atenção, procurando nos deter na forma como foram estruturadas e nas intenções que poderiam residir em cada uma delas.

Sintetizando tudo o que foi visto, podemos dizer que o movimento se utiliza com frequência de imagens de crianças em situação de miséria, deitadas nas ruas, pedindo esmolas ou andando sem rumo, sempre para pontuar a realidade dessas crianças fora do movimento. Nessas situações, costuma optar por matizes de cores opacas, sem vida, procurando representar uma realidade crua, difícil. Em oposição, utiliza imagens de crianças muito alegres, celebrando, sorrindo, pulando, quando trata da ação do movimento SCWC em suas vidas.

Os elementos semióticos caminham junto com os elementos textuais para concretizar a mensagem que o SCWC pretende transmitir. Nossa análise procurou se concentrar nas categorias modalidade e avaliação, definidas por Fairclough, embora em alguns momentos tenhamos citado elementos linguísticos que podem integrar outras categorias (como o emprego de verbos, por exemplo).

Foi possível identificar que o SCWC utiliza-se com frequência da seleção lexical como aposta avaliativa, tanto para construir a identidade positiva das crianças, como para construir sua própria imagem. As palavras não são escolhidas ao acaso, são pensadas para promover a transformação social, objetivo da organização.

Refletir sobre essa transformação, porém, exige mais do que analisar os aspectos linguísticos e multimodais do nosso corpus. É necessário pensar na abrangência do movimento SCWC e na sua efetiva contribuição para a problemática.

Em alguns dos materiais, podemos ver o movimento mostrar mudanças efetivas nas vidas das crianças participantes, como também mudanças em leis, em procedimentos e na proteção dos direitos dessas crianças. Em um dos filmes, Owais, o protagonista, conta como passou a ser ouvido após participar do evento e como o governo mudou a legislação pertinente às crianças que vivem nas ruas do Paquistão. Nesse mesmo filme, é possível ver uma multidão esperando os meninos regressarem do evento, conferindo-lhes uma importância que provavelmente nunca tenham imaginado. No filme *'Road to Rio'*, o movimento mostra capas de jornais

eletrônicos repercutindo sobre a primeira copa, realizada na África do Sul. São jornais de diversos países, valorizando a iniciativa e as mudanças advindas dela.

Em 2014, como já citamos ao longo deste trabalho, a Copa do Mundo de Crianças de Rua foi realizada no Brasil. Como pesquisadora do tema, procurei estar atenta à repercussão da iniciativa na mídia brasileira. Nos meses que antecederam o evento e durante a sua realização, pouca foi a atenção dada pela mídia. Pequenas matérias jornalísticas em veículos de grande circulação, muitas vezes apenas com os dados informados pelo movimento à imprensa, por meio de *press releases*. Como as crianças que compunham a seleção brasileira vivem em Fortaleza, mesma cidade onde vivo, pude acompanhar um pouco mais de repercussão nos jornais locais: algumas entrevistas com os meninos, uma pequena cobertura nos dias que antecederam a viagem ao Rio de Janeiro, onde o campeonato foi realizado, e pouco mais que isso. Não vi nenhuma repercussão durante o evento nem ao seu final. Os meninos brasileiros foram eliminados durante o campeonato. Não ganharam o torneio e também não ganharam a atenção de seu povo.

A despeito da boa iniciativa e da consistente campanha publicitária, o tema não parece ser do gosto dos brasileiros. Certa vez, a jornalista Eliane Brum publicou em sua coluna eletrônica que todos os textos que escreve sobre moradores de rua são os menos lidos de seu acervo. O jornalista Marcelo Tas afirmou em uma ocasião, ao comentar sobre a Copa do Mundo de Moradores de Rua (Homeless World Cup), realizada em 2009, na Polônia, que o Brasil havia ganhado a copa e ninguém havia se dado conta. No mesmo texto, discorreu sobre a dificuldade para se obter patrocínio: os jogadores brasileiros foram os últimos a chegar ao campeonato, quando já não se acreditava mais em sua presença – atraso decorrente da falta de verba. Ao que parece, outras nações encaram esse tipo de iniciativa com mais disposição e bons olhos do que o Brasil. Por aqui, é possível até mesmo sediar o evento e falar muito pouco ou quase nada sobre, nos principais meios de comunicação. Esse é um indicativo de como as percepções negativas e a estigmatização da população de rua precisam de um longo caminho para serem revertidas. A iniciativa do movimento SCWC é válida, mas é pequena, diante do tanto que é preciso ser feito.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“De outro modo é inútil ensaiar na terra a alegria e o canto, / De outro modo é absurdo porque de nada vale se há uma criança na rua. / Importam duas maneiras de conceber o mundo: / Uma, ser alguém como as outras pessoas ou / Arrancar cegamente dos demais a bolsa. / E a outra, um destino de salvar-se com todos, / Comprometer a vida até o último naufrago.”

(GÓMEZ, 1980).

Neste trabalho, problematizamos a questão da identidade de crianças de rua, a partir da constatação da existência de uma estigmatização bastante negativa em relação a esses indivíduos e da análise de uma tentativa de subverter a estigmatização dominante e hegemônica.

Pudemos perceber, em nossa análise, que o movimento SCWC se utiliza de diversos recursos linguísticos e semióticos para operar essa tentativa de mudança, ainda que os efeitos sejam, em certa medida, pequenos face à generalização do estereótipo negativo. Os principais elementos utilizados pelo movimento em seu discurso publicitário são os modalizadores e os adjetivos positivos, que procuram substituir os adjetivos normalmente associados a esse público.

Pretendemos com o nosso trabalho, em primeiro lugar, divulgar a iniciativa do movimento, que consideramos extremamente válida, ainda que não se configure efetivamente como uma mudança social em grande escala. Ao analisar as falas do movimento e de algumas das crianças que dele fizeram parte, percebemos que existe, sim, uma modificação identitária, que se dá por via discursiva e material. Parte das crianças começa a se perceber como dona de uma identidade positiva e pode operar mudanças significativas em sua vida, com a mediação do movimento e das instituições que o compõem. O fato de a mudança acontecer para parte das crianças não altera o fato de que muitas delas permanecem na mesma situação após a participação nas copas de rua. Em nosso entendimento, porém, isso não anula o esforço do movimento, apenas o coloca em seu devido lugar: uma possível iniciativa para transformar vidas e não uma solução definitiva em escala global.

Durante nossa análise, verificamos que a publicidade do movimento SCWC cumpre dois papéis distintos: contribui para a arrecadação de fundos e procura instituir uma identidade mais humana, e até mesmo mais infantil para as

crianças e jovens que vivem nas ruas. Isso é feito por meio do silenciamento dos adjetivos pejorativos normalmente utilizados como referentes para esse público e por meio da identificação do telespectador com as histórias de vida dessas crianças. A estratégia de utilizar minidocumentários nos vídeos publicitários cumpre de forma bastante satisfatória esse objetivo, na medida em que cria empatia entre espectador e criança. Ao conhecer sua história de vida, o espectador pode passar a “se importar” e esse é o primeiro passo para uma mudança na forma de compreender a problemática e atuar em busca de sua solução.

Em nosso trabalho, infelizmente, não pudemos realizar a investigação etnográfica que pretendíamos. Entendemos, porém, que é um passo importante em nossa pesquisa e que deve colaborar de forma decisiva para compreendermos, inclusive, o alcance da iniciativa que estudamos. O trabalho etnográfico segue, então, como projeto para estudos que pretendemos realizar em um futuro próximo; quem sabe no doutorado?

Cientes da impossibilidade de abarcar tudo o que é relevante em um trabalho de pouco fôlego como uma dissertação de mestrado, encerramos esta etapa da nossa vida acadêmica satisfeitos com as primeiras descobertas aqui sinalizadas e ansiosos por pesquisas mais detalhadas que possam nos levar não só a conhecimentos mais profundos, como, principalmente, a atuações mais interventoras nessa realidade cuja solução julgamos ser papel de todos e de todas.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, María del Pilar Tobar. **Protagonismo face à inevitabilidade da violência**: vozes da rua em Ocas” e em O Trecheiro. 2012. 232f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- ADULIS, Dalberto. O papel da comunicação na captação de recursos. **Revista RITS**, 2002. Disponível em: <<http://www.rets.org.br/rits>>. Acesso em: 23 jun. 2014.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 2. ed. Trad. Valter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- ARCHER, Margaret. **Being Human**: The Problem of Agency. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as consequências humanas. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BERARDI, Leda (Org.). **Análisis Crítico del Discurso**: perspectivas latinoamericanas. Santiago: Frasis, 2003.
- BHASKAR, Roy. **The possibility of Naturalism**: a philosophical critique of the contemporary Human Sciences. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1989.
- BLACK EYED PEAS. Where is the love? Intérprete: Black Eyed Peas. In: BLACK EYED PEAS. **Elephunk**. Interscope, 2003, faixa 13.
- BLOMMAERT, Jan. **Discourse**: a critical introduction. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BOURDIEU, Pierre (Coord.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. **Contrafogos**: táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BRUM, Eliane. Perdi meu filho para o tráfico. **Revista Marie Claire**, Rio de Janeiro, 6 out 2006.
Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Marieclaire/0,6993,EML1289930-17401,00.html>>. Acesso em: 7 jul. 2014.

_____. A guria dos 7. **Revista Época**, Rio de Janeiro, 28 fev. 2011. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI214704-15230,00-A+GURIA+DOS.html>>. Acesso em: 20 out. 2014.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. **Identidades silenciadas e (in)visíveis: entre a inclusão e a exclusão**. Campinas: Pontes Editores, 2011.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis**. Edinbourg: Edinbourg University, 1999.

DONCASTER, K. Some reflections on relations of power between researcher and researched in a set of interviews. In: GIEVE, S. & MAGALHÃES, I. (Org.). **Proceedings of the 4th annual C.R.I.L.E. seminar**. Lancaster University, 1998. p. 71-79.

DUARTE, Letícia. O filho da rua. **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, 17 jun. 2012. Especial. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/pagina/filho-da-rua.html>>. Acesso em: 3 maio 2014.

ESPINHEIRA, Gey. A casa e a rua. **Cadernos do CEAS**, n. 145, 1993, p. 24-38.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. London: Longman, 1989.

_____. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

_____. Discurso, mudança e hegemonia. In: PEDRO, Emília Ribeiro (Org.). **Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional**. Lisboa: Caminho, 1997. p. 77-104.

_____. **Discurso e mudança social**. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

_____. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London; New York: Routledge, 2003.

FERNANDES, Rubem Cesar. **Privado porém público: o terceiro setor na América Latina**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara; Koogan, 1989.

GOHN, Maria da Glória. **História dos movimentos sociais**: a construção da cidadania dos brasileiros. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

GÓMEZ, Armando Tejada. Há uma criança na rua. Intérprete: Isabel Ribeiro. In: RAÍCES DE AMERICA. **Raíces de America**, 1980. Lado II, faixa 4.

GRAMSCI, Antonio. **A Gramsci reader**: selected writings 1916-1935. FORGACS, David (Org.). London: Lawrence and Wishart, 1988.

_____. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

HALLIDAY, Michael. **Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

_____. **Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1994.

HOBBSAWN, Eric. **Era dos extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUDSON, Mike. **Administrando organizações do terceiro setor**: o desafio de administrar sem receita. Makron Books: São Paulo, 1999.

IANNI, Octavio. Globalização: novo paradigma das ciências sociais. **Estudos Avançados**, v. 8, n. 21, 1994.

KOLLER, Sílvia Helena; HUTZ, Claudio Simon. Meninos e meninas em situação de rua: Dinâmica, diversidade e definição. **Coletâneas da ANPEPP**, v. 1, n. 12, 1996, p. 5-12.

KOTLER, Phillip. **Marketing para organizações que não visam o lucro**. Trad. H. de Barros. São Paulo: Atlas, 1978.

MAGALHÃES, Izabel. Por uma abordagem crítica e explanatória do discurso. **D.E.L.T.A.**, 2 (2), 1986, p.181-215.

_____. **Eu e tu**: a constituição do sujeito no discurso médico. Brasília: Thesaurus, 2000.

MANZIONE, Sydney. Meio ambiente e comunicação. In: QUINTEIRO, Eudosa Acuña (Org.). **Um sensível olhar sobre o terceiro setor**. São Paulo: Summus, 2006. p. 158-186.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MATTOS, Ricardo Mendes; FERREIRA, Ricardo Franklin. Quem vocês pensam que (elas) são? Representações sobre as pessoas em situação de rua. **Psicologia & Sociedade**, n. 16, 2004, p. 47-58.

MEURER, José Luiz. Ampliando a noção de contexto na linguística sistêmico-funcional e na análise crítica do discurso. **Linguagem em (dis)curso**, v.4, n. especial, 2004. p.133-157.

MONTAÑO, Carlos. **Terceiro setor e questão social**: crítica ao padrão emergente de intervenção social. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MORAN, José Manuel. **Mudanças na comunicação pessoal**. São Paulo: Paulinas, 1998.

MORE THAN A GAME. Produzido por Street Child World Cup. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Cyb-82dCN-4>>. Acesso em: 4 fev. 2014.

PARDO ABRIL, Neyla Graciela. **Como hacer análisis crítico del discurso**. Uma perspectiva latinoamericana. Santiago: Frasis, 2007.

_____. **Que nos dicen? Que vemos? Que és... pobreza?** Bogotá: Universidad Nacional de Colômbia, 2008.

PARDO, Maria Laura (Org.). **El discurso sobre la pobreza em América Latina**. Santiago: Frasis, 2008.

RAMALHO, Viviane. Diálogos teórico-metodológicos: Análise de Discurso Crítica e Realismo Crítico. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v.8, p. 78-104, 2007.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso (para a) crítica**: O texto como material de pesquisa. Campinas: Pontes Editores, 2011.

RAY, Patricia; DAVEY, Corinne; NOLAN, Paul. **Still on the street, Still short of rights**: Analysis of policy and programmes related to street involved children. New York: Plan&Consortium for Street Children, 2011.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise do Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

RESENDE, Viviane de Melo. **Literatura de cordel no contexto do novo capitalismo**: o discurso sobre a infância nas ruas. 2005. 240f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de Discurso e Etnografia**: o movimento nacional de meninos e meninas de rua, sua crise e o protagonismo juvenil. 2008. 226f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

RIFKIN, Jeremy. Identidade e natureza do terceiro setor. In: IOSCHOPE, Evelyn [et al]. **3º Setor: desenvolvimento social sustentado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 13-23.

ROAD TO RIO. Produzido por Street Child World Cup. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=k-IDujCHJGc>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

SANTOS, Milton. As formas da pobreza e da dívida social. In: 3ª SEMANA SOCIAL BRASILEIRA, Secretaria Nacional CNBB. **Anais**. Brasília, 1999.

SILVA, José Fernando Siqueira da. Algumas considerações sobre a questão da criança e do adolescente de rua. **Serviço social & Sociedade**, n. 43, 1993, p. 125-136.

SILVA, Denize Elena Garcia da. Identidades enfraquecidas versus cidadania cultural. In: Joachin Sèbastien (Org.). **Diversidade cultural, linguagens e identidades**. Recife: Elógica, vol. 1, 2007, p. 51-68.

SILVA, Denize Elena Garcia da; RAMALHO, Viviane. A pobreza no contexto brasileiro: da exclusão econômica e social à ruptura familiar. **Revista Iberoamericana de Discurso y Sociedad**, v.2, 2008, p. 265-296.

STREET Child World Cup. [Web site]. Disponível em: <<http://streetchildworldcup.org/>>. Acesso em: 19 fev. 2014.

THOMPSON, John. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

TIBURI, Márcia. Ninguém mora onde não mora ninguém. **Revista Cult**, 2011. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2011/03/ninguem-mora-onde-naomora-ninguem/>>. Acesso em: 20 fev.. 2012.

TODAY AT STREET CHILD WORLD CUP: Born in a cemetery. Produzido por Street Child World Cup. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=MNVg3vYttUI>>. Acesso em: 4 fev. 2014.

UNICEF. **Situação Mundial da Infância 2012: Crianças em um mundo urbano**. New York: United Nations Children's Fund, 2012. Disponível em: <http://www.unicef.pt/18/Relatorio_SituacaoInfancia2012.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2014.

VALENCIO, Norma Felicidade Lopes da Silva [et al]. Pessoas em situação de rua no Brasil: Estigmatização, desfiliação e desterritorialização. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 7, n. 21, p. 556-605, dezembro de 2008. Disponível em <<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/NormaArt.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

VAN DIJK, Teun. Social cognition and discourse. In: H. Giles & R.P. Robinson (Org.). **Handbook of social psychology and language**. Chichester: Wiley, 1989, p. 163-183.

VAN LEEUWEN, Theo. **Discourse and practice**: new tools for critical discourse analysis. New York: Oxford, 2008.

WODAK, Ruth. **Disorders of discourse**. New York: Longman, 1996.

_____. Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Linguagem em (dis)curso**. CALDAS-COULTHARD, C.R. & FIGUEIREDO, D. de C. (Org.). *Análise Crítica do Discurso*, v.4, n. especial, 2004, p 223-243.

YOU DID THIS in 2014, thank you! I am Owais. I am somebody. Produzido por Street Child World Cup.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=q4mVE2zmIFY>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

ZAZ. Les passant. Intérprete: Zaz. In: ZAZ. **Zaz**. Paris, 2010. Faixa 1.

ANEXO CORPUS VERBAL

Seção 'I am somebody' - Menu 'About us'

I AM SOMEBODY is our global campaign and is led by the children themselves. Identity and being heard were key themes from the Durban Declaration of 2010. The children spoke of the need to challenge the stigma associated with the term “street child”. Too often street children are denied their rights as children. They are seen as criminals without the potential to leave street life behind, they are viewed as waste or garbage and treated accordingly. We aim to challenge the negative stigmas of the term and give street children a platform to be seen as children with rights, pride and every one with a future away from the streets. With safety, rehabilitation, shelter and opportunities, **no child would be forced to live on the streets.**

I AM SOMEBODY is a statement with historical importance, it originated as part of the US civil rights movement in the form of a poem in Atlanta, Georgia in 1943. It was written by William Holmes Borders a Levitra Online Pastor challenging the stereotype held of African-Americans. It challenged the world and particularly America to stop negatively stigmatising and stereotyping African-Americans. It reminded the world of some of the greatest poets, authors, diplomats, composers and congressman all of whom were African American.

We draw great strength in this poem as we challenge the stigma around street children which means in the twenty first century that millions of children are vulnerable on the world's streets. The poem symbolises an approach of confidence, pride and identity, which reflects the young people we support.

A poem inspired by Revd W. H. Borders

I Am Somebody

I May Be Poor

But I Am Somebody

I May Be Young

But I Am Somebody

I May Be On the Street

But I Am Somebody

I May Be Small

But I Am Somebody

I May Make A Mistake

But I Am Somebody

My Clothes Are Different, My Face Is Different, My Hair Is Different

But I Am Somebody

I Am Black, Brown, White, I Speak A Different Language

But I Must Be Respected, Protected, Never Rejected

I Am A Child

I Am Somebody

ANEXO A

CORPUS VIDEOGRÁFICO

Transcrição do Vídeo *More than a game*

Nota sobre o vídeo: enquanto o texto a seguir é narrado em off, imagens de crianças de rua se sucedem. Primeiramente são imagens de crianças nas ruas, em situação de abandono. Depois, imagens das crianças participando do movimento Street Child World Cup.

[Áudio] Across the world, a generation of children are fighting to survive on the street, vulnerable to violence, rape, prostitution, drug abuse, HIV. If they make into adulthood, they face a devastating cycle of poverty and homelessness. No rights. No choice. No voice.

In 2007, four families visited a project in Durban to listen to street kids. They found hope, but they also found fear.

Children as young as 6 running from the child catchers, brutal police rund ups to clean the streets ahead the South Africa 2010 World Cup.

These families decided to do something: the Street Child World Cup. A place where street children could be children. Teams of street children came from around the world, meeting, celebrating, playing football, sharing their stories, demanding their rights.

In Durban, the declaration from each street child was clear: I am somebody.

And the world was watching. As a result, child rund ups in Durban stopped. They returned home as heroes. Their world was changed.

This is more than a game. This is the street Child World Cup. No child should live on the streets.

Transcrição do vídeo *Born in a cemetery*

I am Crystal. I was born in a cemetery. And I am somebody.

Some of the memories that I remember here at the cemetery is my childhood. We didn't have enough money to buy a food. When I was ten, somebody threw a firebomb when I was sleeping overthere. All my hair was burned, so it's very memorable to me. This is where I was born [mostrando um espaço do casebre localizado no cemitério], here is where my mother give birth to me. So, this is my father [apresentando um senhor com aparência muito pobre, muito sorridente, o sorriso mostra a ausência total de dentes]. He's a kind of a (incompreensível). I'm the one that is helping my family earn money. Here in the cemetery there is a lot of drug abuse, because I have a lot of friends that are using a sniffing glue. It's so sad to say that they are in heaven now. I'm very thankful that I am not using a sniffing glue. So, I'm the one that, here and now [visivelmente emocionada], so I'm am so thankful [chorando] because I escaped the street. That we are finding in freedom to speak, so I'm here speaking such a street child to help them, not only me. I feel that I am their voice, that I'm speaking what they are feeling, because I can feel what they feel. And now I am living here at Mango Tree House. Now I can study and do whatever I want. [câmera filma um cartaz, onde aparece o nome de Crystal e a profissão assistente social]. And I play football, it makes me feel happy, because I'm speaking about what I am, where I came from and saying 'I can to this. I can inspire the other children in the street. I can say: you need to stand up and show them that I'm not just a street child' [camera mostra Crystal segurando uma lousa, onde se lê I am somebody).

Transcrição do vídeo *Road to Rio*

[lettering]

Road to Rio

[áudio]

I am somebody (3x)

In 2010, *Street Child World Cup* stood up for kids on the street. And the world noticed. Their world changed. Runds ups of street children in Durban were permanently stopped. Lives were transformed.

In 2014, the eyes of the world will be on Brazil, spiritual home of football.

For the *Street Child World Cup*, the road to Rio has already begun.

For these children, it's going to be BIGGER, LOUDER, STRONGER.

Teams of street children from 16 countries, girls, boys, looking for glory, achieving their goals, heroes will step at the spotlights.

Nobodies will become somebodies.

Street Children United....

Representing their countries and millions of street children across the world.

This is the world cup that matters.

We are on the road to Rio. Are you coming with us?

Transcrição do vídeo *You did this in 2014, thank you! I am Owais. I am somebody.*

[lettering]

This is the story of a former street child and his journey to change the lives of 1.5 million street children in Pakistan.

This is Owais.

[áudio – legendado]

When I was young, I lived at home with my dad, younger brother and mum.

If I did anything wrong, I would get beaten.

Out of fear, one day I ended up running away from home.

To survive sometimes we would wash cars or collect scrap metal cans to sell.

At the start that's how it was.

When I was on the streets, Azad Foundation workers would try to talk to us and explain to us that we should come off the streets because it wasn't safe.

After that Azad Foundation told me that they had a rehabilitation centre.

If I stayed there, they could educate me.

And today I am in class 9.

I found out there is a Street Child World Cup.

A football tournament for street kids just like me.

[lettering]

Owais was one of 230 street children across 19 countries united in Rio de Janeiro, Brazil for the 2014 Street Child World Cup.

Together they played football and showed the world that children who live on the streets can be champions.

[áudio – legendado]

I went to Brazil for Pakistan with the Pakistani Team.

Everyone at *Street Child World Cup* showed us that we were together and wanted us all to be happy.

I really liked it and was very proud to represent and play for Pakistan.

And when we were winning we were even happier and having more fun.

We heard there was a huge crowd in Pakistan supporting us, this made us very happy.

[lettering]

The team of former street children returned home as heroes and toured Pakistan.

[áudio – legendado]

When we arrived in Pakistan at Karachi Airport, we couldn't even take a step outside. We were so happy and excited about how many people were there to welcome us. It made us very happy. People thought more of me and listened to me more.

[lettering]

The Pakistani Government invited Owais and the team to talk about the issues facing street children. The Government listened. They signed a resolution then and there to better protect street children living in Pakistan.

[áudio – legendado]

I could never have thought that was possible. For children still on the streets, I will work for them and God willing do the same things that *Street Child World Cup* has done for me and children like me.

[lettering]

I am somebody.

Please donate £5 to help street children, just like Owais, realise their dreams.

Text SOMEBODY to 70500